REVISTA DA SEMANA

ANNO XXVIII -- N. 23

28 de Maio de 1927

O sr. Harry Rogers, inspector do departamento de prevenção de incendios, de Chicago, é um abnegado funccionario que tem por missão especial percorrer as propriedades agricolas, fazendas e officinas espalhadas pelo immenso territorio, dando conferencias e instrucções praticas sobre os incendios, suas consequencias e modo de prevenil-os e atalhal-os. Um pouco excentrico em seus costumes, o sr. Rogers desdenha dos bondes e auto-omnibus do serviço publico, preferindo usar, nas suas continuas viagens, o minusculo carrinho electrico, para a sua pessôa apenas, que se vê na gravura.

DEZ ANNOS SEM DORMIR

Em Viatha, na Russia, falleceu o mez passado o advogado Bubinof que ha mais de dez annos não dormia.

Mobilizado para a Grande Guerra, o sr. Bubinof tomou parte nas hostilidades durante os dois primeiros annos.

Em 1917, durante um combate extraordinariamente mortifero, cahiu no campo de batalha, gravemente ferido. Na ambulancia a que sem demora foi transportado, verificou-se uma fractura do craneo que pouca esperança dava de cura. No emtanto, á força de cuidados, conseguiram os medicos salvar o sr. Bubinof. Mas nunca mais elle havia de dormir. Durante os primeiros tempos do seu novo estado, não soffria o sr. Bubinof em razão da falta de somno, nem sentia a menor necessidade de dormir. Ordinariamente, passava dez ou doze horas em estado de completa vigilia; permanecia depois alguns minutos num somno relativo e voltava a ficar dez a doze horas perfeitamente acordado. E isto durante mais de dez annos...

Até que adormeceu, duma vez.

BERLIM AMERICANIZA-SE

Eis o que a Chicago Tribune assignala, noticiando a acceitação, pelo Conselho Municipal de Berlim, da proposta duma companhia norte-americana.

Esta companhia offereceu-se para construir quatorze mil appartements mediante planos desenhados em Nova York. As casas assim construidas tornar-se-hão propriedade municipal ao cabo de vinte e oito annos. Exige, porém, a companhia que o aluguel dos appartements, durante esse periodo, lhe seja garantido aos preços que ella determinar.

Um dos logares escolhidos para edificação dos arranha-céos projectados é aquelle onde se erguem os hoteis Bellevue e Thiergarten, que foram a séde das commissões militares interalliadas.

PENSAMENTOS

A attracção e repulsão dirigem a evolução dos mundos. O amor e o dolo, que são as suas formas, dirigem a evolução dos seres.

*

Receita de felicidade: accredito no bem que tu fazes e naquelle que te desejam.

*

A paz existe nos lares onde um dos esposos toma a si todas as concessões mutuas.

Um casamento original em Paris. O sr. Emile Colasse e mlle. Domont, levados alegremente em carrinhos de mão á *mairie* do XII districto onde se celebrou o seu casamento por entre geral algazarra.

ASSIGNATURAS
52 numeros (Brasil)
Um anno 50$000
6 mezes.. 26$000
REGISTADA
Um anno 65$000
6 mezes.. 33$000

A decana das Revistas nacionaes
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911
Propriedade da Companhia Editora Americana
Praça Olavo Bilac, 12 e 14 --- Rua Buenos Aires 103
RIO DE JANEIRO
TELEPHONES Redacção e Administração, N 3660
Directoria, Norte 112
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO
DIRECTOR-RESPONSAVEL

ESTRANGEIRO
Um anno 65$000
6 mezes.. 35$000
REGISTADA
Um anno 80$000
6 mezes.. 43$000
Avulso... 1$200
Atrazada. 1$500

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXVIII || Rio de Janeiro, 28 de Maio de 1927 || NUMERO 23

NASCERA cégo: orpham da luz, prisioneiro das trevas... A infancia era-lhe triste, porque não podia lobrigar o céo, apenas aspiral-o no perfume das flôres e tacteal-o no seio materno que lhe déra leite e o embalava, e nas mãos de santa que o acariciavam e lhe guiavam os passos incertos e timidos de creança, céga de nascença e fragil pela edade e innocencia... Deram-lhe um nome, que seria um sarcasmo se não fôra lembrança de quem o trouxéra nove mezes no ventre e ainda o conservava nas entranhas divinas do coração: chamaram-lhe Helio.

O sol, que não poderia ver nem admirar, o illuminava desse modo, por suave bondade de sua mãe, que soffria ao vel-o privado da luz e chegava a sentir remorso de ter visão...

Que supplicio o dessa madre dolorosa, que contemplava o filho, sabendo, tendo a certeza torturante de não poder ser vista senão *presentida* por elle!

***

Maria da Luz, mãe de Helio, a creancinha cega, não era bella, mas tambem feia não era. (Não existe mulher feia, quando mãe, porque a maternidade a diviniza). Como soffria pela cegueira do ente que gerára! Vendo-o no berço, a sorrir a sua dôr inconsciente e ingenua de pequenino martyr, sentia ella toda a profunda angustia de sabel-o proscripto, para sempre, da luz, que é a presença do principio creador de tudo quanto vive, canta, ama e se move no Universo... Seu filhinho — desventurada mãe sem consolo! — jamais poderia fitar o sol e, peor, *vel-a*, verificar em seu rosto de madona da Tristeza, imagem tão seraphica pelo soffrimento, quanta ternura, quanto carinho e quanto de alma havia na luz de seus olhares maternos e no sorriso tão suave de sua bondade!

Permanecendo com os olhos semi-cerrados, palpebras immoveis a cobril-os com solicitude piedosa, Helio parecia estar sempre adormecido...

Fructo unico de um amor que já morrera, alegria exclusiva de sua viuvez, Helio viera ao mundo quando, de luto, chorava a morte do esposo, operario electricista, que trabalhava — quanta logica no destino cruel! — trabalhava na Light, como especialista no serviço de illuminação e que fallecera fulminado, numa noite aziaga, quando ligava fios para illuminar o parque de um palacete em Botafogo, onde se ia celebrar uma festa veneziana em lago artificial, para commemorar as bôdas de ouro do casal rico que habitava aquelle fausto...

Helio nascera-lhe tambem de luto, pois nascêra cégo! Trouxera-o, no periodo hibernal da gestação lenta e dolorosa, como si esperasse irromper de seu ventre um sol! E Helio, sua esperança e alegria unica, o thesouro de suas entranhas fecundas, viera á luz... sem luz!

***

Maria da Luz, logo depois do parto, não ligára importancia demasiada ao facto, suppondo-o accidente ou phenomeno passageiro, crise ephemera e sem graves consequencias, explicavel em vida tão tenra ainda, e passivel de cura.

Mas, mezes após, um medico, que por caridade o examinara, teve a brutal franqueza de positivar-lhe o mal irremediavel, dizendo-lhe friamente que a creança estava cega para a vida inteira, porque já trazia, no periodo embryonario da gravidez, aquella condemnação original e absoluta.

Foi uma dor tamanha que lhe seccou os olhos de mãe, tantas foram as lagrimas choradas em silencio, emquanto a creança, rindo como boneca humanizada, numa graça insonte de ave inquieta, lhe sugava nos seios o mel branco do leite...

Cresceu rosado e forte o bambino louro e lindo, que suggeria um anjo pincelado por Murillo. Dir-se-ia o garrulo e minusculo Cupido, anjo pagão do Amor, de olhos vendados!

***

Helio, aos tres annos de edade, nedio e esperto, já pronunciava, com infinita delicia para os ouvidos maternos, algumas palavras por metade, obscuras de sentido, mas luminosas de expressão para quem lhe sabia decifrar, por divina intuição de madre, a sonora e encantadora algaravia... Uma noite, saltando do berço para o collo de Maria da Luz, Helio, depois de beijal-a, lhe fez esta pergunta:

— Mamãe é bonita?

E a Mãe, chorando, enxugando a luz liquida do pranto, lhe respondeu tristemente:

— Sou muito feia, porque a minha belleza está em ti!

A creança céga não comprehendeu. Mas, com a sabedoria innata dos seres innocentes, sorriu... Depois de um curto silencio, o menino disse:

— Porque não te vejo, mamãe?

— Deus que está no ceu, filhinho, te abrirá os olhos, um dia, e então me verás!

Aquellas palavras cheias de fé, proferidas em um tom prophetico, como oraculo de um coração, calaram fundo na alma da creança.

— E Deus ha de ser tão bello como a mamãe!

— Deus é bello porque é bom...

E Helio, que não *via* Deus, como nós o não vemos, sentiu a caricia de Deus, como nós tambem sentimos...

***

De outra vez, estando Helio á porta da casinha em que sua mãe morava, casebre de morro, numa zona agreste dos suburbios, interrogou de novo:

— Que é uma estrella, mamãe?

Maria da Luz, surprehendida por aquella pergunta extranha e inesperada, que a despertava de uma concentração profunda pois vivia sempre em calada e pensativa angustia, no extase dolorido da scisma, fingiu não ter escutado.

E o filho insistiu, acariciando-lhe o rosto:

— Que é uma estrella?

Novo silencio.

— Uma estrella é cousa bonita?

— Não me faças perguntas, assim, querido.

— E' um brinquedo? Quero ver uma estrella!

— Socega, filhinho.

— Quero vel-a, mas não posso!

E Helio ficou triste, resmungando o seu desejo impossivel.

A mãe, que a custo continha a sua emoção, chorou copiosamente, cahindo lagrimas a fio de seus olhos marejados de pranto. E uma lagrima de Maria da Luz pingou sobre a face rosea da creança cega e a illuminou...

Helio então, com uma alegria infantil, exclamou radiante.

— *Vi* uma estrella!

***

Chegou o mez suave de Maria, o mez das rosas, das mães, dos poetas, das estrellas e das creanças. Mez de Maio do anno de 1925, do Anno Santo.

E Maria da Luz, com a sua fé, a sua dôr e a sua humildade, presentiu a hora da sua felicidade, o divino momento de receber um sorriso de Deus, pelo coração de Maria, mãe de Jesus e mãe da Terra.

As rosas plantadas no seu jardimzinho, unico luxo de sua habitação pobre; as rosas vermelhas, unica tonalidade alegre de sua viuvez, as rosas colhidas pela manhã, ella as collocou num vaso tosco perto da imagem de Nossa Senhora, que se erguia, num pequeno retabulo á cabeceira de sua cama, proxima do berço do filho.

***

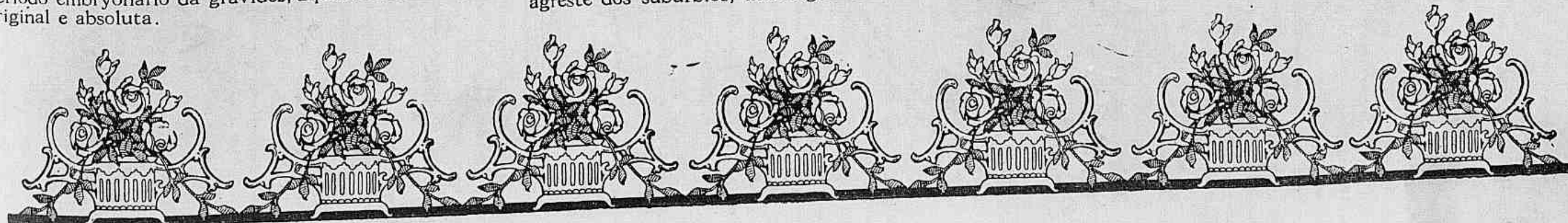
Na manhã de 15 de Maio de 1925, antes de romper o sol, foi buscar rosas frescas para a mystica offerenda. Voltou, momentos depois, com a leve carga e, numa oração sem palavras, de olhos e alma concentrados no divino semblante da mãe misericordiosa, que tambem tanto soffrera na terra, pediu á Virgem, com as mãos em cruz e os labios em osculo, que naquelle dia, anniversario de seu filhinho cego, lhe fizesse como presente o milagre de lhe dar a luz que ella — pobre mãe! — não lhe déra, não pudéra dar-lhe ao nascer!

A creança adormecida no berço sorriu ao primeiro raio de sol que entrava, como caricia do ceu, por uma fresta, e abriu docemente os olhos, numa alegria de ave, balbuciando:

— Mamãe! Eu te vejo, mamãe!

Realizara-se o milagre...

Saul de Navarro

(Escripto na manhã de 3 de Maio de 1927, na terceira rosa matinal do mez de Maria).

A Esmeralda

– Conto –
de
Claude Orval

A ENTRADA do conde João de Melville no salão do Casino provocou uma alvoroçada curiosidade. Todos os jogadores, até os mais encarniçados, se levantaram, se precipitaram, de mão estendida:

— Já de volta de Paris? E então? Boa viagem?

— Excellente... Muito obrigado.

— E diga-nos, caro amigo: E' verdade o que por ahi dizem? Que o senhor comprou a famosa esmeralda?

— Perfeitamente verdade. Aqui está ella.

João de Melville estendeu a mão direita. No dedo annular, brilhava, admiravelmente limpida, uma esmeralda.

— Soberba! Explendida! exclamaram em volta.

— E não receia, preguntou depois uma voz isolada, juntar o seu nome á lista funebre?

— Que lista?

— Ora vamos, caro amigo, não ignora de certo a lenda que anda ligada a essa pedra... E' uma esmeralda que dá azar. Todos os que, até hoje, a têm possuido morreram de morte violenta.

De Melville sorriu discretamente.

— Acho graça a essas superstições... Estou convencido de que essa fallada influencia malefica não é senão uma série de factos naturalissimos, facilimos de explicar. Só mãos de homens criminosos determinaram essas mortes tragicas. Naturalmente, uma pedra destas chama a attenção, desperta as cobiças mais perigosas... E dahi as catastrophes que não foram, afinal, senão outros tantos delictos.

— A sua hypothese tem talvez razão de ser a respeito dos objectos do valor dessa esmeralda... Como, porém, explicar as desgraças que succedem aos donos de verdadeiras bugigangas, objectos sem nenhum valor apreciavel?

— Para esse casos, replicou De Melville, tenho egualmente um raciocinio simples, espontaneo... Os possuidores de taes objectos tornam-se victimas duma especie de auto-suggestão. Acabam deixando-se impressionar pela lenda de que zombaram, adquirindo o objecto suppostamente fatal. Façam esta supposição naturalissima e tudo poderão explicar. A vida da gente depende, ás vezes, de qualquer coisa... Imaginem que, num caso grave, um desastre por exemplo, a auto-suggestão de que se trata influe no individuo ameaçado; o resultado é que elle soffrerá um desanimo, uma hesitação, momentanea embora, sufficiente, em todo o caso, para tornar inutil o gesto que, feito a tempo, lhe salvaria a vida.

Na mesma noite, estava João de Melville escrevendo umas cartas no seu gabinete-bibliotheca, quando entrou Jorge Brennes. Seu sobrinho unico, seu unico herdeiro naturalmente indicado, Jorge Brennes formada com De Melville num perfeito contraste. Era de baixa estatura, franzino e pallido, ao passo que o conde ostentava uma robustez magnifica e as mais bellas cores de saude.

A entrevista foi curta. A uma nova solicitação do sobrinho, De Melville respondeu com uma negativa formal. Estava cansado daquelles peditorios e da existencia estupida que elles alimentavam; e acabou dizendo positivamente a Jorge que, para tal fim, não mais contasse com elle.

O conde escreveu até tarde. Davam duas horas quando começou a arrumar os papeis que separara, anotara. Ao fechar uma gaveta, at-

Senhorinha Esperanza Luciano Lontegui, da sociedade de Paysandú (R. O. do Uruguay).

O Padre e o Medico no Brasil

Este é o titulo de um bello Livro, que tem tido enorme circulação em nosso paiz.

Delle transcrevemos o seguinte Capitulo, verdadeiramente sensacional.

* * *

Devo, logo no começo, explicar a razão deste Livro.

Moro em Nova York, nos Estados Unidos da America do Norte, onde tenho a honra de ser Director da Fiscalisação da Propaganda do Dr. J. Gesteira, o eminente inventor do "*Regulador* **Gesteira,**" "*Ventre-Livre*" e "*Uterina,*" esplendidos remedios, os unicos remedios brasileiros que se vendem de verdade e de uma maneira surprehendente nos mais adeantados paizes do Mundo.

De todos os seus empregados, por ser o mais resistente, fui eu o escolhido pelo Dr. J. Gesteira para visitar todos os paizes da America, desde o Canadá, ao Norte, até Punta Arenas, no extremo sul da America do Sul, afim de fiscalisar a sua enorme e tão intelligente propaganda.

No desempenho desta delicada incumbencia, fiz observações interessantes, algumas bem extraordinarias, que julguei conveniente publicar.

Eis a razão deste Livro.

De tudo que vi, nesta tão longa viagem de cinco annos, em que soffri todos os climas imaginaveis, desde o frio de muitos gráos abaixo de zero, no Canadá, aos calores asphyxiantes do verão em Asunción (Paraguay), Chaco (interior da Argentina) e Corumbá (Matto Grosso), de tudo que vi e observei, o que mais me impressionou, e devo declarar, o que mais me encheu de horror e indignação foi ter notado que em alguns paizes atrasados, por mim visitados, até Padres e Barbeiros fabricam e annunciam remedios para a cura de todas as molestias.

Não são remedios, mas sim drogas perigosas, beberagens torpes ou pilulas repugnantes, etc., etc., que felizmente ninguem compra e apezar disto elles continuam annunciando, com revoltante desassombro.

Foi este o facto que mais me surprehendeu e irritou.

Um absurdo, um escandalo, que assume as proporções de um crime e que eu censuro e condemno com todas as minhas energias.

Os verdadeiros homens de sciencia bem sabem quanto é difficil descobrir um bom remedio.

São annos e annos de estudos e trabalhos, que consommem todo o tempo do Medico e que quasi nunca são coroados de exito.

Não basta ser Pharmaceutico, não basta ser Medico ou Doutor em Medicina, para que se possa descobrir um remedio.

São indispensaveis observações demoradas, persistentes, tenazes, que gastam e torturam a vida inteira do inventor.

Tornam-se imprescindiveis os estudos completos, profundos e extenuantes de certas especialidades clinicas, justamente as mais difficeis da Medicina e que só podem ser vencidas pelos Medicos Especialistas de grande intelligencia.

E quasi sempre, depois de muitos annos de esforços e luctas fatigantes, nada se consegue descobrir.

Além disto, quando se tem a rara felicidade de descobrir o remedio, ha outra difficuldade enorme a vencer: encontrar dinheiro sufficiente para a fabricação boa e consciensiosa.

A primeira condição é fabricar bem o remedio, com todo cuidado, com todo escrupulo, com consciencia, de maneira que elle possa ser usado com inteira confiança pelos doentes.

Para fabrical-o bem, torna-se preciso um enorme emprego de dinheiro, destinado á obtenção e conservação rigorosa de todos os seus elementos componentes e tudo ainda que é indispensavel aos processos mais aperfeiçoados da preparação scientifica, a unica que inspira confiança ao verdadeiro medico.

Para que o povo forme uma ideia disto, basta dizer que na fabricação dos remedios do Dr. J. Gesteira, o "*Regulador* **Gesteira,**" *Ventre-Livre*" e "*Uterina,*" empregam-se todo anno, no Brasil, mais de seis mil contos de reis!!

Mais de Seis Mil Contos de Reis, por anno!

E isto só no Brasil.

Nos Estados Unidos da America do Norte, em Nova York, para fabricar estes mesmos remedios do Dr. J. Gesteira, o emprego de dinheiro é muitissimo maior, atingindo actualmente a muitos milhões de dollares, cada anno.

Por ahi se vê quanto é difficil a descoberta e depois a fabricação de bons remedios, e como são ridiculos e tolos certos annuncios que lemos todos os dias.

* * *

Mas, de tudo que presenciei em minhas viagens pelo Brasil, o que mais me commoveu e emocionou, o que mais fundo tocou o meu coração e mais me fez vibrar de enthusiasmo, foi o desprendimento, o desinteresse, a exemplar acção humanitaria dos Padres e Medicos brasileiros.

Foi, para mim, um conforto e um estimulo verifical-o.

O Padre brasileiro é digno da gratidão nacional!

Por todas as paragens bem distantes onde andei, tive as melhores opportunidades de testemunhar, com serenidade de animo, o quanto deve o Brasil aos esforços dos nossos Padres.

Depois do que vi, affirmo que o Brasil pode orgulhar-se dos Padres que possue.

São esplendidos factores do nosso progresso e da nossa cultura; são os melhores educadores do povo.

Tambem os Medicos, os nobres Medicos brasileiros!

Pelo interior dos Estados, em penosas travessias, pude admirar como trabalham os nossos medicos.

São os mais generosos e desinteressados do mundo!

Foi o Brasil o paiz onde vi medicos mais caridosos, mais amigos dos logares onde clinicam e sem preoccupação nenhuma de dinheiro.

Muitos clinicos velhos conheci que estão pobres, depois de uma vida inteira a tratar os doentes.

Com frequencia, morrem em extrema pobresa, após longos annos de trabalhosa e ingrata clinica!

Vou contar o seguinte facto, tão eloquente!

Em um logarejo de Minas Geraes tive a ventura de conhecer um Medico ainda moço, intelligentissimo, e um espirito do mais alto saber.

Ali vive feliz, pobre, sem conforto e a curar doentes que nunca lhe pagam os trabalhos arduos.

Um dia, commovido pela sua bondade e encorajado pela familiaridade com que me distinguia, disse-lhe: "Doutor, com o seu talento, a sua sciencia, seu amor a sua profissão, o Senhor devia procurar uma grande cidade, onde podesse ter mais brilhante futuro."

Rio-se o sympathico Medico e respondeu: "Já estou aqui ha quinze annos e esta parte do Brasil, por ser a mais abandonada dos poderes publicos, é justamente a que mais merece a minha dedicação; daqui não sahirei e aqui espero ser enterrado."

Que dignificante desprendimento!

Que belleza de vida! Que grande exemplo!

E assim são os Medicos brasileiros, os nobres Medicos brasileiros!!

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Estrangeiros.)

Um Aviso

Todos os outros Capitulos são tambem muito importantes e devem ser lidos com a maior attenção.

Quem quizer receber, de presente, este Livro, escreva ao *Dr. J. Gesteira, Avenida de Nazareth n. 95, Belém, Estado do Pará.*

Não precisa mandar sello do Correio.

Pede-se somente que sejam escriptos, de maneira bem legivel, os nomes da pessoa, da cidade, villa ou logar onde mora, do Estado, da Rua e tambem com todo cuidado o Numero da Casa, afim de evitar qualquer engano de endereço.

Sinhorinha Maria Esther Baptista, filha do opulento estancieiro uruguayo sr. Braulio Baptista e um dos ornamentos da sociedade de Paysandú.

trahiu-lhe o olhar o reflexo vivo da esmeralda. Tirou o annel e approximou-o duma lampada. A gemma lampejou sob a luz electrica. De repente, De Melville teve um sobresalto: um passo leve deslizava sobre o tapete do aposento visinho. O conde pousou a cabeça no braço estendido sobre a meza, cerrou os olhos, fingiu-se adormecido...

A porta abriu-se lentamente e appareceu Jorge Brennes. Ficou immovel alguns segundos e depois adeantou-se cautelosamente, sem o menor ruido. Chegado junto á escrivaninha, debruçou-se... No dedo do conde, a esmeralda fulgurava...

De Melville estremeceu. A luz crua da lampada modelava ferozmente a face inclinada sobre a joia magnifica. Um rictus de cobiça convulsionava as feições de Jorge Brennes; e nos seus olhos ateava-se um clarão sinistro... A sua mão rastejou por cima da meza, crispou-se no cabo duma faca de abrir livros, aguda como um punhal... João de Melville teve uma especie de suspiro rouco e levantou a cabeça. Durante alguns segundos, reinou um silencio pavoroso. Por fim, Jorge balbuciou :

— Essa esmeralda é realmente admiravel. Desculpe, meu tio. Não tendo podido conciliar o somno, vinha aqui buscar um livro. Mas os reflexos dessa pedra obrigaram-me a vir até aqui para a ver de perto.

Deante do olhar fixo do conde, Jorge retirou-se, gaguejando vagas desculpas.

Uma vez sozinho, De Melville abysmou em reflexões. Assim, pois, elle tinha razão... A esmeralda desafiava, fascinava os criminosos; e sempre mãos cobiçosas e crueis apanhariam do chão ensanguentado aquella pedra maldita... Sempre? Não. Elle saberia fazer a tempo o gesto salvador e definitivamente poria termo á lenda de desgraça e morte. Ninguem tornaria a ver aquella esmeralda.

No dia seguinte, logo de manhã, João de Melville tirou o auto do hangar e ia pôl-o em movimento quando avistou, alli perto, o sobrinho. Jorge deu um passo para se retirar; mas já o conde o chamava :

— Jorge! Anda dahi tambem.

— Mas meu tio...

— Não ouviste? Vem commigo!

— Peço perdão, mas não posso. Combinei uma entrevista da maior importancia...

— Faltarás a ella. Vamos.

— Não, não!

Mal porém, elle pronunciara os dois monosyllabos, já De Melville descendo do automovel o agarrava por um braço, energicamente. O conde impelliu o sobrinho, fel-o sentar-se ao lado do volante; e poz o carro em marcha.

O automovel tomou a estrada que seguindo pelas dunas se estende, em voltas de serpente, a grande altura sobre o mar. Brennes tentou ainda um movimento para fugir, mas a mão do tio immobilizou-o na almofada.

O carro venceu, a toda a velocidade, o perigoso caminho que em cada curva, parecia interrompeu-se, acabar á frente das rodas vertiginosas. Jorge Brennes tremia; e no seu rosto reflectia-se um desvairado pavor.

Subitamente, De Melville soltou um grito... O carro deixara de obedecer ao volante... O conde olhou a face transtornada do sobrinho e comprehendeu.

— Miseravel! Foste tu... Bandido!

O carro cambaleou terrivelmente. De Melville arrancou a esmeralda do dedo e atirou-a ao mar. Houve uma especie de choque, dois gritos, e o automovel, rebentando o fragil parapeito da estrada, tombou no abysmo.

A NOVA ESTAÇÃO

Já se fazem ver os modelos coloridos para a primavera nos circulos frequentados pelas pessoas que se vestem bem, e pode-se notar o advento de uma nova estação pelo tom claro dos trajes masculinos.

Aqui vão, para exemplo, alguns delles. Vi um cavalheiro elegantemente trajado com um terno cinzento azulado, sobretudo de pello de camello, chapéu pardo claro

com aba descida, camisa azul-claro com collarinho da mesma fazenda e foulard lavrado com salpicos roxos sobre o fundo azul e branco. Completavam o vestuario luvas pardo-escuro.

Outro trazia um terno cinzento claro com listas brancas, com capote azul, chapéu cinzento claro ,camisa amarello pallido com collarinho egual e gravata de foulard com desenhos vermelho e preto sobre o fundo amarello vivo.

MANUAL DO BOM TOM

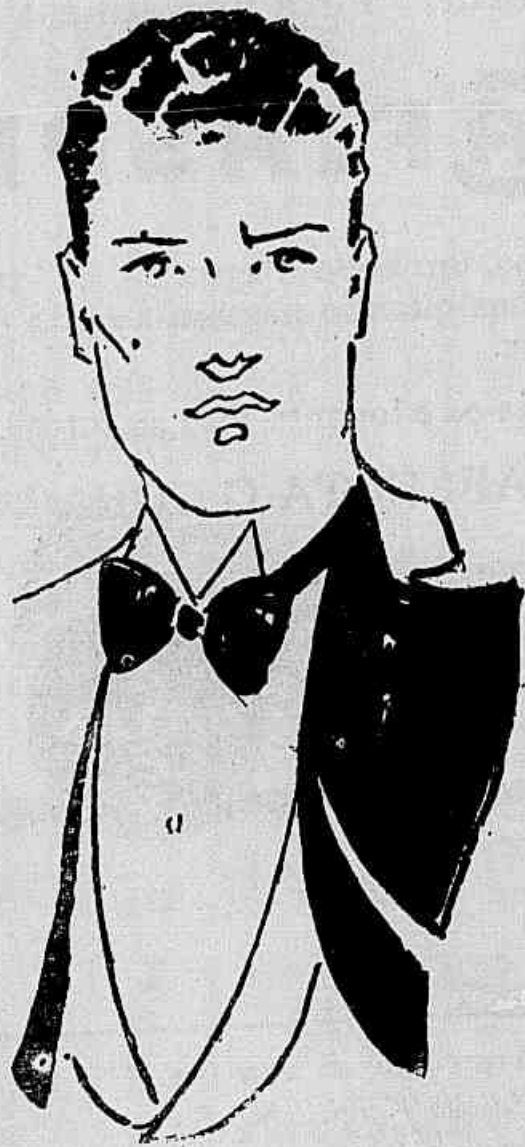
Da chusma de cartas e telephonemas recebidos contendo consulta sobre o vestuario indicado para diversas occasiões sociaes, cheguei á conclusão de que talvez não fosse má ideia expor aqui em resumo as occasiões solemnes e semi-solemnes e o traje que ellas exigem.

Theatro — Sem rigor: qualquer terno escuro, preferivelmente um collarinho duro; sendo porém admissivel o molle se a pessoa o usa habitualmente.

Theatro — Meio rigor: smoking, com collete branco ou preto, gravata preta, sapatos de verniz pretos, ou de entrada baixa, e camisa branca de peito engommado, com collarinho de pontas viradas.

Theatro — annunciado como de rigor,

precedido de banquete — casaca, cartola etc.

Vesperaes de semi-rigor, chás, recepções etc. — calças de listas, paletó, camisa de peito engommado, collarinho de pontas viradas e gravata typo borboleta.

O terno pode ser tambem completo e escuro.

Vesperaes de rigor, terminando antes das seis horas (estão incluidos ahi os casamentos) — calças listadas, fraque, camisa engommada, collarinho de pontas viradas, gravata cinzento preto, polainas e chapeu alto.

Casamentos e bailes a rigor á noite: casaca. O smoking é raramente usado em casamentos realizados á noite, salvo por previa combinação.

O smoking nunca é usado antes das 6 horas.

MILAGRES DE ALFAIATE

Sabe o leitor quantos recursos tem o seu alfaiate para prolongar a vida do seu melhor e talvez unico terno de verão?

Está claro que esta secção não foi contratada pela associação de alfaiates para fazer-lhes reclame, mas o leitor talvez se interesse em saber que o alfaiate possue certos segredos que só podem redundar em vantagem para seus freguezes.

Em primeiro logar, entregando-se-lhe o terno periodicamente e com regularidade, elle o passará a ferro, o que já é de si uma condição de vida longa para o terno. Depois, limpando-o com frequencia e tendo com elle o necessario cuidado, poupará o leitor a despesa de o mandar submetter a um "nettoyage á sec".

O alfaiate verificará se os botões se acham seguros e, se o não estiverem, reforça-los-ha, providenciando igualmente no caso de um punho poido ou de um bolso rasgado. Quanto ao estado do punho, é cousa que a propria pessoa poderia notar; mas poderia usar o paletó dias e dias sem se aperceber de que o canto do bolso, por exemplo, estava descosido.

Quando as calças ou a manga do casaco se acham gastos ou mesmo rotos, é de vêr o milagre operado pelo alfaiate ao concertal-os. Todas as roupas possuem ensanchas mysteriosas que se podem aproveitar para remendar ou reforçar o ponto fraco. Hoje em dia já não se vêem os antigos remendos grosseiros que tanto afeiavam as roupas. O alfaiate moderno é tão habil em seus concertos que um terno estragado resurge novo de suas mãos.

PETER GREIG

(Serviço do *Bell Features Syndicate Inc.*)

A ATTITUTE NAPOLEONICA

Na attitude tão glosada e decantada pelas bellas artes como pela literatura, qual das mãos Napoleão realmente costumava enfiar por entre os botões do collete: a direita ou a esquerda?

Tal a questão estabelecida pelo Intermédiaire des Chercheurs et Curieux. A iconographia, consultada a tal respeito, variou as suas respostas. Os pintores Ingres e Charlet optaram pela mão esquerda; a maioria dos outros artistas, porém, preferiram a direita. Estão nesse caso Raffet, Delaroche, Meissonier, Isabey e David, estes dois ultimos pintores officiaes do Imperador.

Recorreu-se ao exame dos colletes de Napoleão, dos quaes alguns se abotoam da direita para a esquerda, outros no sentido contrario, e ha outros ainda com duas ordens de botões e podendo portanto ser abotoados num ou noutro sentido. A suprema complicação do problema trouxe-a, porém, uma lithographia de Maurin, na qual, estando o collete abotoado á esquerda, o Imperador enfia nelle a mão direita. E se, depois disso, os pesquizadores da attitude napoleonica não desitiram é porque, decididamente, não tinham mais que fazer.

Senhorinha Francisca Pereira da Costa, filha do dr. J. Pereira da Costa, consul do Brasil em Paysandú, Republica O. do Uruguay, e antigo deputado federal pelo Rio Grande do Sul.

GUILHERME II VOLTARÁ Á ALLEMANHA

Numa exposição que recentemente fez ao Reichstag, por occasião da discussão do orçamento do Interior, o ministro Kendell não fez a menor allusão ao caso da prorogação eventual da lei sobre a protecção da Republica, lei que expira a 22 de Julho deste anno.

O artigo 23 dessa lei estabelece que a residencia na Allemanha de membros de antigos familias reinantes pode ser prohibida ou limitada, se della resultar qualquer perigo para a Republica. Por occasião de se concluir o accordo entre a Prussia e os Hohenzollern, no anno passado, tratou-se

mais uma vez da questão da volta de Guilherme II á Allemanha. E o gabinete Marx resolveu não autorizar esse regresso.

Agora, annuncia a Voss Zeitung que, nas rodas parlamentares, se assegura que os membros nacionalistas do governo apresentarão um projecto de lei no sentido do citado artigo 23, isto é estabelecendo em principio a possibilidade da volta de Guilherme II. E o mesmo jornal registaos boatos segundo os quaes o ex-kaizer aguarda apenas que expire o prazo da lei sobre a protecção á Republica, para transferir o seu domicilio para Hamburgo.

HISTORIA DUMA RELIQUIA

Foi recentemente vendida a um ricaço norte-americano pela bella somma de 2000 libras esterlinas uma mecha de cabellos de Beethoven. A historia dessa madeixa é bastante curiosa.

Assim que Beethoven soltou o ultimo suspiro, o poeta Anton Santer cortou uma mecha dos seus cabellos em presença do dr. August Schmidt, conhecidissimo em Vienna, e do compositor Seraf Franz Hoezl. Passados alguns annos e mediante o consentimento dos outros dois amigos, tornou-se a reliquia propriedade exclusiva de Hoezl que, em 1840, pouco mais ou menos, foi residir em Fecs, na Hungria, e assumiu a direcção dos coros da Cathedral. Pelo centenario do nascimento de Beethoven, houve em Fecs um grande festival. E a Sociedade Coral da Cathedral deu tão excellente ideia da musica beethoveneana que Hoezl, num impeto de enthusiasmo, lhe fez presente da madeixa preciosissima. A Sociedade conservou-a, como o thesouro mais valioso, até 1910. Nessa data, todos os documentos e curiosidades pertencentes á Coral de Pecs foram transferidos para o Museu Municipal, inclusivamente os cabellos de Beethoven, agora adquiridos pelo millionario yankee.

FIDELIDADE

Um Hindu vestido de branco entrou, numa tarde do mez passado, na Repartição dos Matrimonios de Philadelphia. Levava comsigo um lindo cofre que apresentou ao funccionario competente, dizendo:

— Estão aqui as cinzas da minha noiva. Tinhamos marcado para hoje o nosso casamento e o facto de ella ter fallecido não me desobriga, a mim, do compromisso tomado. Perante os nossos costumes, a morte não tem grande importancia...

— Sim, senhor, respondeu o funccionario, mas eu é que o não posso casar com uma pessoa fallecida.

O hindu, penalisado embora, absteve-se de qualquer insistencia. E depois duma grande cortezia retirou-se, com o seu precioso cofre e a sua commovedora fidelidade.

A carreta que transportou ao cemiterio da Consolação os restos mortaes do eminente estadista dr. Carlos de Campos, presidente do Estado de São Paulo.

Theoria do Charleston

por J. M. Salaverria

DIZEM os hygienistas que, para evitar o cansaço, convém que se mude o genero de actividade. Creio que tambem se pode evitar a fadiga (a fadiga nervosa) mudando o motivo de diversão. Se, por exemplo, eu me obstinar em divertir-me com a leitura apaixonada e como enfurecida de uma série de livros conscienciosos ou com o desfilar de uma infinidade de idéas mais ou menos transcendentaes, justo será que me precipite de chofre num mundo de diversão radicalmente opposto. A alma então refresca-se e recupera toda a sua indispensavel aptidão para o regosijo, para a amenidade.

A dansa do charleston, por exemplo. Entre a leitura de uns livros conscienciosos e a contemplação de uma dansa dessa es-

pecie, a differença é sufficientemente profunda, radical, para que o systema nervoso soffra como o effeito de um brinquedo. As idéas que andam pela mente fazem ali dentro uma real pirueta e os olhos, assombrados, acompanham as pernas dos dansarinos, que bordam sobre o soalho encerado do salão do *thé dansant* as mais estupefacientes filigranas.

E é o instante em que o amigo nos surprehende, approxima-se e exclama:

— Diverte-o, acaso, essa insensatez? E' possivel que um homem da sua intelligencia e habitos sinta prazer em contemplar os exercicios acrobaticos de uns jovens que se diria haverem perdido a cabeça á força de libações? Poder-se-á, ao menos, chamar de dansa a uma cousa a que bem se poderia chamar simplesmente de moganguice?

E respondi ao meu amigo que em muitos momentos da vida o homem discreto precisa de se fazer Pilatos. Necessitamos de lavar as mãos frequentemente, se não quizermos converter os nossos dias em consecutivos e implacaveis dramas. Estou hoje em um salão; o ambiente é amavel e luxuoso; ha muitas mulheres formosas, muitos cavalheiros elegantes; ouve-se o gemer de violinos, o cantar dos risos, e uns quantos pares prestam-se, ainda por cima, a divertir-me com as suas bizarrias. Para que discutir? Eu não tenho a culpa do quanto se trama no salão. Eu sou agora o discreto espectador que lava as mãos...

— Mas você com a sua presença, que é um assentimento, contribue para a legitimação de uma insensatez. Nas épocas de crise, o officio de Pilatos nem é permittido nem decente.

— A que crise se refere você neste caso? Que é que está agora em crise? A dansa?

— Naturalmente. O baile perdeu em nossos dias toda a sua dignidade.

— Confesso a você — disse ao meu amigo — que daria qualquer cousa para que o homem nunca se despojasse da sua dignidade. Eu não creio que o homem se encontre no mundo para nada; imagino portanto que, sendo o seu papel de importancia, é obrigado a guardar uma certa compostura.

"Reconheço que o charleston não dá prestigio aos sêres humanos e, dados a inventos, alegrar-me-ia muito que os jovens houvessem inventado uma dansa mais elegante. O homem necessita, do mesmo modo que a mulher, de dansar. E' um exercicio que se pratica desde que existem homens e mulheres sobre a terra. Mas nisso, como em todas as cousas, o homem nem sempre acerta; parece-se com o poeta, que um dia está inspirado e outro não. Culpemos os deuses, que são os que decidem da inspiração. Pelo que nos revelam os motivos de esculptura, vê-se que os gregos eram verdadeiramente inspirados quanto á arte de dansar; é certo que os gregos, filhos predilectos dos deuses, eram inspirados em quasi todos os misteres da intelligencia. Mas, sem ir tão longe, bastará que nos remontemos a uns annos atrás para descobrir a dansa que classificaremos de digna. Foi hontem ainda, quando reinava a valsa, essa magnifica funcção coreographica que convertia um salão em algo que era a um tempo majestoso, elegante e sorridente. Pertencemos a uma geração rhythmada com os compassos de Waldteufel. Esse rhythmo, que em nós se tornou natureza, chocando-se com o rhythmo actual (ar de *fox-trot* e seus similares ou correlativos) produz o effeito de uma detonação. E' o que se chama uma catastrophe.

— E como se resigna você a transigir com isso a que chama uma catastrophe? — interrompeu o meu amigo. — Por que não se revolta?

— Já me havia revoltado — contestei ao meu amigo — Tive os meus meritos como voluntario do protesto, não poupando argumentos, ironias e até ultrajes contra uma ordem de cousas vindas talvez directamente da America do Norte para perturbar o nobre passo de dansa do perfeito europeu. Mas a dansa não é mais do que um capitulo do grande volume de injurias que tráe a época, uma época que começou um pouco antes da guerra européa, e que com a guerra adquiriu o seu maximo desenvolvimento. E' a dansa, é a *jazz-band*, é o negro tocando o saxophone, é a phrenetica charlestonada

e, além disso, é a pintura cubista, a poesia sem metro, a politica absurda, a sarabanda das finanças e as calças "bocca de sino". Tudo isso, e muitissimo mais. Pois bem. Quando a gente dá pela grandeza e pelo peso, pelo desenvolvimento e energia com que tudo isso cáe sobre nós, homens pertencentes á raça branca, acode-nos uma imagem que é como uma illuminação. Effectivamente, vemo-nos na attitude desatinada de alguem que pretendesse conter com toda a força dos seus pobres hombros nada menos do que uma montanha a despenhar-se.

— De modo que isto não tem remedio? Isto, na sua opinião, é uma fatalidade?

— Exactamente! E' uma fatalidade, como qualquer desses phenomenos da natureza ante os quaes não ha senão curvar a fronte e esperar que passem. Os phenomenos humanos collectivos, por mais enfadonhos e sem sentido que nos pareçam, não surgem de improviso; não são fructo de uma pessôa de bom humor nem da vontade de um homem de talento. Obedecem a motivos profundos que ninguem, no momento decisivo, poderia contrariar ou deter. Esses phenomenos, para empregar o idioma dos modistos, chamam se modas. A's vezes, a sociedade tem sorte, e a moda é sublime; é o caso da moda do gothico. De outras vezes, a sorte volta-nos as costas, e surge o "estylo modernista", com base de cimento armado. E' preciso deixar que o movimento, o phenomeno trace a sua trajectoria completa, já que a propria moda do cubismo é, segundo essa theoria, uma projecção planetaria. Felizmente, o mundo está cheio de razão e, ao cabo de uma viagem pelo espaço do absurdo, os homens voltam ao bom sentido.

— Quer dizer que o charleston não póde durar muito...

— Em nossos dias, meu amigo, os phenomenos nunca duram muito. E não sei se no anno que vem os jovens continuarão dansando como agora. Provavelmente, não. E' possivel tambem que inventem uma nova moda de dansa ainda mais disparatada que a de hoje. Que haveremos de fazer? Repito-he que em mim se extinguiu a faculdade de indignação que antes possuia, e agora, resignado, procuro extrahir ao phenomeno a parte de diversão que tem.

— Diversão? Será possivel?...

— Repare esse joven que não contará mais de vinte annos. Observe o seu jogo de pernas. E' inacreditavel! Os trançados que faz, os pontapés que dá, a gymnastica da cintura para baixo que executa suppõem um exercicio capaz de vencer um athleta. Veja-o trabalhando e cumprindo conscientemente o rito, postos todos os seus sentidos na obra. Observe a joven que leva nos braços, trabalhando conscienciosamente tambem... Não acha divertido? Estamos na época da pirueta, e como pirueta confessemos que o charleston chega á genialidade. Bem sabe você que na literatura contemporanea o *clown* é uma personagem muito solicitada. Vá verificar por que motivos o homem culto dos nossos dias tem a vocação irresistivel do *clown*. Esses jovens, que dansam aos compassos de uma musica de negros, estão fazendo voluntariamente o *clown*. Não pretendem mais do que isso. E' justo que eu, espectador gratuito, o agradeça...

O meu amigo vae-se vociferando, emquanto eu sigo da minha cadeira as surprehendentes evoluções que consagram os dansarinos de calças muito largas e as moçoilas de pernas elegantes e descobertas...

Creanças

1 — Solange Pellini, filha do sr. Rodolpho Pellini e d. Eleonora C. Pellini. 2 — Ilka, Jobel e Cléa, filhos do sr. Jayme dos Santos Cardoso (Florianopolis, E. Santa Catharina). 3 — Kival, filho do tenente-coronel dr. Alves Cerqueira, vice-director do Hospital Central do Exercito. 4 — Glorinha e Carmenzinha filhas do sr. Antonio Moreira e d. Carmen Peres Moreira. 5 — Paulo Guilherme, filho do sr. Waldemiro Valle e d. Ruth de Humeguins Valle. 6 — Aidinha e Antoninho, filhos do sr. Carlos Paiva, e Nina, filha do sr. Vittorio Parma. 7 — Haydée, filha do sr. Jovino Silveira (Ponta-Grossa, Paraná). 8 — José e Maria, filhos do sr. Arcohaldo Lellis. 9 — Ruth Araujo, João de Oliveira, Gloria Vallejo (Corumbá, Matto-Grosso).

O Espirito Santo sob o governo Florentino Avidos

SYNTHESE DO PROGRESSO DO ESTADO ATRAVÉS DA OBRA ADMIRAVEL DE UM ADMINISTRADOR

O surto de civilização e progresso do Brasil, accentuadamente no primeiro quartel deste seculo de renovação mundial, não empolgou apenas esta capital, São Paulo e os Estados do Sul, porque vae abrangendo quasi todas as unidades da Federação. O Espirito Santo é um exemplo suggestivo dessa transformação maravilhosa que se vem operando no paiz a datar, principalmente, de 1900 aos nossos dias. Foi, porém, sob o governo fecundo e dynamico do dr. Florentino Avidos que o progresso dessa pequena mas admiravel parcella da Patria tomou as proporções de uma verdadeira revelação da capacidade, espirito de iniciaitva, energia e visão de um estadista, que não se fez na politica, mas que esta, num momento feliz de inspiração, houve por bem ir buscar quando entregue ao exercicio de suas funcções technicas de engenheiro, prestando serviços valiosos ao Ministerio da Agricultura, foi chamado para o governo do Espirito Santo. Nesse posto, desde logo poz em evidencia o seu merito e o seu criterio de administrador e de homem moderno á altura da grande responsabilidade do cargo a que fôra guindado pela força de sua propria individualidade, que, por viver indifferente ás competições partidarias, se impuzéra pela sua serena e imparcial attitude, dignificando-se no trabalho e no seu devotamento á causa publica e aos supremos interesses do Brasil.

A mensagem, que o illustre presidente Florentino Avidos dirigiu, aos 14 deste mez, ao Congresso Legislativo, por dever constitucional, é uma synthese, expressiva e eloquente, de sua obra notavel no governo do Estado, em meio de seu mandato.

Basta dizer-se que, em periodo relativamente exiguo para tamanho resultado, o Espirito Santo progrediu, se renovou e ganhou prestigio no conceito geral da Nação, avançando mais, em sua marcha evolutiva, que nos annos anteriores, desde os tempos de inercia no regimen monarchico até ás diversas phases administrativas na vigencia da Republica, atravessando dias de esplendor e decadencia, num jogo de crises e exitos, quedas bruscas e ascensões ephemeras.

Dr. Florentino Avidos.

O actual governo deu-lhe duas cousas difficeis: progresso em escala ascendente e equilibrio nas finanças; rythmo e disciplina na sua vida politica e administrativa.

Para documentar estas affirmações, que não são vagas mas resultantes de uma verdade facil de provar, vamos rapidamente assgnalar, com os dados colhidos em sua recente Mensagem, os fructos opimos desse governo que foge á regra commum de nossos estadistas, vacillantes e quasi sempre com horror á ansia dynamica das realizações.

A receita do Estado, de 1° de Julho de 1925 a 30 de Junho ultimo, foi de 30.399:032$452, quando a previsão orçamentaria fôra apenas de 20.550:000$000.

E a que foi orçada para o exercico de 1° de Julho de 1926 a 30 de Junho do corrente anno, estava consignada ao maximo de 26.280:000$000 e já se apurou, só no 1° semestre, a importancia de réis 17.588:398$050, indice seguro da excellencia e valor de gestor dos negocios do Estado.

Não é apenas sob o aspecto financeiro que avulta essa obra de governo. A presidencia Florentino Avidos tem se salientado pelo impulso dado á expansão economica do Espirito Santo, bem assim a outros emprehendimentos gigantescos, como sejam as grandes obras de melhoramentos da capital, hoje transformada numa das mais bellas e florescentes cidades brasileiras, os trabalhos de diffusão do ensino, de communicações e saneamento no interior, e ainda as obras de vulto — as do porto de Victoria e de sua ligação com o continente, pela construcção, já começada, de uma ponte metallica; obras essas confiadas á direcção e capacidade do dr. Moacyr Avidos, o grande auxiliar do governo, espirito de um jovem e já consagrado engenheiro, digno herdeiro do valor e virtudes paternas.

O Espirito Santo, no governo Florentino Avidos, é um dos Estados que dignificam o momento nacional, em que ha, por todo o paiz, o sopro vivificador de uma éra maravilhosa de nossa civilização.

Instantaneo tomado no prado de Longchamp.

As incertezas do cambio, em todo o mundo, causam seria inquietação nos exportadores da moda franceza. Ha alguns annos, os modistos de Paris viviam exclusivamente dos extrangeiros, pois os havia abandonado por completo a clientela franceza, que não podia supportar os preços do cambio.

Nada demonstra melhor essa inquietação do que a attitude dos escriptores de nomeada, que não quizeram desinteressar-se do assumpto, tão decisivo para os interesses da França.

Maurice de Waleffe, o conhecido escriptor, assim se exprime:

Vestido de gabardine azul marinho. A parte alta destacada, em bolero, sobre um fundo de crêpe branco. Canhões das mangas do mesmo crêpe.

"A crise actual das nossas exportações de luxo demonstra a urgencia que ha em se manter o prestigio das nossas modas. Emquanto as mulheres extrangeiras se vestirem como se vestem em Paris, a demora das suas encommendas será apenas passageira. Voltarão a nós de novo com a condição de que o gosto de nossos costureiros se renove constantemente e sejam controladas as suas invenções pelos escriptores de arte.

Mas, abandonados a si mesmo, os commerciantes se deixarão levar pelo desejo de agradar á clientela, que paga e encommenda. Nove entre dez converteriam as suas creações ao gosto *yankee*, e em breve não existiria moda franceza".

Um dos ultimos modelos parisiens.s.

A victoria será o premio de uma lucta incessante. E numa lucta ha que contar com as deserções e prevel-as antes que se verifiquem. Por isso, ha já quem dê alarme quanto ás meias de seda.

Como! Estarão ameaçadas as meias de seda? Estará a cahir a moda da saia curta? Não. Mas a meia de seda rosa parece que dá signaes de cansaço. Esses milhões de pernas todas roseas, todas eguaes, que a principio nos pareciam tão attrahentes, parecem-nos agora demasiado uniformes.

Soou a hora de inventar algo de novo. Surgiram certas meias de lã de quadrados ou pontos salteados, bastante feias, pois quebram a linha da perna, embora annunciem a necessidade de uma mudança. E' de recordar que a saia curta foi uma conquista do gosto francez contra o gosto americano dos costureiros de Chicago, que durante a guerra haviam inventado uma saia sacco que descia até aos pés. As primeiras americanas que depois da guerra appareceram nas ruas de Paris apresentaram-se disfarçadas desse modo.

Nas corridas, em Paris.

"Guardemos essa victoria." — exclama Maurice Waleffe, — mas não a guardemos senão com a condição de rejuvenecer a sempiterna meia rosa inventando algo de novo. Que ha de ser? Talvez se possa lançar uma joia na liga ou um relogio á altura do joelho, na borda da saia. Mas uma joia em semelhante sitio será sempre atrevida e ligeiramente equivoca.

Modelo parisiense exhibido nos prados de corridas.

Eis a solução que o conhecido escriptor propõe aos creadores. Porque não utilisar a moda das pernas de duas cores, como se usaram no seculo XV? Os graciosos pagens, um pouco afeminados, que figuram nos quadros da época, apparecem com uma perna vermelha e outra azul, ou então uma verde e outra amarella. Não calculareis quanto de pittoresco resultaria desse contraste na *toilette* das nossas elegantes? Além do mais não ha nenhuma logica em que se cubram as duas pernas sempre com meias da mesma côr.

Já não estão em moda nem mesmo os vasos eguaes nos aparadores. E a economia encontraria tambem assim uma solução. Rompida uma das meias, a restante poderia fazer par com qualquer outra.

Poder-se-hia reproduzir essa opposição nas mangas. A meia branca corresponderia a uma manga branca, e a meia preta a uma manga preta.

Inteiramente rosa a esquerda, numa elegante appareceria a direita completamente lilaz. Não deseja a mulher moderna apparecer hoje alta e delgada? Nada alonga a silhueta como esses desenhos a traços verticaes.

"Talvez se possa encontrar algo melhor — diz Waleffe espiritualmente. — O certo é que é preciso encontrar alguma cousa, e encontral-a entre nós, entre os francezes.

Quando uma moda cansou, os nossos artistas devem renoval-a. Só assim poderemos manter-nos á frente de uma industria que representa a melhor parte da nossa fortuna e talvez da nossa influencia.

X.

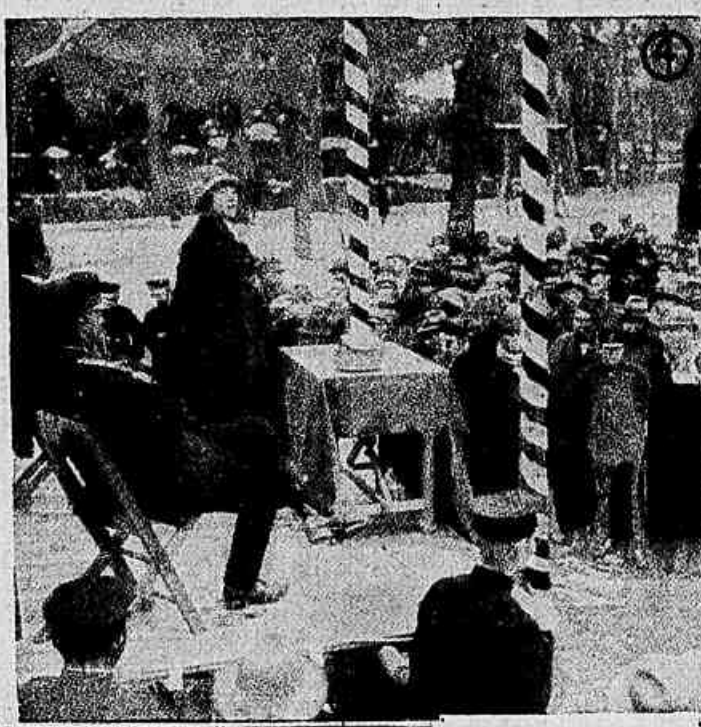
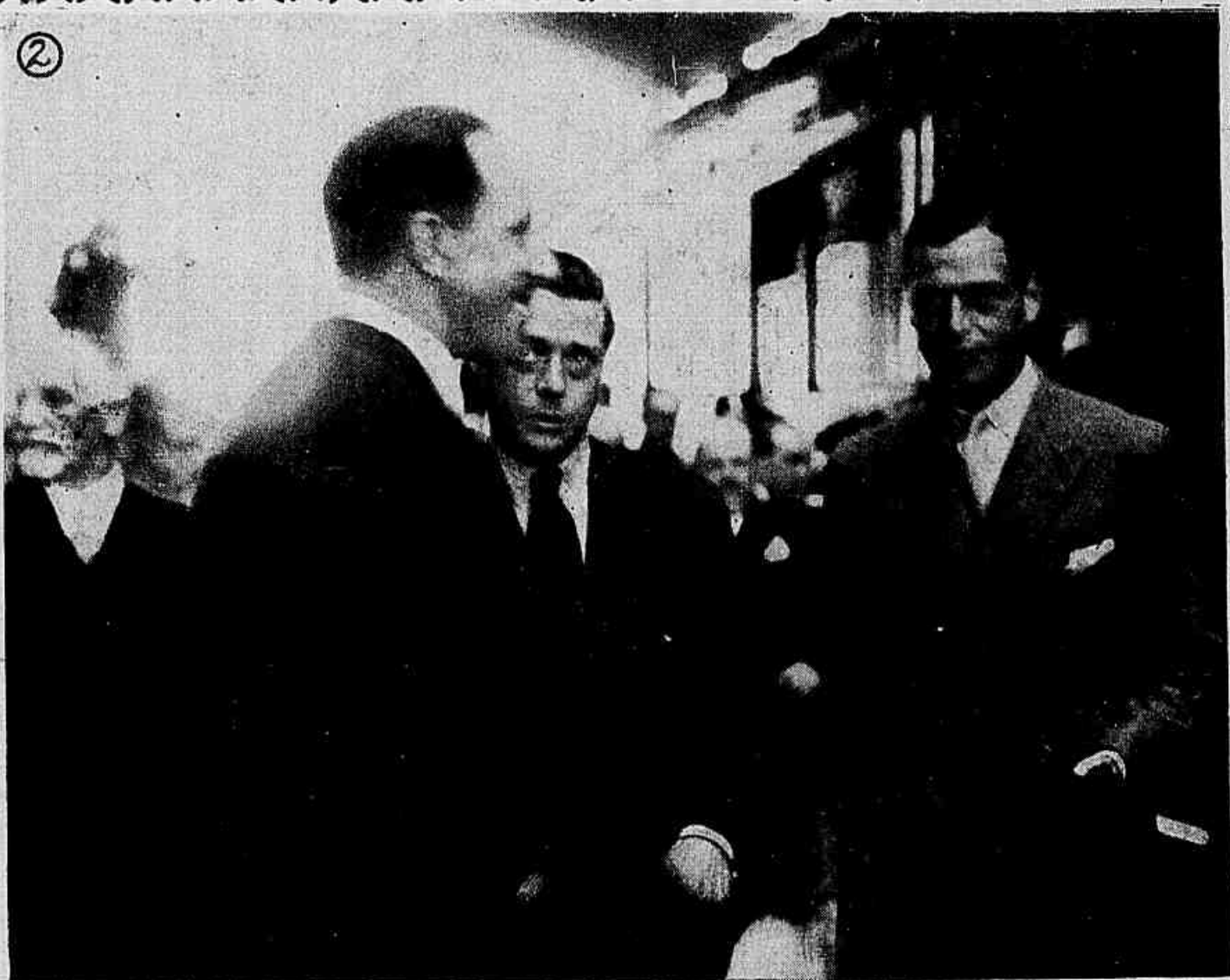
Cabelleiras á moda. Cabellos muito alisados, a cosmetico, ou *flous* e annellados.

Joias em voga. Annel com granda saphira cercado de diamantes. Alto bracelete em ouro ou prata incrustado de pedras.

Bolsa de gamo preto guarnecida de similis e monogramma egualmente de similis.

Sapato de cabrito beige e lagarto applicado em festão e sapato de verniz preto e pelle branca craquelée e egualmente envernizada.

A moda em Paris.

A moda nas corridas.

1 — A chegada a Madrid do principe de Galles e seu irmão, o principe Jorge: S. S. A. A. sahindo da estação com S. M. a rainha Victoria de Hespanha. 2 — O rei Affonso XIII recebe os principes inglezes (Photos J. Vidal, de Madrid). 3 — Uma familia chineza, composta de pae, mãe e duas irmãs de regresso das lojas de Shanghai na sua original carruagem. 4 — Mrs. Rinko Kotagawa, notavel saffragista japoneza, atacando o governo, em Tokio, protegida pela policia. 5 — A linda senhorinha Ernestina E. Calles, filha do eminente presidente do Mexico. 6 — A senhorinha Natalia Elias Calles, filha do grande estadista d. Plutarco Elias Calles, presidente do Mexico, no momento de assignar o acto do seu casamento com d. Carlos Herrera; no palacio de Chapultepec. 7 — A caixa em que as mães chinezas, em Changchow, põem os filhos quando precisam de deixal-os sós por algum tempo. Nessa caixa a creança não póde cahir.

Olhos e Olhares

de Renato Kehl

— A VISTA É O MAIS INTELLECTUAL DE TODOS OS SENTIDOS — RIBOT.

— Veja que olhos tem aquella jovem! — são vivos e brilhantes a denunciar intelligencia, ao mesmo tempo que despertam confiança e sympathia.

— Veja os d'aquella outra! — são grandes e bellos, quasi sempre semi-velados, denotando caricias voluptuosas.

Não são bellas; mas os olhos, como adornos mirificos, as tornam encantadoras, confirmando a expressão vulgar de que "olhos bonitos fazem as mulheres atthraentes, mesmo quando lhes faltam outros dotes de formosura».

Raros os olhos notaveis de belleza. Dizem que á

Hespanha cabe a gloria de possuir os mais lindos especimens.

Na generalidade as mulheres apresentam olhos sem particularidades dignas de reparo; algumas os teem mais claros e outras mais escuros; umas maiores e outras menores, umas mais e outras menos brilhantes — sem que se possa dizer quaes os que concorrem de modo favoravel ou desfavoravel a bem de sua portadora.

Olhos bellos, repetimos, constituem raridade. Quando se os vê, em casos poucas vezes facultados, guarda-se d'elles lembrança indelevel. Recordo-me de ter visto um par de olhos em certa jovem, cujo realce despertava exceptiva attenção de toda a gente: eram candidos e tristes. Existem raros outros, tambem grandes, mas scintillantes, reflectindo com eloquencia alegrias e desejos ou, ao contrario, tristezas e aversões.

Não é, pois, extranhavel que se dê tanto apreço aos olhos; que com elles tanto se preoccupem para apreciar-lhes a belleza, semelhanças de familia ou particularidades de nacionalidade. Por todos os titulos são dignos de exame e de apreciação, quer sob o ponto de vista esthetico como physionomico.

Ha olhos indiscretos, que dizem o que "os labios não ousam pronunciar". Outros ha, artificiosos, que mentem ao coração ou á consciencia. Inspiram, ás vezes, sympathia e outras vezes repulsa. Individuos se conhecem que estampam no olhar a synthese de seu feitio moral. Alguns intimidam, subjugando; outros encorajam, despertando confiança animadora. Artistas existem que dão tal expressão mimica ao olhar que nisto consiste o enlevo principal de seus trabalhos. As mulheres são neste particular mais adestradas que os homens. Por instincto de seducção, sabem tirar grande proveito da força do olhar. Algumas tornam-se tão habies neste jogo que exercem verdadeiro imperio sobre ás suas *victimas*. Com crayon, augmentam-lhes as dimensões; semicerrando-os cobrem-n'os com o véu da volupia; abrindo-os, brilhantes e vivos, expressam-se apaixonadas....

Seria necessario um volume se nos dispuzessemos a descrever os reflexos physionomicos do olhar, muitos d'elles sybillinos e maus!

Tambem sob o ponto de vista anthropologico muita cousa ha de interessante em relação aos olhos. A este proposito é de particular importancia a sua coloração. A côr basica é o azul esverdeado, que se encontra em todos os olhos. Sobre esta é que se superpõe, em maior ou menor quantidade e intensidade, certa dóse de pigmento escuro, o qual varia do amarello alaranjado claro ao castanho escuro. A variedade de cores depende, pois, dessa superposição pigmentar. Nos olhos ditos negros, ha predominancia maxima de pigmento castanho escuro, cobrindo completamente, a côr fundamental. Tanto menor é a predominancia aurecular desse pigmento, quanto mais celeste é a côr

dos olhos. Nas crianças recemnascidas os olhos são mais claros que na edade adulta; nas mulheres relativamente mais escuros que nos homens.

Quando dous jovens se casam constitue, muitas vezes, motivo de palestra a côr que terão os olhos dos filhos a nascer. Pode-se, até certo ponto, estabelecer a côr provavel. Baseado nas regras de Mendel, nunca se poderá, entre tanto, fazer prognostico mathematicamente seguro, dada a difficuldade em conhecer-se as côres dos olhos dos paes portadores de côres dominantes e de côres recessivas.

De um modo geral servem, talvez, as estatisticas de Brin, para calculo de probabilidade: 1) quando os paes e os avós tem olhos azues, todos os filhos terão os olhos azues; 2) quando os paes teem olhos azues e alguns dos avós teem olhos castanhos, ha 10% de probabilidade das crianças terem olhos castanhos e 90% olhos azues; 3) quando os paes teem olhos castanhos ha 25% de probabilidade das crianças terem olhos azues e 75% terem olhos castanhos; 4) quando um dos paes tem os olhos castanhos e o outro os olhos azues, ha 50% de probabilidade das crianças terem olhos azues e 50% os olhos castanhos; 5) quando os paes têm os olhos de côr misturada, ha 25% de probabilidade das crianças terem os olhos castanhos, 25% olhos azues e 50% olhos de côr misturada.

Tomando por base esses dados, colhidos na Noruega, onde predominam os olhos azues, pode-se fazer os prognosticos tambem entre nós, tendo em conta a predominancia dos olhos castanhos, indice da nossa mistura ethnica.

Quaes, leitora amiga, os olhos de preferencia?

Para mim são os azues nas loiras, os verdes nas morenas, os castanhos escuros em todas as moças bonitas, sejam ellas loiras ou morenas.

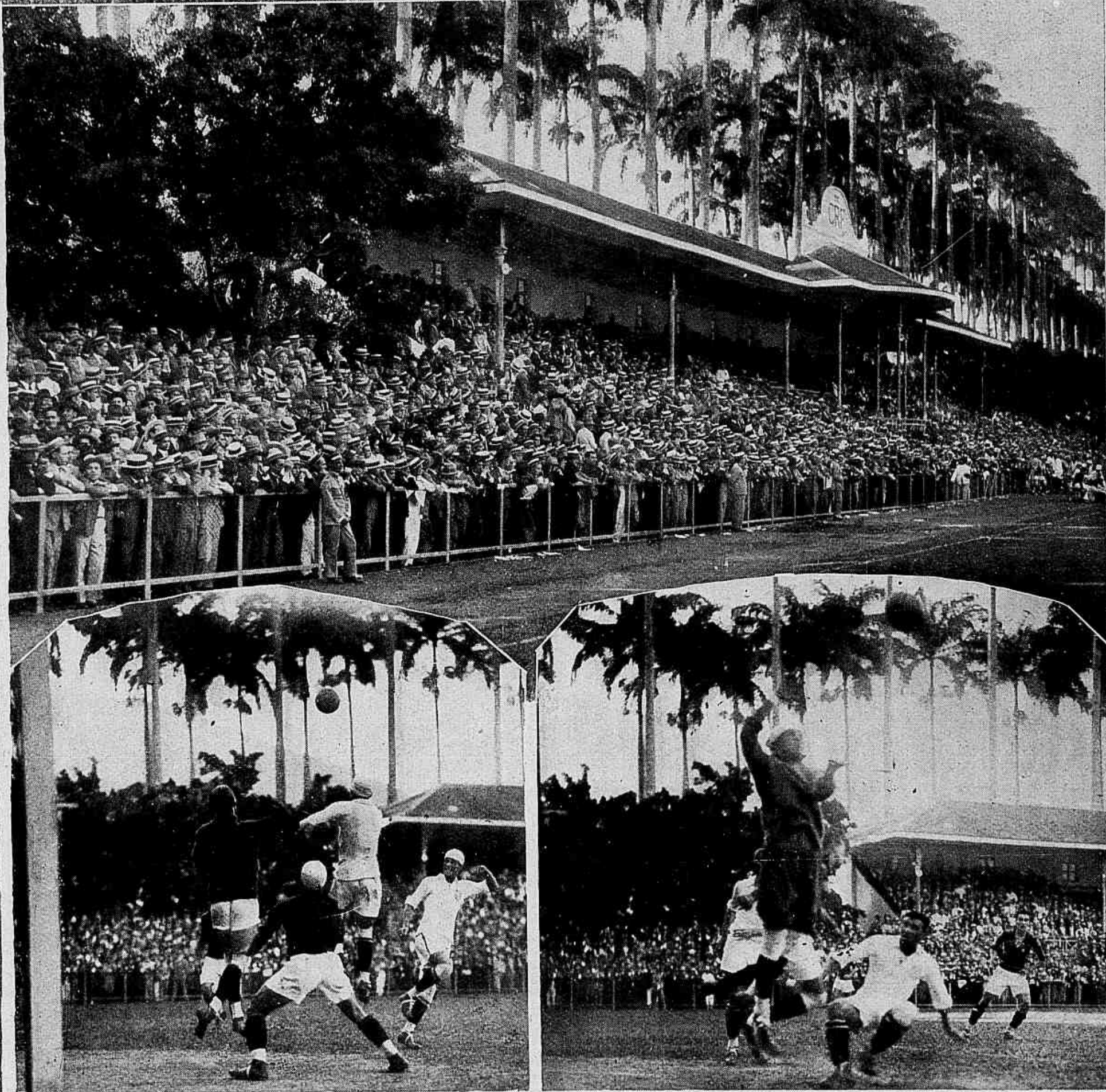
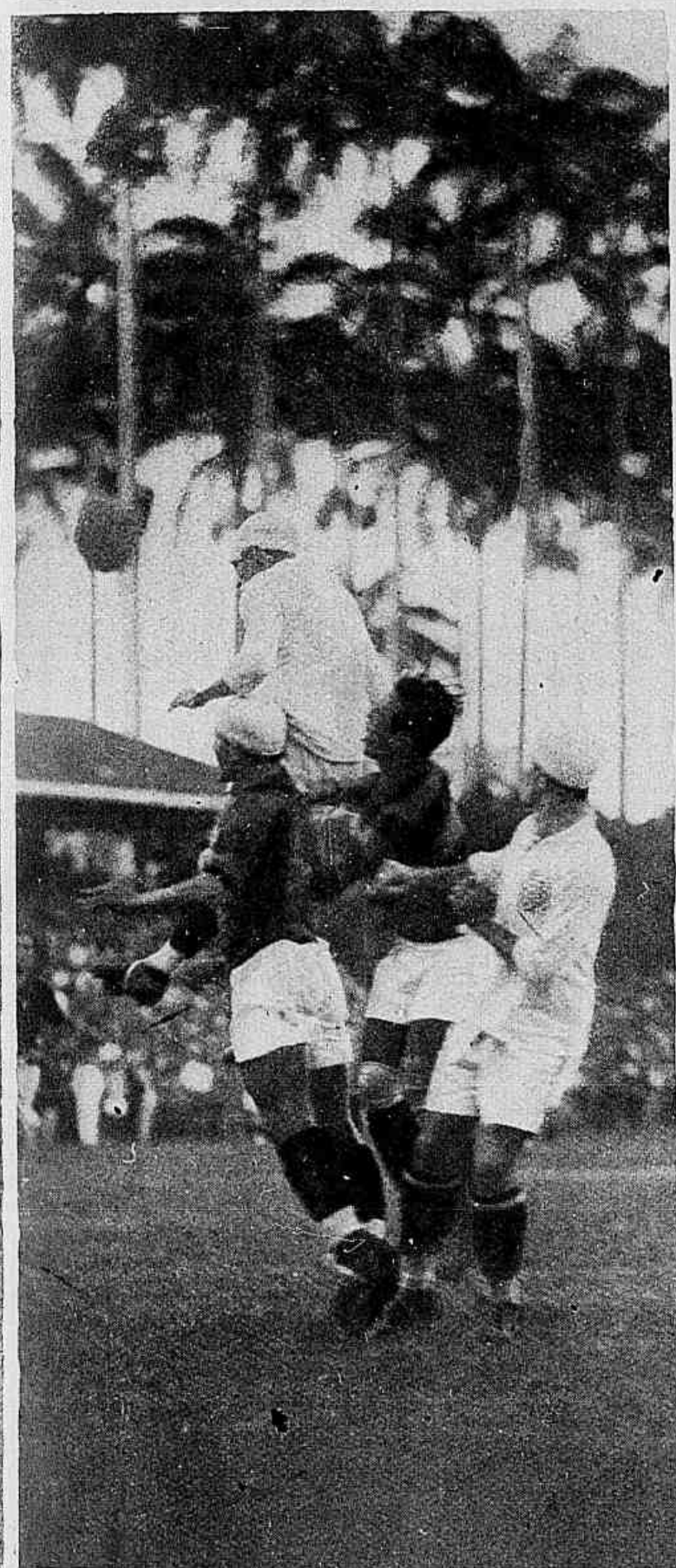
Os olhos perderam nos dias realistas e lodosos de hoje a soberania gozada nas eras romanticas dos amores a distancia em que os olhares eram furtivos e melosos, sob a vigilancia attenta de paes quasi sempre intransigentes em questões de amor. Os olhos eram as labaredas que inspiravam, então, versos candentes, como talvez não mais se escrevam. Hoje as labaredas são outras, tocam-se e confundem-se. Eis porque os poetas de agora desdenham taes assumptos, surrados pelos seus chorosos antecessores; apenas os cantores de trovas, extranhos aos movimentos abominaveis do "charleston", cantam ainda na sua ingenua simplicidade:

> Teus olhos são negros, negros
> Como a noite mais cerrada.
> Apezar de tão escuros
> Sem elles não vejo nada!

Dia virá em que os olhos readquirirão a sua antiga realeza! Elles ainda voltarão a ser cantados! Esperemos passar a onda de insania que submergiu muitas virtudes que ora são tidas como alcaides da moralidade coeva!

Dr. Renato Kehl

FLÁVIO COSTA

Flamengo x S. Christovam

Defrontaram-se no domingo ultimo, na disputa do campeonato da cidade, os quadros do C. R. do Flamengo e do S. Christovam A. C., sendo vencedor o primeiro, por 2x1.

1 — O *team* do Flamengo: Amado; Helcio e Herminio; Benevenuto, Frederico e Flavio; Newton, Fragose, Christolino, Agenor e Moderato. 2 — Aspecto da assistencia na praça de sports da rua Paysandú. 3, 4 e 5 — Tres instantaneos do jogo. 6 — O *team* do S. Christovam: Balthazar; Póvoas e Zé Luiz; Julio, Henrique e Alberto; Oswaldo, Octavio, Vicente, Bahianinho e Theophilo.

ANNUALMENTE, a 24 de maio, dia d'esta semana, festeja o Exercito o anniversario da batalha de Tuyuty, em torno da estatua de Osorio, de campa ao cadaver embalsamado do heróe, por tanto tempo jacente no Asylo de Invalidos da Patria.

Revive assim o pugnaz, morto ha perto de quarenta e oito annos, entre os echos da peleja ferida ha sessenta.

A gloria guerreira de Osorio põe alguma sombra na sua figura de senador do Imperio, paisano por ficção.

Manoel Luiz Osorio, o sul-riograndense de Conceição do Arroio, entrou no cedo da idade na carreira militar, voluntario na legião de cavallaria de S. Paulo, posta ao serviço da guerra da independencia no sitio de Montevidéo. Aos quinze annos baptiscu-se no fogo, combatendo portuguezes, junto ao riacho Miguelete.

Alferes aos dezesseis annos, official cedo nascediço para chegar a marechal de exercito quasi septuagenario, desde bem moço Osorio começou a militar em politica, seguindo n'ella a regra usual da vida publica do Imperio, vir da raiz, tronco acima, até á copa da arvore.

Desde a Regencia, Osorio cidadão jamais deixou a politica, sem n'ella nunca se lembrar da espada á cinta. Filiou-se, no Rio Pardo, ao partido liberal moderado e constitucionalista, adversario do partido lusitano e caramurú, inimigo da idéa federativa, no juizo de Osorio de ameaça á integridade nacional.

Em abril de 1839, regente Araujo Lima, o capitão Osorio esteve a pique de sahir do exercito, pela reforma, impellido a deixal-o por actos do presidente do Rio Grande do Sul. Mas o presidente se foi e o capitão ficou, para assistir á Maioridade, victoria dos liberaes n'uma peleja sem sangue.

Em 1846 o tenente-coronel Osorio era deputado na salinha ou assembléa provincial de Porto Alegre; inhibido porém de comparecer ás sessões trocava correspondencia com os collegas, propondo e acceitando alvitres, obtendo melhoramentos para diversos pontos da provincia. Fóra d'ella, em serviço de armas no anno de 1847, foi Osorio segunda vez eleito deputado provincial, sempre fiel ao seu caro partido, curtindo com elle o agro do ostracismo.

Depois de carregar, á testa do seu regimento, sobre bateria argentina, tomando-a na batalha de Monte Caseros, tambem por ironia dos Santos Logares, o coronel Osorio voltou á actividade politica.

Mas da paz, como sempre, logo o distrahio a guerra, mandado Osorio para a fronteira de onde devia observar um dos muitos movimentos revolucionarios do Uruguay ebuliente. Onde quer porém que se achasse Osorio, os correligionarios o consultavam, no encalço do seu prestigio.

Satisfeito ou perseguido pela politica, o brigadeiro Osorio animava o seu partido ou com elle lutava até em eleições municipaes sul-riograndenses.

De 1864 a quasi o fim da guerra do Paraguay, o politico teria de viver sobre o selim do cavallo do general e portanto de arrefecer a actividade partidaria.

Finda a campanha era Osorio o tenente-general marquez do Herval, conhecido no paiz da ponta do Amazonas á ponta do Rio Grande do Sul. O Imperio ia gozar o seu periodo de paz octaviana estendido até 1889. Osorio poude voltar sem peias ao querido partido liberal e á actividade politica n'um paiz tido pela democracia coroada das republicas sul-americanas, bafejado pelos melhores fados, immenso no interior e grande no exterior.

Desde 1868, com a quéda do ultimo gabinete Zacarias, os liberaes estavam aquem poder. Não desanimavam fitando o futuro mysterioso no qual o imperceptivel e o imprevisto representam, pelas revira-voltas da sórte, papel de tamanha importancia.

Dez annos o partido liberal esteve debaixo até o acima de 1878, na fragorosa queda da situação conservadora, arrastando o derradeiro gabinete Caxias, n'elle mais visado Cotegipe, ministro da Fazenda. Victorioso, pelo formar do ministerio Sinimbú, de 5 de Janeiro de 1878, o partido liberal, mesmo em opposição, já conduzira entretanto Osorio ao Senado do Imperio.

Em fevereiro de 1875 fallecera, após cinco annos de mandato vitalicio, o senador e magistrado Fernandes Braga. Corridas as eleições, o Rio Grande do Sul organizava lista triplice, presente á corôa em dezembro de 1876, com tres nomes genuinamente da provincia, representando cada um d'elles profissão distincta e opposta.

Por ordem de votação, de quinhentos e tantos votos para cada um, apresentaram-se á escolha imperial um medico, o dr. Luiz da Silva Flôres, um militar, Osorio, um advogado, Silveira Martins.

A 11 de janeiro de 1877, uma carta imperial escolhia o segundo da lista liberal, Manuel Luiz Osorio.

O escolhido batia pela primeira vez ás portas do Senado para tantos difficilmente abertas ou fechadas após investidas reiteradas, felizes ou infelizes. A Constituição do Imperio, cujo valor o publicista estrangeiro soube e sabe apreciar, exigia a idade minima de quarenta annos para senador, excepto para os principes da casa imperial, senadores aos vinte e cinco, e nenhum o foi.

Nascido a 10 de maio de 1808, Osorio entrava para o Senado aos sessenta e nove annos, isto é com mais vinte e nove annos do que os felizardos quarentões da Constituição.

Na organização do Senado do Imperio o Rio Grande do Sul fôra distinguido com uma só cadeira, para ella escolhido um magistrado, Teixeira de Bragança, nomeado a 22 de janeiro de 1826 e fallecido quatro dias depois.

Só vinte e dous annos mais tarde, em 1848, a provincia receberia nova cadeira senatorial como terceira e ultima lhe seria dada em 1853.

N'esta se sentara primeiro o barão de Quarahim, o Fernandes Chaves famoso na historia do Rio Grande, em seguida outro Fernandes, Fernandes Braga para anteceder Osorio.

No Imperio, de 1825 a 1889, o Rio Grande do Sul foi onze vezes convidado a eleger senadores, sendo a oitava aquella que levou Osorio ao Senado.

Só em 1869 o governo annullou uma eleição sul-riograndense, a que compuzéra a lista triplice com João Jacintho de Mendonça, João Evangelista Sayão Lobato e Manoel de Freitas Travassos. Fallecido o primeiro, a eleição foi annullada e, cousa curiosa, na nova lista composta ainda por Sayão Lobato e Travassos, o escolhido foi Fernandes Braga, não incluido na lista anterior.

Osorio, seu substituto em 1877, penetrava no Senado tendo militado na actividade partidaria sem nenhuma posição preeminente. Jamais fôra presidente de provincia, deputado geral ou ministro, simples deputado provincial na sua terra e comtudo acatado como chefe, sem necessidade estrifera do poder, no só do merito proprio. Quando Osorio se abalou do Rio Grande para vir tomar posse da sua curul, premio de trinta e sete annos de partido liberal, a capital do Imperio preparou-se para recebel-o engaleanada.

O Rio de Janeiro sabia acolher os benemeritos, dando-lhes estrondosas recepções alegradas por ondas de povo, assignaladas por musicas, vivas, discursos, corteios, arcos de triumpho, corôas de louros, carros desatrelados, illuminações. Eram feriados nacionaes decretados pelo coração do povo. Quem não os presenciou não póde comprehendel-os.

Osorio foi, sem exagero, trazido pela capital do Imperio de bordo do *Rio de Janeiro* até á praça da Constituição, hoje Tiradentes, quasi sem folego, quasi submergido na onda popular que o rodeava avida por vêr e applaudir em o novo senador o velho general, que tantas vezes jogára a vida no rolar de dados da victoria.

Chegado ao Rocio, onde Pedro I, do alto de estatua equestre e militar, parecia saudar o soldado da Independencia, Osorio agradecendo pediu á multidão que se dispersasse, "por não desejar incommodar mais uma população inteira".

A 1.° de maio de 1879, o marquez do Herval tomava posse no Senado onde ia ter por collegas de representação o duque de Caxias e o visconde do Rio Grande, sendo o primeiro dos quaes se desaviria no recinto senatorial por motivos de disciplina. Presidido pelo visconde de Jaguary, successor de Abaeté, era o Senado de 1877 a corporação respeitavel que a orgulhosa Inglaterra um dia louvou e citou como exemplo.

Entre os embaixadores vitalicios das provincias havia então Cotegipe, Zacarias, Junqueira, Saraiva, Fernandes da Cunha, Muritiba, Rio Branco, Abaeté, Firmino, Dias de Carvalho, João Alfredo, Bom Retiro, Teixeira Junior, Pimenta Bueno, Octaviano, collegas de outros tantos "homens bons", para nos servirmos da expressão do escól no tempo colonial.

Um anno após a senatoria, Osorio era chamado aos conselhos da corôa. Organizado o gabinete de 5 de janeiro de 1878, pelo senador alagoano Sinimbú, foi n'elle a pasta da Guerra confiada *ad interim* a ministro paisano, o da pasta da Marinha, conselheiro Eduardo de Andrade Pinto.

Mas a 13 de fevereiro de 1878 a pasta do exercito vinha ás mãos de Osorio, reatada assim a tradição militar n'ella formada e firmada por generaes e officiaes superiores.

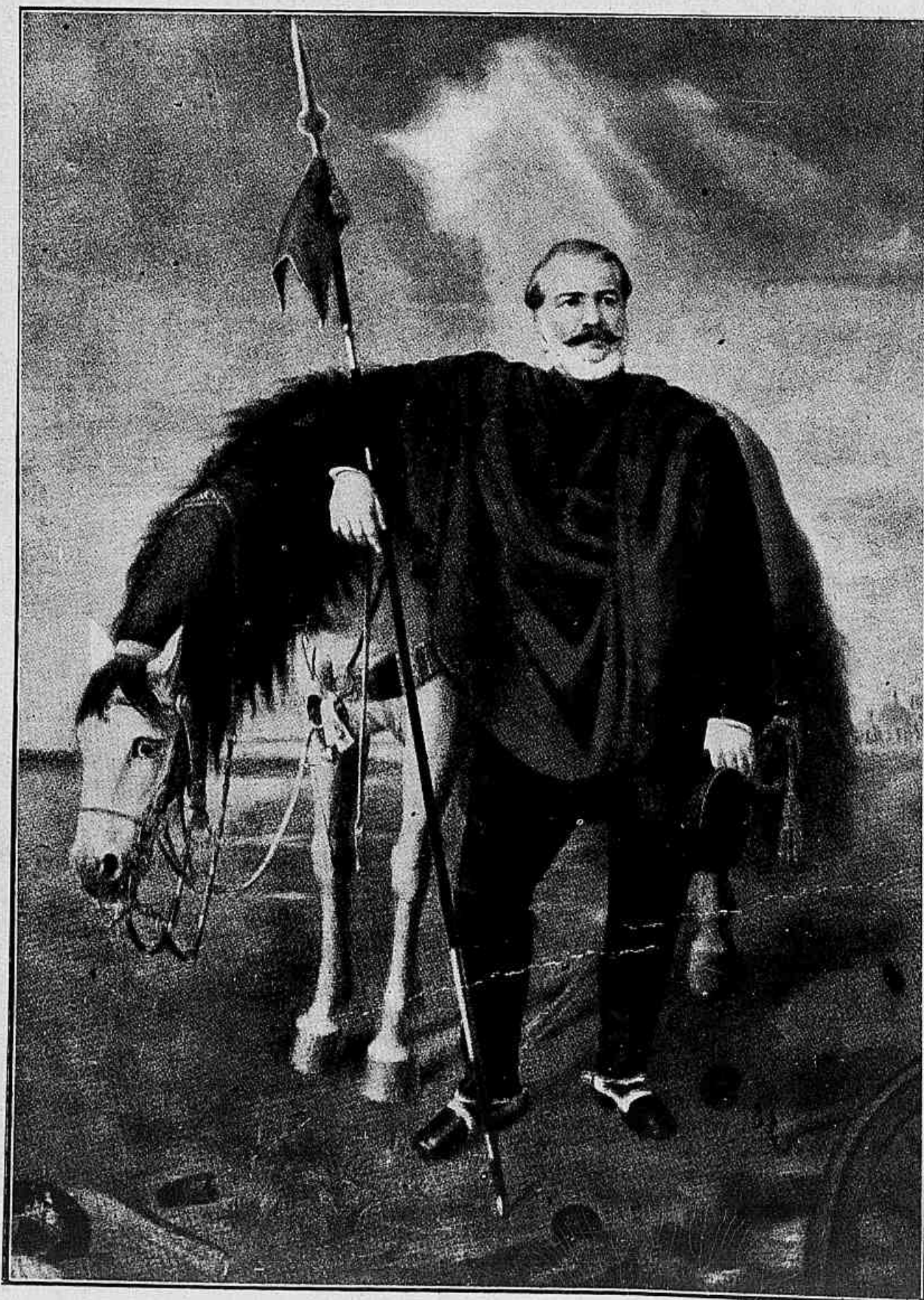
No exercicio da pasta regulamentou o laboratorio pyrotechnico do Campinho, o Archivo Militar, o concurso de repetidores da Escola Militar; alem de cuidar das miudezas do exercito e de responder por elle ás perguntas da fiscalisação parlamentar.

Um dia, a 28 de abril de 1879, interpellando o gabinete Sinimbú, José Bonifacio, o poeta lyrico de olhos azues, o orador bocca de ouro, passou revista ao ministerio, appellando para cada um dos membros d'elle.

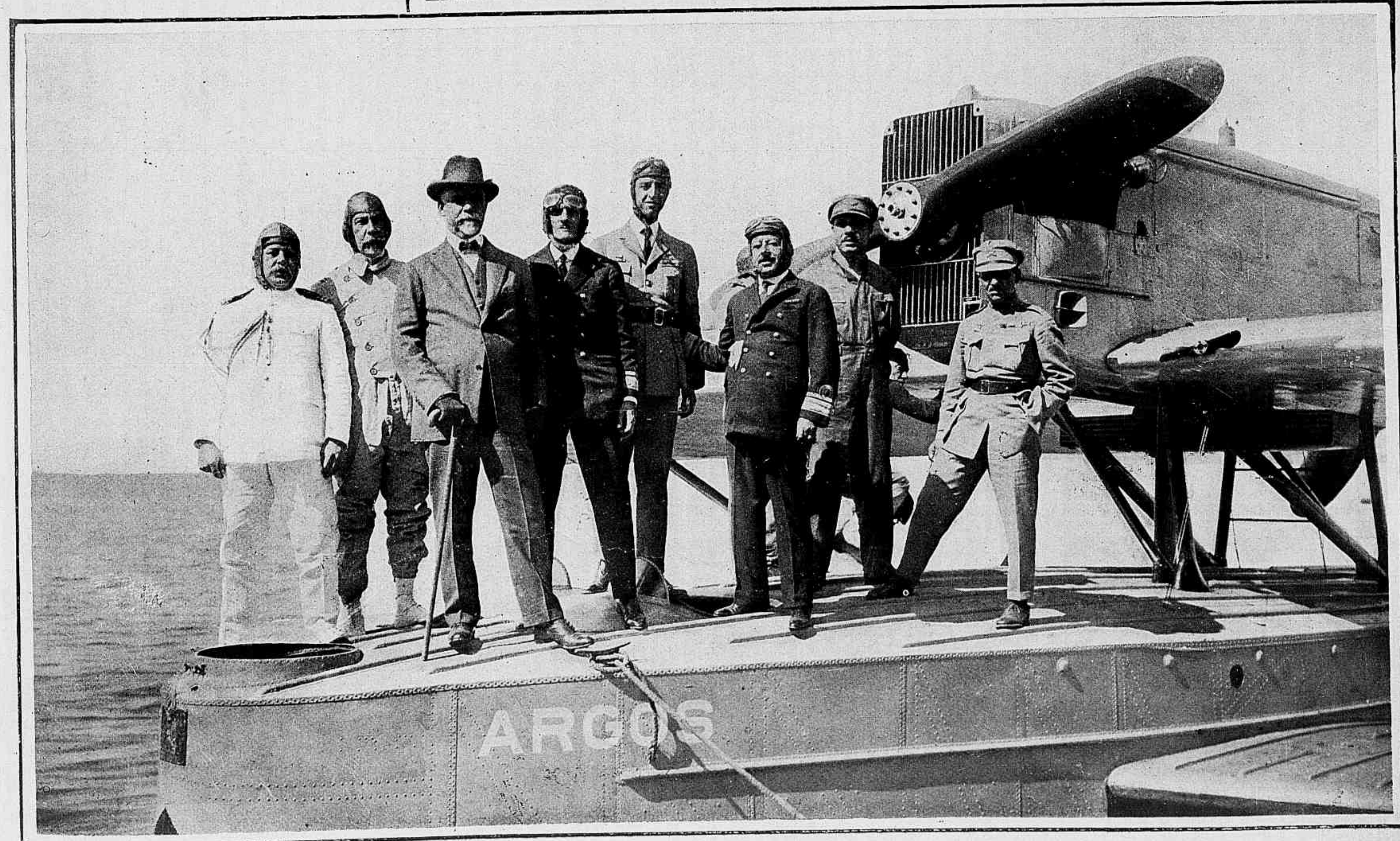
"Si cada um dos ministros póde ainda ouvir voz mysteriosa, que lhe recorde o cumprimento de sagrados deveres, imagine que desfila pela frente da bancada ministerial mais de um vulto phantastico, a reavivar-lhe honrosas lembranças de outro tempo, e que lhe falla ao ouvido, cada um por sua vez".

Primeiro José Bonifacio se voltou para Sinimbú — "o passado com todo a sua herança; sessenta e oito annos feitos á patria — "para depois se dirigir a Osorio, n'estes termos: "Eu sou a gloria, venho do Paraguay; passei um instante no campo da batalha de 24 de Maio; atravessei os banhados; dormi na barraca em que primeiro cravastes a vossa gloriosa lança; sentei-me sonhando ao vosso lado sob os muros de Humaitá; ainda hoje julguei descobrir-vos por entre os nevoeiros no cabeço dos montes, e ouvir a vossa voz nas ventanias que atravessam o rio; já não achei flôres na solidão da morte para tecer-vos uma corôa; trago-vos um rosario de lagrimas; guardae-o para enfeitar a vossa espada; porém olhae, a banda que vos cinge não é cadêa de escravos, é flammula de homens livres".

Testemunha da scena attesta o enthusiasmo do auditorio, a commoção de Osorio. Afeito ao troar da batalha correram-lhe lagrimas pela face, enxugou a testa murmurando: "ora, *seu* José Bonifacio".

Um anno, cinco mezes e seis dias depois morria Osorio o pelejador, em plena paz, na sua cama. Humano, commetteu erros; mas para descobril-os a Historia terá de soerguer pesado montão de louros.

Um retrato official de Osorio, no Ministerio da Guerra.

O Presidente da Republica no "Argos"

Visitando a Escola de Aviação Naval, na Ponta do Galeão (Ilha do Governador), teve o eminente sr. Washington Luis, presidente da Republica, ensejo de, a convite de Sarmento de Beires, fazer no sabbado ultimo um vôo sobre a Guanabara e o Rio de Janeiro, a bordo do "Argos", em companhia da sua comitiva. 1—S. ex. o sr. Washington Luis de pé sobre o "Argos". A' direita de s. ex. o capitão Jorge de Castilho e á esquerda o commandante Sarmento de Beires, o ministro almirante Pinto da Luz, almirante Nunes de Carvalho, director da Aeronautica, e o mechanico brasileiro, do Centro de Aviação Naval, Antonio Armando de Mendonça que, a convite de Beires e com licença do governo, fará parte da tripulação do "Argos", em companhia dos aviadores portuguezes, no vôo de regresso á Europa. 2— O sr. Presidente da Republica e Sarmento de Beires no "Argos". 3—Sobre o "Argos". Da esquerda para a direita: commandante Hugo Mariz e coronel Teixeira de Freitas, sub-chefe e chefe da Casa Militar da Presidencia; s. ex. o sr Presidente da Republica; almirante Pinto da Luz, commandante Sarmento de Beires, almirante Nunes de Carvalho, mechanico M. Gouveia e piloto-observador J. Castilho.

ESSAYAGE

Um salãozinho atapetado e faceiro onde, deante do alto espelho *biseauté*, Madame experimenta o quinquagesimo modelo.

Duas caixeiras fôram destacadas para este importante mistér. Duas deliciosas caixeirinhas cujos vestidos estão servindo, sem que ellas o saibam, de figurino á amiga intima de Madame que, de pé, a alguns passos atrás, luneta em punho, preside gravemente aos ritos da *grande cerimonia*.

A amiga intima de Madame está ali como uma especie de *referee* nas partidas de foot-ball : observa, critíca, dá regras, aconselha, impede abusos.

Critíca principalmente.

Sendo menos afortunada que Madame, essa amiga intima, como toda amiga intima que se preza, não quiz ficar aquem das elegancias da amiga, revestindo para esta simples prova de vestidos o mais elegante dos seus *manteaux*. Um manteau copiado aliás por um dos muitos da amiga, copia mais barata naturalmente, mas que a amiga intima, no seu intimo, não deixa de reputar mais chic que o proprio copiado.

E' de fulgurante gris chumbo, um cinzento de aço liquido, espelhento e metallico, fartamente orlado na gola e nos punhos com *petit gris*.

A amiga intima, sentindo-se bastante correcta para supportar o confronto, estava, ao entrar, de um humor de rosas.

Aquellas tres horas de prova, no emtanto, durante as quaes as mais luxuosas creações lhe desfilaram diante dos olhos deslumbrados e da bolsa pouco recheiada, sulcaram-lhe a alma de um vinco de azedume.

A gente é de carne afinal...

Madame, todavia, alheia a estas subtilezas psychologicas, os olhos pregados no espelho, os braços meio abertos numa attitude vagamente theatral, experimenta com convicção...

Hieratica e compenetrada, a franceza do estabelecimento assiste com a autoridade de sua presença ao desenrolar do acto, tendo farejado nesta vaidosa exigente o filão precioso da cliente rica.

Um pedaço, esta franceza!... — observa a amiga intima de Madame que, como toda bôa carioca, só pensa em gyria. E que vestido!... Setim preto, riscado por tiras de ottoman branco, uma cousinha atôa que deve valer pelo menos uns setecentos mil réis. E a caixeirinha, que de joelhos, o rouge das faces humido de suór, retoca a flor da tunica de Madame, uma gracinha tambem!

A amiga intima igualmente lhe nota com todo o cuidado o vestuario, simples mas lindo. Um vestidinho de cinema.

— Então, que acha você ? — indaga finalmente Madame voltando para a amiga intima olhos que tergiversam. Intimada d'est'arte a manifestar-se, a amiga intima assesta a luneta... A caixeirinha, exhausta, derreia-se um pouco sobre os joelhos... positivamente não pode mais!...

— Esta flôr mais para o hombro, Rosine, — declara peremptoriamente a franceza carregando muito nos *rr*. — Parece grande, mas agora são verdadeiros canteiros que se usam. Assim... *trés-bien*!

A joven Rosina executa a ordem da patroa, suspirando baixinho... Ah! se esta insupportavel Madame soubesse como lhe doem os rins, ha tanto tempo: nesta posição forçada!...

Madame, porém, paira em alturas a que estas miserias não attingem; acha-se absorta na contemplação de si mesma.

— Então, Nicola ? — insiste numa quasi afflicção.

A amiga intima approxima-se ... Com um olharzinho de esguelha mediu a montanha de sedas, rendas, velludos e lamés que se desmorona em tentadora avalanche pelo aposento. Se a outra quizesse poderia, sem constrangimento, compral-a toda... Um travo de despeito dá-lhe á voz de velludo uma vibração de impaciencia, que ninguem naturalmente chega a notar, tão dissimulada se esconde na cordialidade da resposta :

— Eu, no seu logar, ficava com este mesmo... é o que lhe vai melhor.

— Acha?... — protesta Madame num vencido murmurio.

O vestido é bonito, sim, porém afigurava-se a Madame que aquelle decote quadrado lhe engrossava o busto. Uma intuição lhe soprava que, assim tão claro e vistoso, talvez lhe fosse muito favoravel...

Mas desde que Nicola achava... Nicola acha realmente, e a vontade de Madame se curva afinal deante de opinião tão categorica e tão prestigiosa.

Tem um gosto esta Nicola!...

Madame confia nella como em si propria... pois além de sua amiga intima é seu *arbiter elegantiarum*, a familiar Petronia das suas elegancias. Hesita ainda um minuto, virando para a inexoravel Nicola olhos quasi supplices... Não é pelo preço, ah! não: daria de muito bom grado os dois contos e quinhentos se tivesse a certeza... a certeza...

— Resolva-se, afinal — deixa cahir Nicola do alto da sua superioridade a que a luneta dá qualquer cousa de verdadeiramente magistral.

— Está bem, então vai este, — declara, num suspiro, Madame á franceza — mande-o levar hoje sem falta. Preciso delle para um jantar.

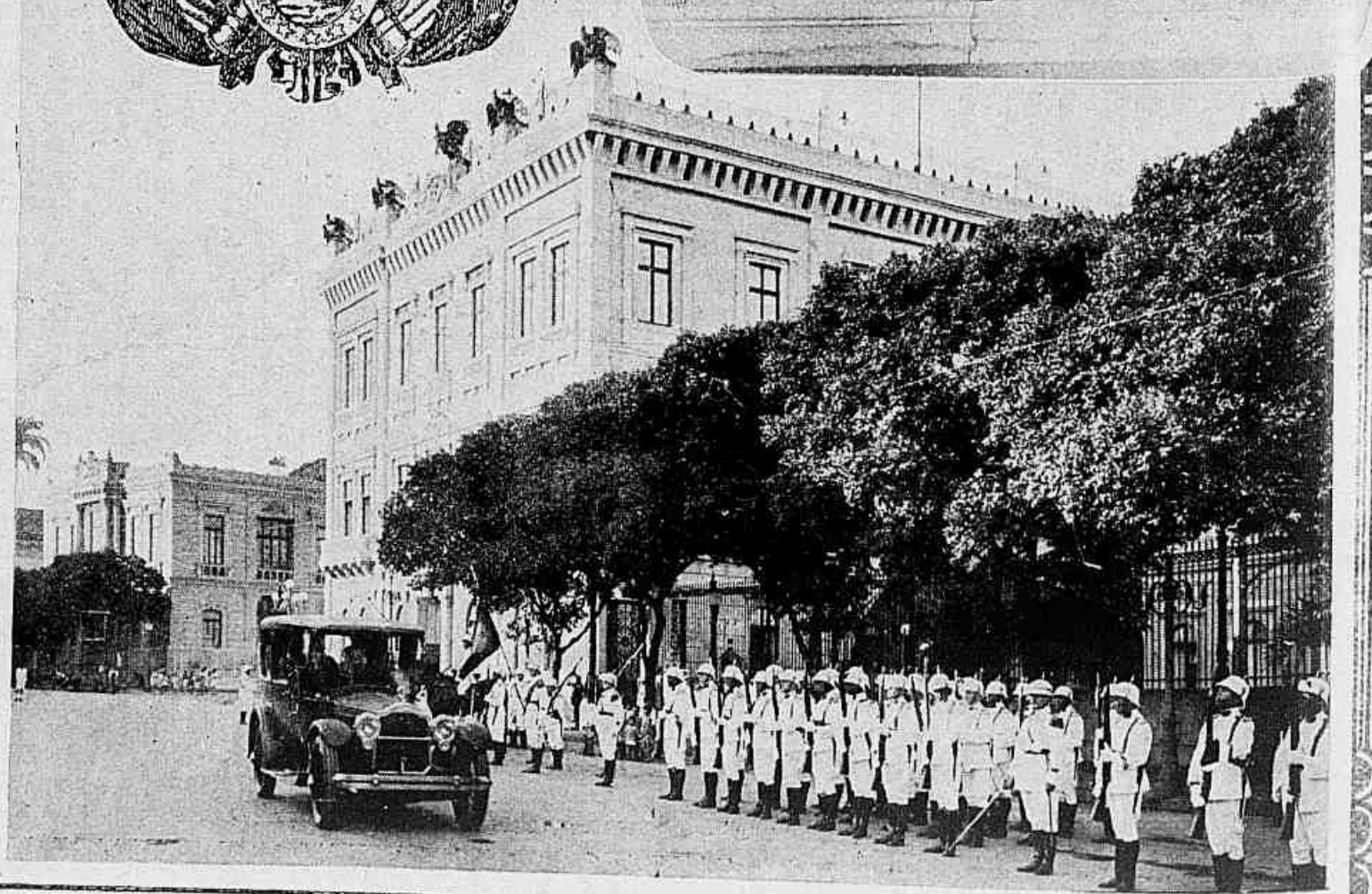
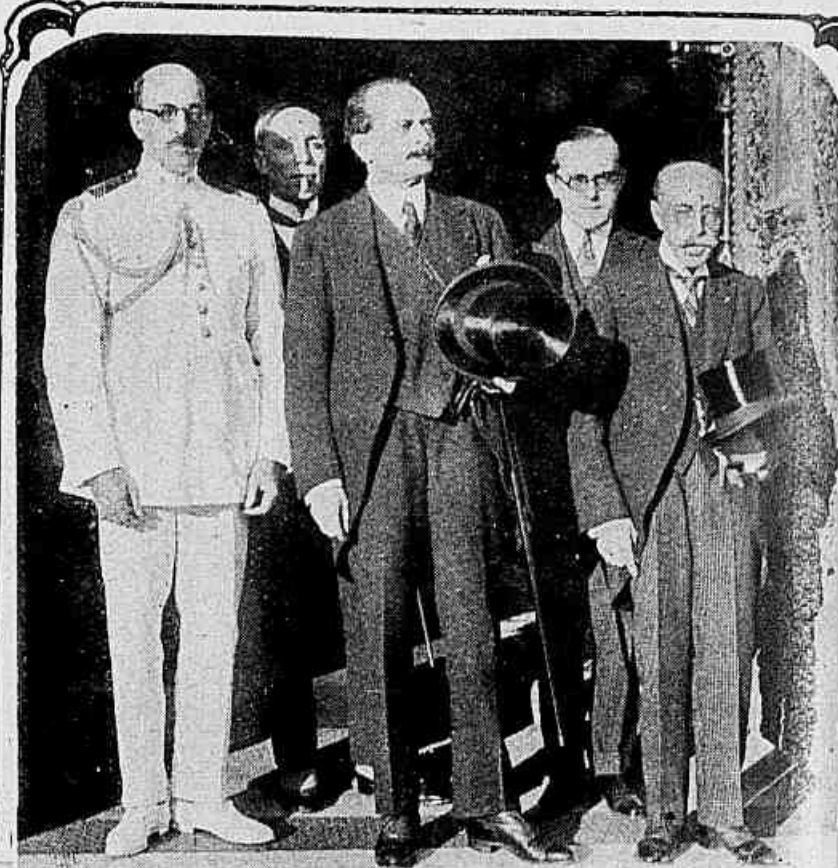
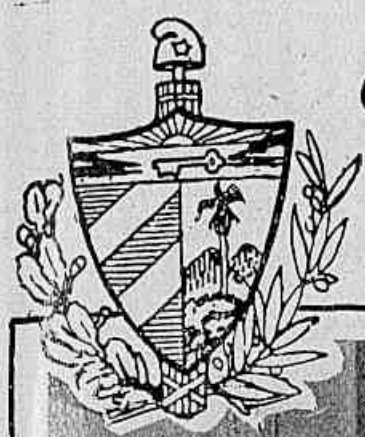
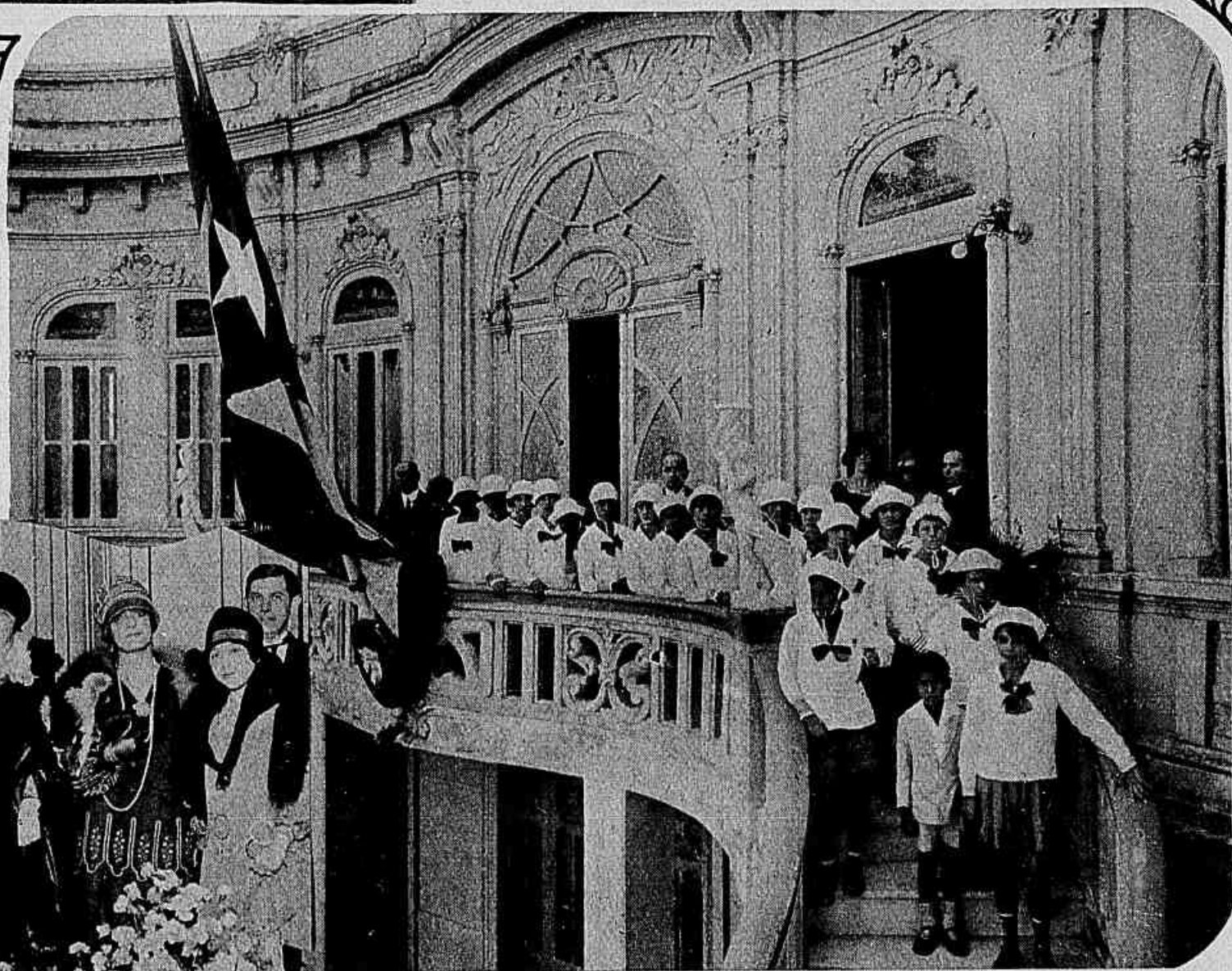
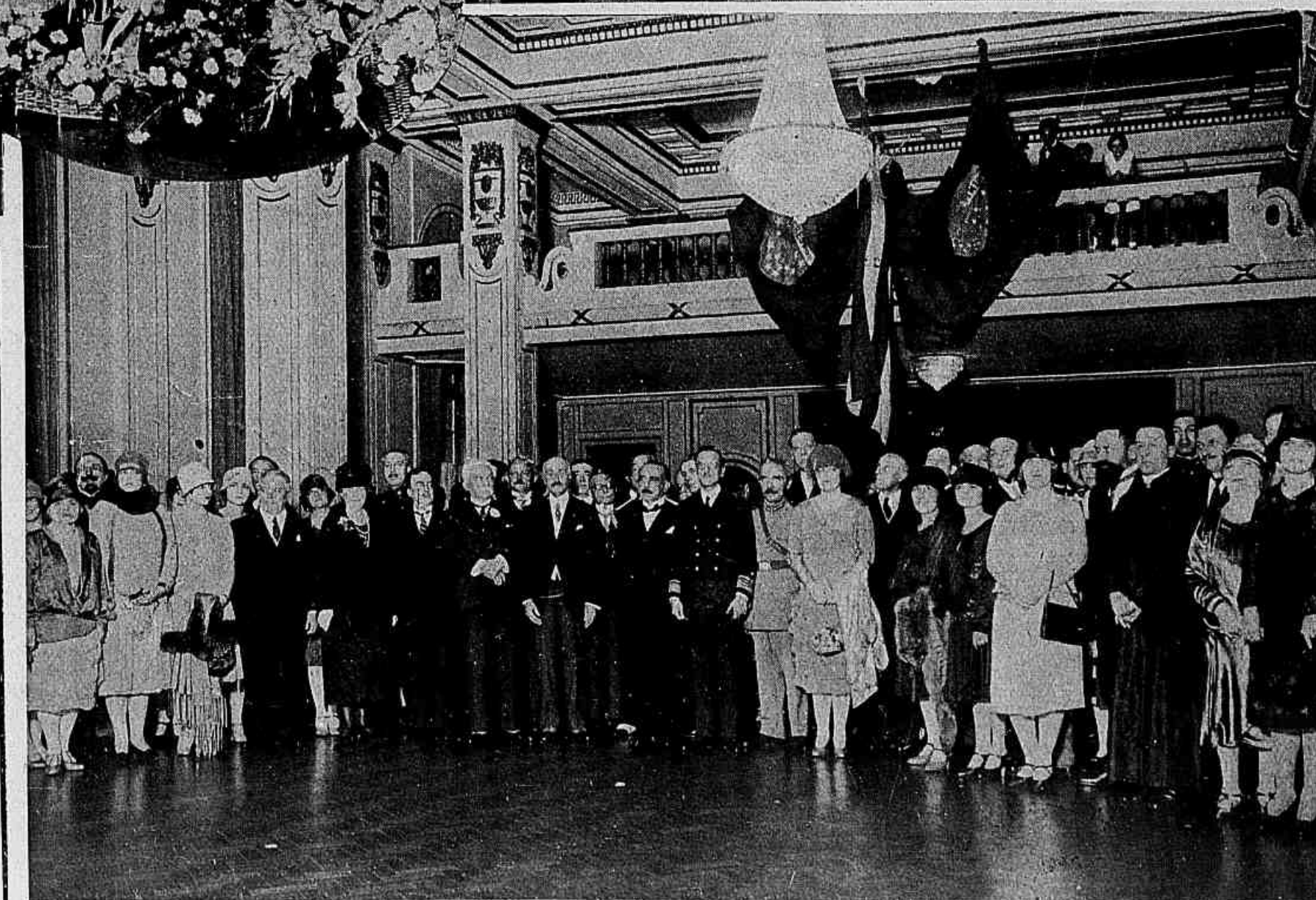
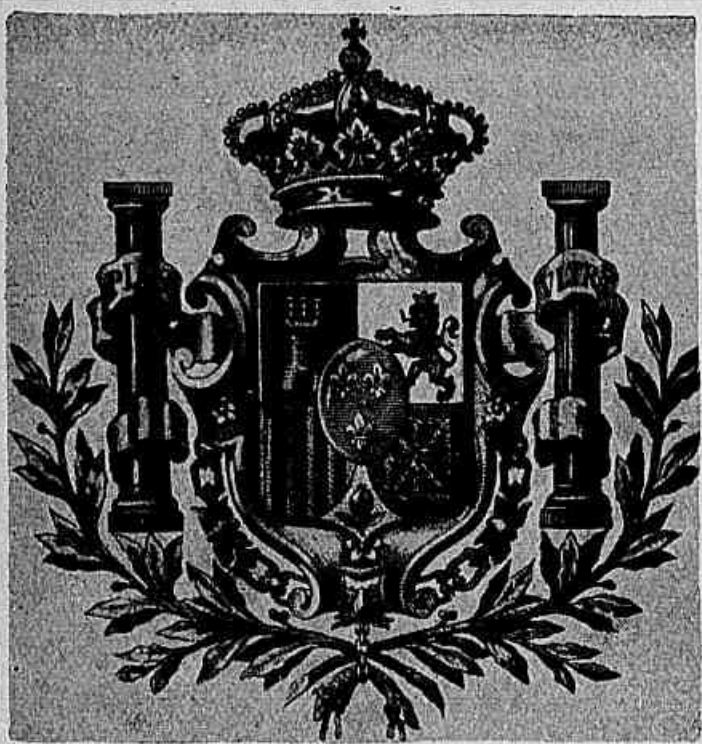
Emfim...! A gerente inclina-se, disfarçando numa cortezia a satisfação de haver ganho a batalha.

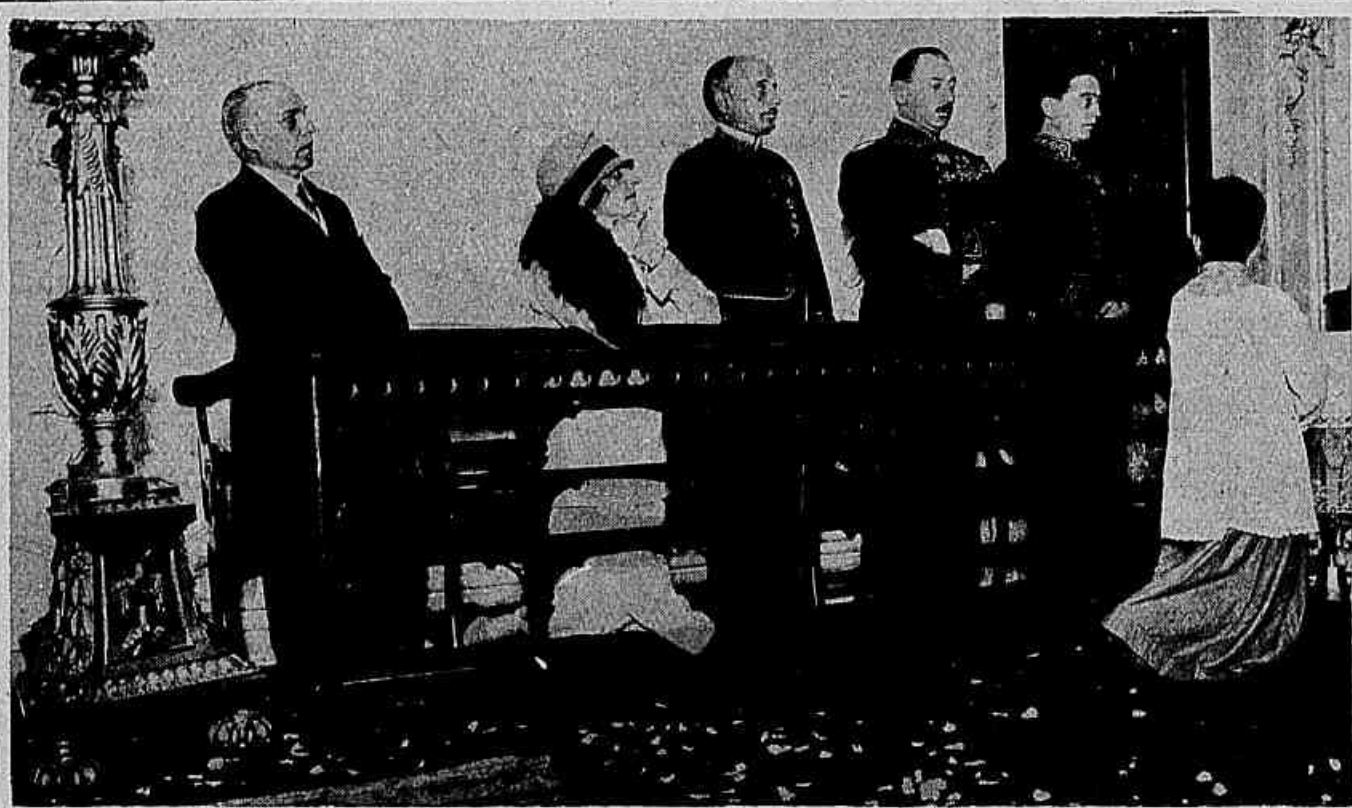
A caixeirinha alliviada levanta-se esfregando os joelhos doridos e, emquanto ajuda Madame a vestir-se, a amiga intima disfarça o sorriso de ironica satisfação: obrigou-a a comprar, se não o mais feio, pelo menos o que lhe assenta peior!

Não se pode dizer que perdeu a tarde.

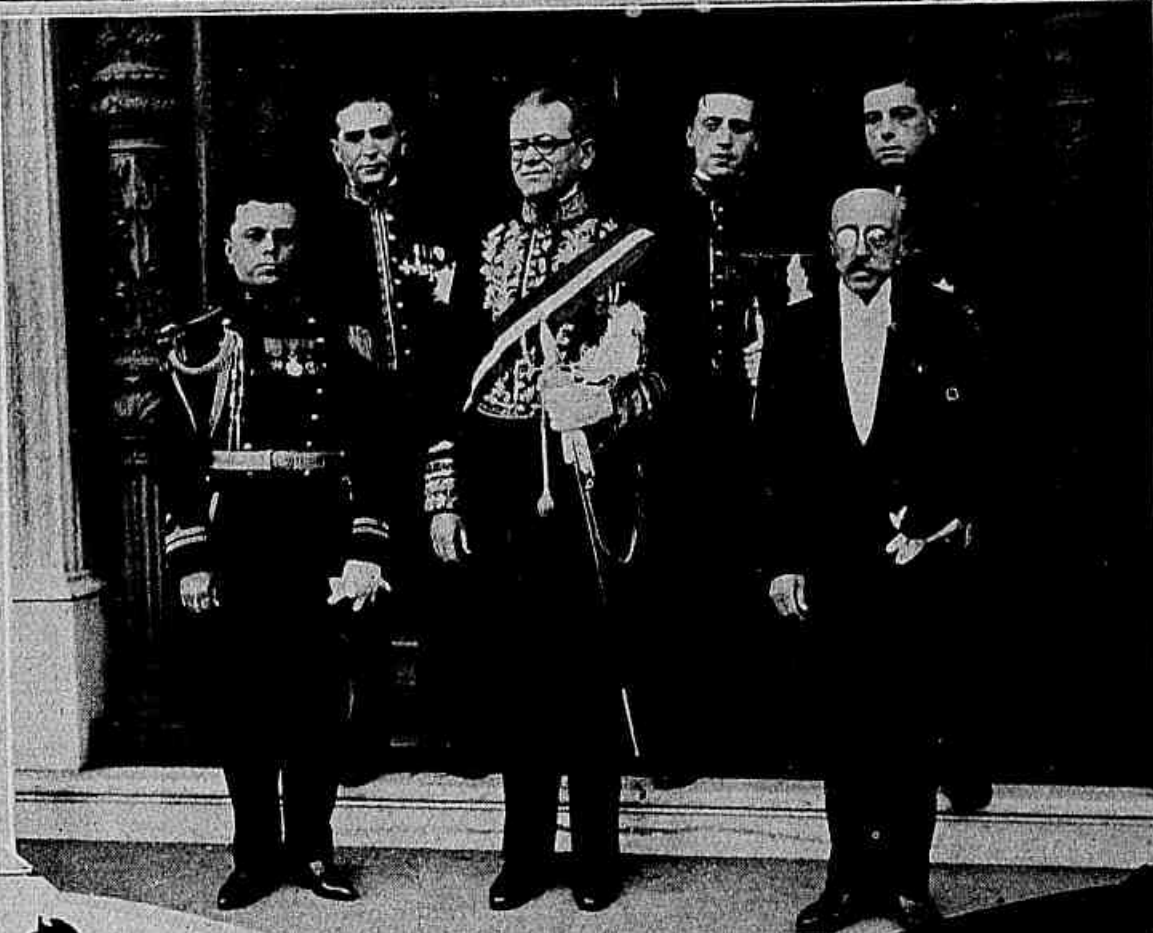
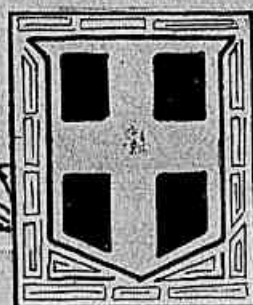
Ah! estas amigas intimas, estas amigas intimas...

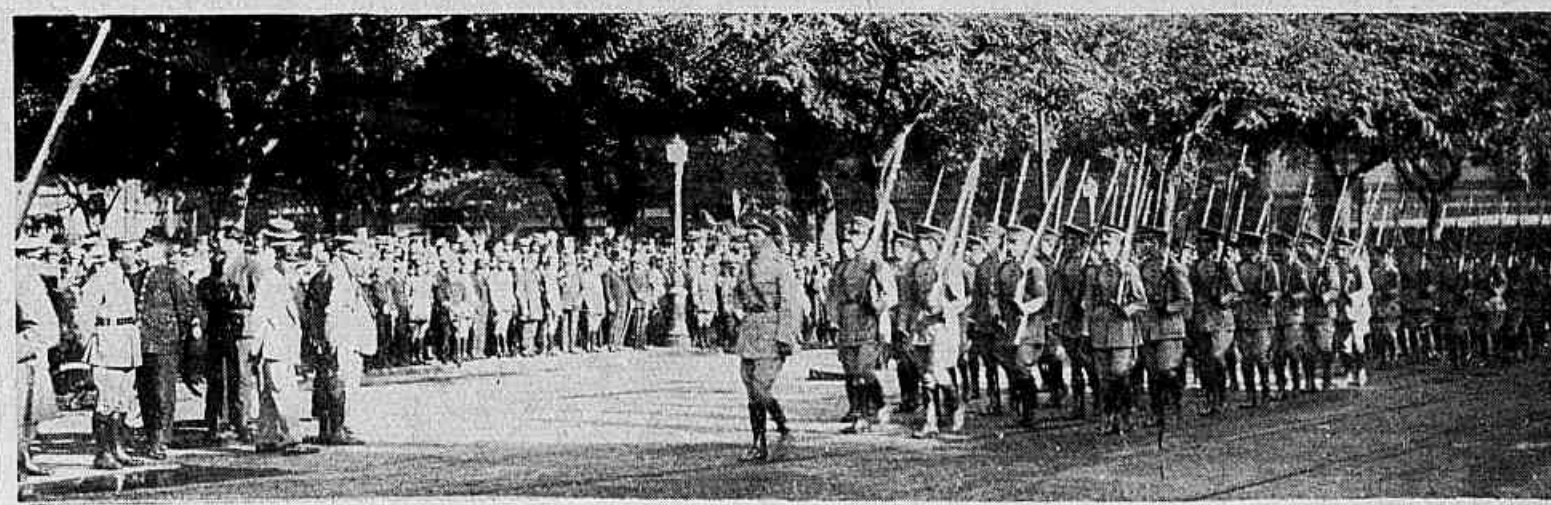
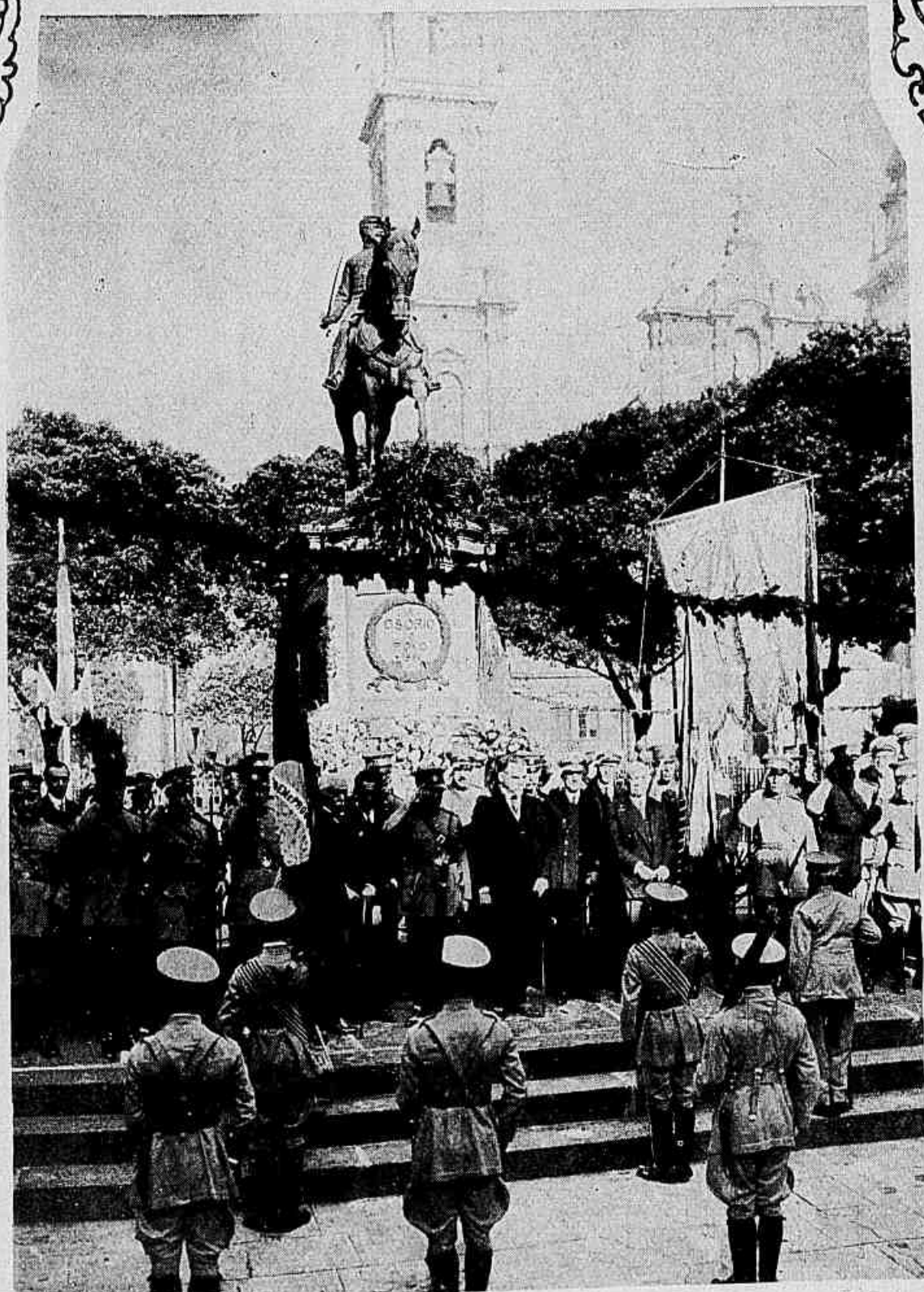
Maria Eugenia Celso

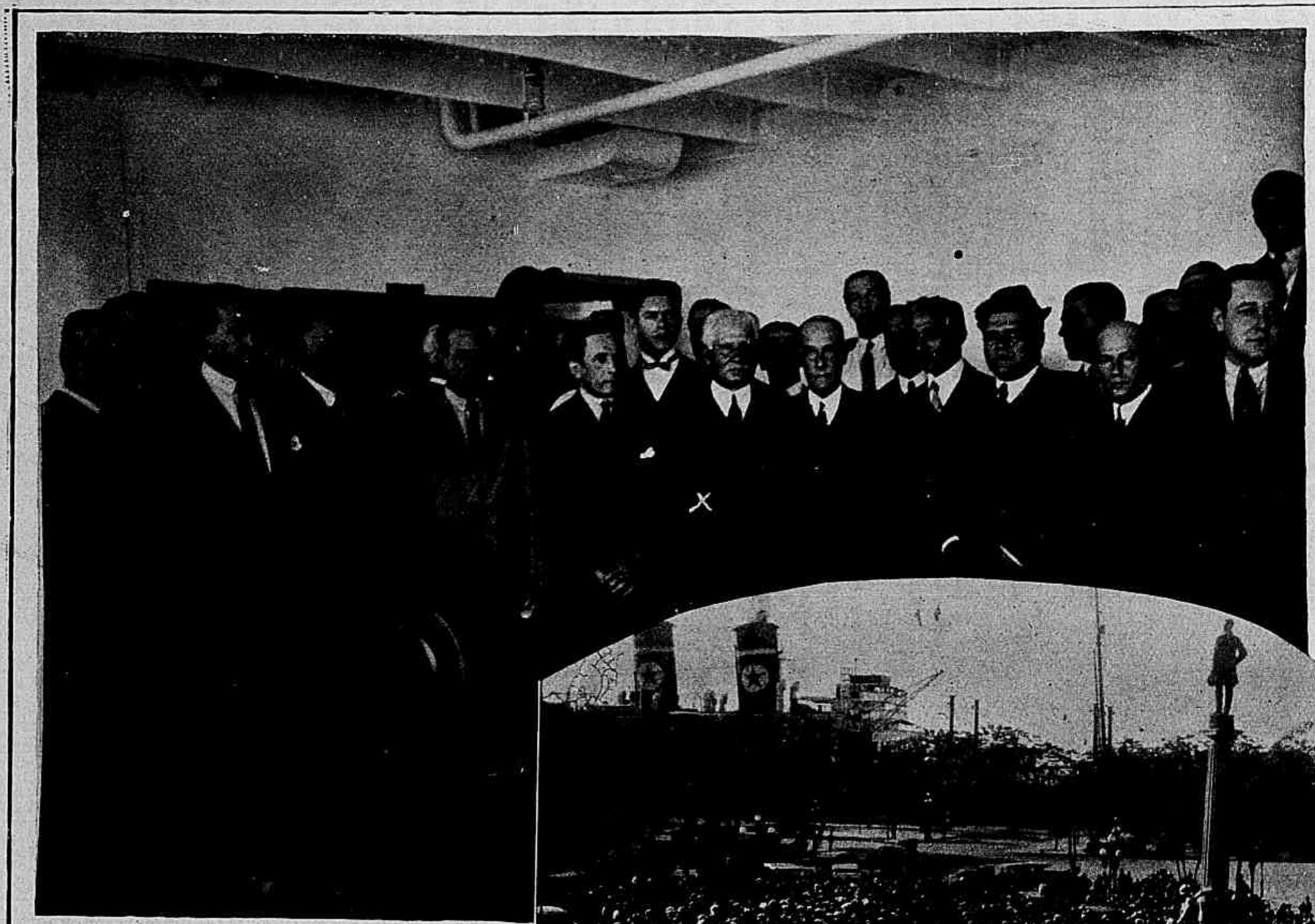
A entrega de credenciaes do illustre sr. Ricardo Jaimes Freyre, novo ministro da Bolivia junto ao nosso governo. Ao alto, á esquerda: o sr. Washington Luis, presidente da Republica, no salão de honra do Cattete, ao lado do novo ministro boliviano; á direita: o dr. Ricardo Freyre ao sahir do palacio da Presidencia, após a entrega das credenciaes. O illustre diplomata — que é tambem um brilhante intellectual — tem á direita os srs. Gregorio Reynolds, secretario da Legação da Bolivia, e major Brasilio Carneiro, da casa militar da Presidencia, e á esquerda os srs. Mendes Gonçalves, da casa civil da Presidencia, e H. de Saules, introductor diplomatico. Ao lado: a força do Exercito prestando continencia ao ministro da Bolivia.

A data da Independencia de Cuba

1 — S. ex. o sr. general d. Gerardo Machado, presidente da Republica de Cuba. 2 — A visita da Escola Cuba á Legação do paiz amigo, no dia 20, data da Independencia da nobre nação do norte. A senhora Barnet y Vinageras, sentada, tem á direita a senhora Cesar Salaya e vê-se entre a directora e uma das professoras da Escola Cuba. Ao fundo, ao centro, o sr. ministro Barnet y Vinageras entre as alumnas da Escola. 3 — O sr. ministro de Cuba nas escadarias da Legação com as alumnas da Escola. 4 — A recepção offerecida pelo sr. ministro de Cuba e senhora Barnet y Vinageras ás autoridades, corpo diplomatico e sociedade brasileira. Vêem-se a senhora Barnet y Vinageras, que tem á esquerda a senhora A. Azeredo e á direita a senhora Octavio Mangabeira, e entre outras as senhoras Salaya, generala Coffee, embaixatriz da Argentina e embaixatriz Regis de Oliveira. 5 — Outro aspecto da recepção. S. ex. o sr. ministro de Cuba tem á direita o senador A. Azeredo e o ministro Garcia Ortiz, da Colombia, e á esquerda os srs. ministro Godofredo Cunha, presidente do Supremo Tribunal Federal, e ministros almirante Pinto da Luz e general Sezefredo dos Passos. Vêem-se tambem os srs. E. Morgan, embaixador dos Estados-Unidos; monsenhor E. Lari, encarregado de Negocios da Santa Sé; coronel Agustin Benedicto, addido militar do Chile; Dionisio Ramos Montero, ministro do Uruguay; Abel Montilla, ministro da Venezuela; Victor Maurtua, ministro do Perú, e outras personalidades.

A commemoração do natalicio de S. M. Affonso XIII

Ao lado: aspecto da assistencia durante a sessão solemne no Centro Gallego, promovida pela Cruz Vermelha Hespanhola. Em baixo: á direita: a mesa, presidida pelo sr. ministro de Hespanha; á esquerda: o sr. ministro Benitez Esteves na missa rezada na Cruz dos Militares em acção de graças pelo anniversario de S. M. o rei Affonso XIII.

A fixação de limites entre o Paraguay e o Brasil

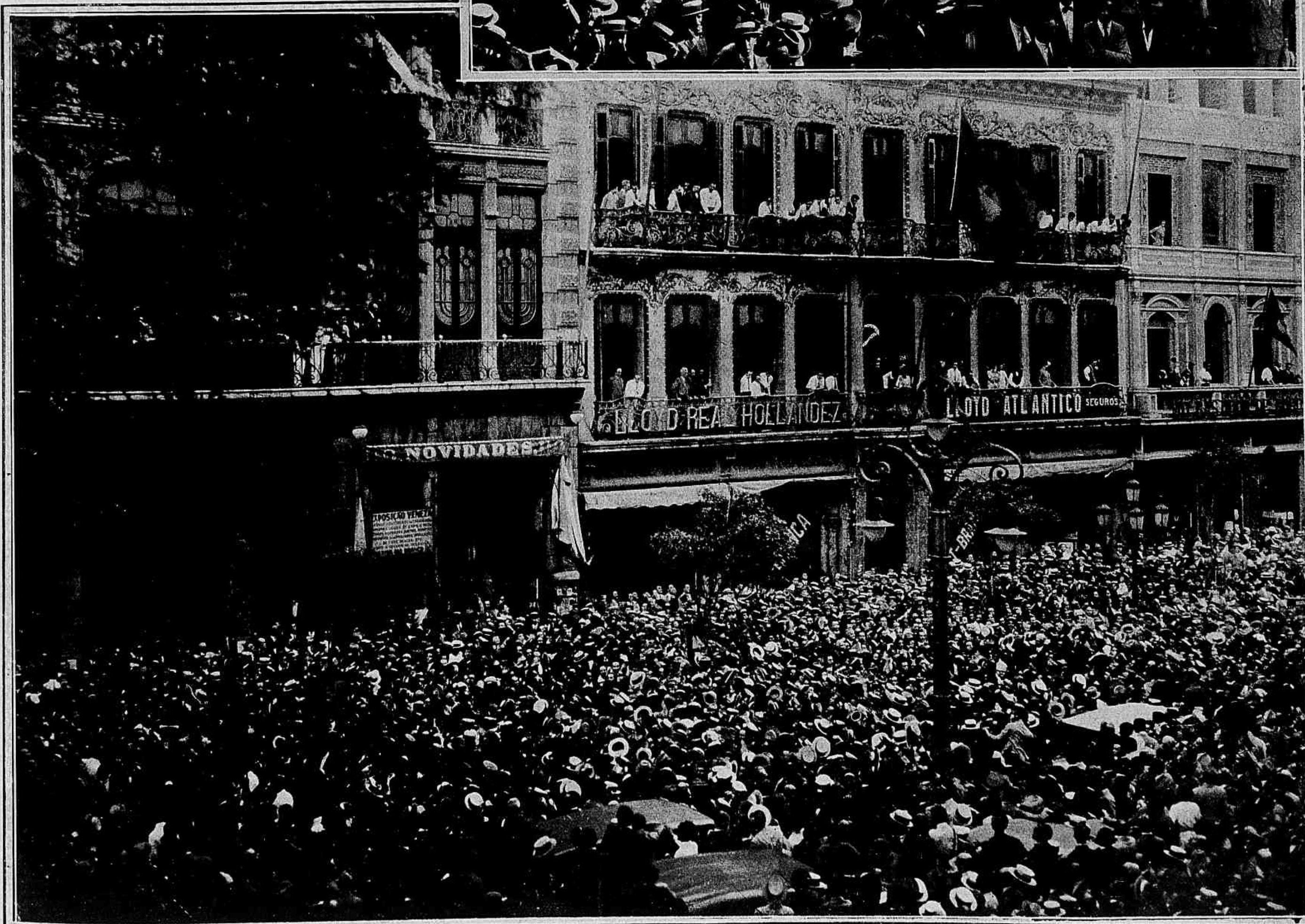
A ceremonia da assignatura do accordo sobre as linhas fronteiriças entre o Paraguay e o Brasil no salão de honra do Palacio Itamaraty. Ao alto: o chanceller Octavio Mangabeira, plenipotenciario brasileiro, assigna o tratado junto do sr. Rogelio Ibarra. Ao lado: o ministro Rogelio Ibarra, plenipotenciario do Paraguay, appõe a sua assignatura ao tratado junto do chanceller brasileiro. Estiveram presentes a essa ceremonia os srs. Higino Arbo, delegado do Paraguay á Commissão Internacional de Jurisconsultos Americanos: o chefe do gabinete do sr. ministro das Relações Exteriores, e membro do mesmo; marechal Gabriel Botafogo, chefe da Commissão de Limites Brasil-Paraguay; membros da mesma commissão, chefes de secção do Itamaraty e outras pessoas.

O novo Embaixador da Italia

1 — S. s. ex. ex. os srs. Presidente da Republica e Bernardo Attolico, no salão de honra da Palacio do Cattete, após a entrega das credenciaes que acreditam o illustre diplomata italiano na qualidade de embaixador do grande Reino do Adriatico junto ao nosso Paiz. 2 — O novo embaixador da Italia ao sahir do palacio presidencial, acompanhado pelos srs. dr. Henrique de Saules, introductor diplomatico, commandante Braz Velloso, da Casa Militar da Presidencia, e Francesco Fransoni e Carlo Alberto Perogo, conselheiro e secretario da Embaixada italiana. 3 — A força do 3.º Regimento de Infantaria prestando as devidas honras ao illustre diplomata.

A commemoração da Batalha de Tuyuty

A' esquerda: a estatua de Osorio, o heroe de Tuyuty. O sr. presidente Washington Luis
tem á direita, no primeiro plano, os srs. ministros da Guerra e da Justiça, senador Aze-
redo e generaes E. Pamplona, Ribeiro da Costa, Tasso Fragoso e Azevedo Costa, e á es-
querda os srs. ministro da Marinha e da Agricultura, generaes Rondon, Hastimphilo
de Moura e João José de Lima. A' direita; ao alto, o sr. Presidente no automovel offi-
cial em companhia do ministro da Guerra, chefe e sub-chefe da Casa Militar, ao chegar
ao monumento de Osorio; em baixo: o desfile da Escola diante da
estatua do heroe de Tuyuty.

A chegada de Assis Brasil

A chegada ao Rio do sr. Assis Brasil revestiu a feição de um verdadeiro acontecimento, fazendo vibrar de modo extranho a nossa capital, num movimento de intensa sympathia e de admiração pela figura do eminente brasileiro. A população carioca movimentou-se, em grande massa, indo aguardar o desembarque do illustre republicano e a sua passagem pela Avenida Rio Branco, num eloquente tributo de admiração. Damos aqui seis aspectos da chegada do illustre deputado gaúcho, que reflectem os seguintes momentos: 1 — O sr. Assis Brasil a bordo do «Almeda», no cáes do porto, rodeado por figuras do mundo politico e vultos da nossa sociedade. 2 — O povo na Praça Mauá, momentos antes do desembarque. 3 — Outro empolgante aspecto da Praça Mauá por occasião do desembarque do illustre chefe gaúcho.

6 — Um aspecto da passagem do eminente brasileiro pela Avenida Rio Branco, a caminho do hotel onde se hospedou. A indescriptivel vibração que animava a grande arteria da capital tinha os seus momentos culminantes após os discursos que em varios pontos foram ouvidos, proferidos por oradores que representaram a politica, a mocidade academica, o povo e varias classes sociaes.

4 — O povo no cáes do porto, no momento em que atracava o transatlantico inglez, a cujo bordo chegou ao Rio de Janeiro o illustre republicano. 5 — Outro detalhe da Praça Mauá, onde grande massa popular se comprimia enthusiastica, esperando o desembarque do sr. Assis Brasil.

ANNIVERSARIOS

No dia 28 — as senhoras Ida Gomes Ribeiro, Ermelinda Alves de Souza e Maria Pereira do Lago; as senhorinhas Celina Belisario Penna, Lucy Ferreira, Amalia Cristofaro e Lucia Bittencourt Pinheiro; os drs Manoel Tavares Pinto Junior, J. B. de Mello e Souza, Ewbank Tamborim e José Pereira Guimarães.

No dia 29 — senhoras Heitor da Silva Costa e Adelina Moss de Almeida; a professora Anna Barata Braga; as senhorinhas Helena de Souza Aguiar, Zoraide Salles Rosa; Laide Antunes e Celina Vaz do Amaral; o ministro Heitor de Souza; os drs. Fernando de Almeida Brandão e Fenelon Bomilcar da Cunha; a formosa menina Ruth Leitão da Cunha.

No dia 30 — senhoras Francisco Lopes Monnerat, Maria de Vasconcellos e Maria Antonieta dos Santos Diniz, mãe dos nossos companheiros Diniz Junior e Marquez de Diniz; monsenhor Fernando Rangel; o deputado Antonio Pedro de Andrade Muller; o dr. Adamastor Magalhães; o capitalista José Rainho da Silva Carneiro; o dr. Carlos Olyntho Braga, illustre procurador da Republica.

*

Nesse dia passa tambem o anniversario natalicio do sr. coronel José Bellens de Almeida, illustre e estimado director da Recebedoria do Districto Federal. Cavalheiro de fino trato e funccionario modelar, terá occasião de vêr em torno de sua pessôa o infinito numero de amigos que soube crear.

*

No dia 31 — as sras. Esther Veiga Euler e Rosa de Miranda Rodrigues; as senhorinhas Maria José Martins Tinoco, Anna de Lima Batalha, Leonor Prudencio dos Santos, Maria de Lourdes Sayão de Araujo; o ministro Guerra Duval; os drs. Humberto Antunes, Fernando Esquerdo, Nascimento Silva, Eugenio Sá Pereira; o jornalista Eduardo Salamonde; o sr. Oscar de Sayão Moraes; a pianista Juracy Ramos da Rocha e Silva.

No dia 1 — as sras. Sarah de Freitas Lopes Gonçalves, Alvaro Campista e Palmyra Barros Leal; as senhorinhas Luiza Guimarães e Amelia Berquio; os drs. José Braz e Frederico Barros Barreto; o coronel Faria Amado.

No dia 2 — as sras. Maria Eugenia Pinheiro Machado, Belmiro dos Santos, Elsa Moreira Guimarães; as senhorinhas Esther Santos, Ermelinda Nunes Ribeiro, Margarida Costa Macedo, Etelvina Muller de Campos e Ericina Vidal; os drs. Arthur Moss, Alfredo Firmo da Silva, Gustavo Castro Rabello e Alfredo de Figueiredo; o desembargador Vicente Piragibe; o marechal Marcellino de Souza Aguiar.

No dia 3 — senhoras Julio Ribeiro de Castro, Moreira Brandão e Pilar Filho; as senhorinhas Jeannette Lassarre, Maria Adelaide de Miranda, Rita Goulart, Hilda Monteiro de Barros, Maria de Lourdes Borges de Medeiros, Dulce Villalba; a galante petiza Maria, filhinha do casal Edgard Castro Barbosa; os drs. Arthur Obino e Elpidio Trindade; o professor Abilio Borges; o coronel Lauro Silveira de Azevedo; as meninas Maria Adelaide de Miranda e Maria da Conceição Guimarães; o estudante Roberto Henrique Jorge William; o nosso querido companheiro Joaquim Alberto Vieira, o habil photographo a quem tanto deve a "Revista".

A gentil senhorinha Stefana de Macedo, que realizará hoje, ás 4 1|2 da tarde, no Instituto Nacional de Musica, com o concurso do sr. Gabriel de Macedo, um recital de canções ao violão, que está sendo ansiosamente esperado.

NOIVADOS

— a senhorinha Nila Coutinho e o sr. Aureo Loureiro de Sá;

— a senhorinha Lydia Schmidt e o sr. Antonio Francisco de Oliveira;

— a senhorinha Esmerita Freitas e o sr. João Stavola;

— a senhorinha Gloria Frontin e o dr. Ismael Moniz Freire;

— a senhorinha Arminda Rodrigues dos Santos e o sr. Antonio J. Lopes;

— a senhorinha Victoria Velloso de Souza e o sr. Milton C. Rodrigues.

CASAMENTOS

— a senhorinha Nair Pires de Sá e o sr. Nelson d'Aguiar;

— a senhorinha Beatriz Tavares da Gama e o prof. Armando de Noronha;

— a senhorinha Sonia Sodré e o dr. Heitor Moniz;

— a senhorinha Carmen Clemente Pinto e o dr. Eugenio Pecora Seara;

— a senhorinha Gilka Ribeiro e o tenente Jayme Araujo dos Santos;

— a senhorinha Tharcilla Britto e o sr. Othoniel Motta;

— a senhorinha Jacyra Mendes de Albuquerque Diniz e o sr. Anesimo Pires Domingos;

— a senhorinha Maria Evangelina de Andrade e o sr. Bento Paixão Catta Preta.

DIPLOMATAS

Deixou o Rio, seguindo para a Italia, afim de assumir as suas funcções no consulado brasileiro, o sr. Paulo Vidal, que teve um embarque muito concorrido.

OS QUE VIAJAM

Chegaram ao Rio — o dr. Tobias Moscoso, que regressou dos Estados Unidos, onde tomou parte nos trabalhos da Commissão Ferroviaria Pan-Americana; o capitão Affonso Trannin; o dr. Pamphilo de Carvalho, procedente da Bahia; o dr. Heraclito Lobato de Vasconcellos e senhora, chegados de Florianopolis; o professor Telesio Perdigão, da Missão Rockefeller, que volta de Queluz.

*

DR. ARTHUR BERNARDES

Procedente de Viçosa, para onde se retirára após haver deixado o Governo da Republica, chegou ao Rio o sr. dr. Arthur Bernardes, senador pelo Estado de Minas Geraes. A' hora em que registramos a chegada de s. ex., talvez já o ex-presidente da Republica se encontre a caminho do Velho Mundo, a bordo do *Bagé*.

*

Deixaram o Rio. — o dr. Geraldo Rocha, que foi ao Paraná; o constructor José de Azevedo Canto, que se destina á Europa; o jornalista Gastão de Bittencourt, que vae ao norte do Brasil; o cav. Luigi Sciutto, para a Italia; o sr. João Barbosa, para a Europa; o dr. João Pinheiro de Miranda França, para a Europa, acompanhado de sua familia.

MUSICA

Foi das mais formosas a festa de arte que o barytono Adacto Filho realizou, terça-feira ultima, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica.

O applaudido cantor compôz o seu programma com musicas modernas, nacionaes e estrangeiras, que tiveram os mais francos applausos da numerosa e selecta assistencia.

O salão do Instituto esteve totalmente cheio do que a nossa sociedade possue de mais elegante.

*

Sexta-feira da passada semana, teve logar o concerto da sra. Maria Soares de Albergaria, soprano ligeiro.

O programma que a distincta cantora desenvolveu foi dos melhores e delle fizeram parte Paccini, Brahms, Tirindelli, Quaranta, A. Thomas, Carlos Gomes, G. Sibella, Alberto Nepomuceno, Ruy Coelho e H. Prech, que a senhora d'Albergaria cantou brilhantemente.

*

Acha-se no Rio o notavel pianista russo Mark Hambourg, chegado quarta-feira ultima pelo *Andalucia*, que vai dar uma deliciosa série de concertos no Municipal logo após as récitas de Véra Sergine.

FESTAS

O Tijuca Tennis Club, afim de commemorar o 12.° anniversario de sua fundação, está organizando a "Semana Tijucana" que constará de esplendidas reuniões sportivas e mundanas.

Reina grande alegria no meio dos socios do elegante *cercle*, que tudo têm feito para que essas reuniões sejam lindas e concorridas.

CHÁS DANSANTES

O Automovel Club do Brasil offereceu, quinta-feira passada, uma encantadora tarde de chá e dansa aos seus associados. Foi essa a segunda reunião da temporada, que logrou reunir o que de mais distincto possue aquella sociedade, tendo-se as dansas, ao som de uma magnifica jazz-band, prolongado até á noite.

DECLAMAÇÃO

Para terça-feira proxima está fixada uma optima tarde de declamação. No salão do Curso Angela Vargas, a senhorinha Hebe Cunha dará o seu recital de declamação e o apreciado escriptor Julio Barata fará uma conferencia. Reina em nossos meios cultos e elegantes o maior interesse por essa hora de arte.

M. DE D.

A imponente recepção offerecida na Embaixada Argentina pelo sr. embaixador e senhora Mora y Araujo ao senador Leopoldo Melo, eminente jurisconsulto delegado ao Congresso que se reuniu no Rio de Janeiro, e á sua illustre senhora, que se vê sentada, tendo á esquerda a senhora embaixatriz da Argentina e á direita as senhoras A. Azeredo e Octavio Mangabeira. O eminente senador Leopoldo Melo tem á esquerda os srs. ministro do Paraguay, chanceller Mangabeira, senador A. Azeredo, ministro G. Vargas, vice-presidente Mello Vianna, ministro Lyra Castro, embaixador da Argentina, ministro Vianna do Castello, ministro da Colombia e deputado L. Collor. Vêem-se tambem entre os presentes, ao lado esquerdo, os srs. almirante Pinto da Luz, ministros do Perú, da Venezuela e deputado Rego Barros, presidente da Camara.

O Presidente da Republica na Escola de Aviação Naval

1 — O sr. Presidente da Republica, o almirante Nunes de Carvalho e o capitão-tenente Camillo Netto, no *F 5 L* pilotado por este official e no qual o sr. Washington Luís fez um magnifico vôo. 2 — O apparelho do Exercito que partindo do Campo dos Affonsos foi ter á Ponta do Galeão durante a visita presidencial. Vêem-se os srs. commandante Sarmento de Beires, commandantes Hugo Mariz e Alves de Souza, o official do Exercito que pilotou o avião, o ministro da Marinha, o sr. Presidente da Republica, o almirante Nunes de Carvalho e o coronel Teixeira de Freitas. 3 — A chegada do sr. Presidente á Ponta do Galeão. 4 — S. ex. diante de um aeroplano da Marinha, que fez durante a visita importantes evoluções. Vêem-se com s. ex. a sua Casa Militar, o ministro da Marinha, Sarmento de Beires e officiaes.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A SUPREMA EPOPÉA

Lindbergh culminou! O mundo assistiu, transido de emoção, ao mais surprehendente dos feitos realizados pelos homens que escalam os espaços. Aos que entendiam como uma utopia a equiparação da creatura humana ás aves de grande envergadura, Lindbergh responde excedendo-se no seu vôo maravilhoso, incomparavel.

Esse homem extraordinario, ainda no verdor dos annos, com um physico á primeira vista incompativel com os grandes feitos, tinha, a despeito de ser entendido por "aviador louco", o destino de ser o maior de todos!

O "Espirito de S. Luiz" representa para a America um symbolo e, transpondo em longuissimas e inacreditaveis horas de vôo o Atlantico norte, indo de New-York a Paris, põe em relevo, conjugadas num só homem, conferindo-lhe attributos de colosso, todas as energias que os grandes vôos requerem: a do piloto, a do observador e a do mecanico!

Lindbergh, sózinho, só com o seu superglorioso avião, bastou-se a si proprio, bastou-se á sua gloria, ao seu triumpho e á sua epopéa!

E essa França generosa e grande a que foi ter; essa França que ha pouco chorara, acompanhada pelo mundo inteiro, o desapparecimento de Saint-Roman e de Nungesser; essa França que ainda, numa suprema esperança, indagava dos que andam sobre as ondas o destino do "Paris-America Latina" e do "Passaro Branco", soube receber no paroxismo da vibração o solitario e heroico voador, sagrando-o á á face da terra como o maior dos dominadores dos ares.

O feito inacreditavel repercutiu pelo universo como uma das mais grandiosas victorias do homem, e o Brasil não poderia deixar de commungar na alegria mundial pela gloria do Continente.

E dentro do Brasil, nós, da "Revista da Semana", não poderiamos deixar de enaltecer a suprema epopéa de Lindbergh, que hoje não é mais o "aviador-louco" dos ironistas, mas o aviador pre-

A recepção dada pelo sr. embaixador do Japão e senhora Ariyoshi ao mundo official, corpo diplomatico e pessôas das suas relações no palacete da Embaixada. A sra. Embaixatriz, que tem á esquerda as senhoras Azeredo e ministra de Cuba, se vê rodeada pelos srs. embaixador do Japão, ministros do Exterior e da Agricultura, ministro do Uruguay, embaixador de França, general Coltec, encarregado de negocios da Santa Sé, senador Antonio Azeredo e outras personalidades de destaque.

Grupo das pessôas que tomaram parte no banquete offerecido pelo sr. ministro de Cuba, dr. Barnet y Vinageras, aos jurisconsultos delegados ao Congresso ultimamente reunido no Rio: drs. Cesar Salaya, de Cuba, e Horacio Alfaro, ministro do Exterior do Panamá. Da esquerda para a direita, vêem-se: De pé: srs. Rodrigo Octavio Filho, Amaro da Silveira, Octavio Britto, Horacio Alfaro, ministro Barnet y Vinageras, Cesar Salaya, Miranda Jordão, Nascimento Gurgel e o nosso director Aureliano Machado. Sentadas: senhoras Van de Grient, Rodrigo Octavio Filho, Miranda Jordão, Cesar Salaya, Barnet y Vinageras, Amaro da Silveira, Octavio Britto e senhorinha Ramos Montero.

O grande festival realizado no Theatro Lyrico com o concurso de todas as companhias de todos os theatros do Rio de Janeiro em favor da construcção do « Super-Wall » com que os aviadores portuguezes tentarão a viagem aerea á volta do mundo. A' direita um aspecto parcial da platéa do grande theatro durante o festival; á esquerda, o glorioso aviador Sarmento de Beires, commandante do «Argos», fazendo uma interessante descripção da viagem do famoso avião portuguez.

O jantar e a cerimonia da iniciação realizados na sexta-feira transacta, pela passagem do 2.º anniversario do Club Fraternidade (Moças do Commercio) da Associação Christã Feminina.

destinado que triumphou em condições unicas e insuperaveis.

A Lindbergh — cujo retrato, se o tivessemos, fulgiria nas nossas paginas — a nossa calorosa homenagem.

PARAGUAY-BRASIL

O sabbado ultimo teve uma grande significação nas nossas relações com os paizes visinhos, mercê da assignatura do tratado entre o Brasil e o Paraguay, definindo a ultima parcella da nossa imensa fronteira que ainda não recebera a sancção de um accordo internacional.

Em 1872, aos 9 de Janeiro, assignaramos em Assunção o tratado que definiu a linha divisoria com o Paraguay, da foz do Iguassú á do Apá; no sabbado ultimo, completámos no Rio de Janeiro aquelle tratado, demarcando a parte comprehendida entre a foz do rio Apá, no rio Paraguay, e o desaguadouro da Bahia Negra.

A solução ora encontrada tem o seu adiamento fartamente justificado, por isso que a região indicada constitue objecto de disputa entre o Paraguay e a Bolivia, e esta jamais deixou de allegar as suas pretenções. Varias vezes, já no regimen republicano, tentou o Brasil encontrar uma formula que pudesse levar á solução desejada, sem que parecesse o nosso governo affectar a impertinencia de querer prejulgar a questão que ha entre a Bolivia e o Paraguay.

O nosso illustre Chanceller, sr. Octavio Mangabeira e o illustre ministro do Paraguay aqui acreditado, sr. Rogelio Ibarra, chegaram ao desejado accordo, sob applausos unanimes, e é de louvar tenha sido, mais de meio seculo depois, completado o tratado de 1872, e pelo modo por que o foi, com o respeito reciproco aos direitos alheios e com o liberalismo que é o apanagio da nossa diplomacia.

DESAFIO ÁS EXPLOSÕES

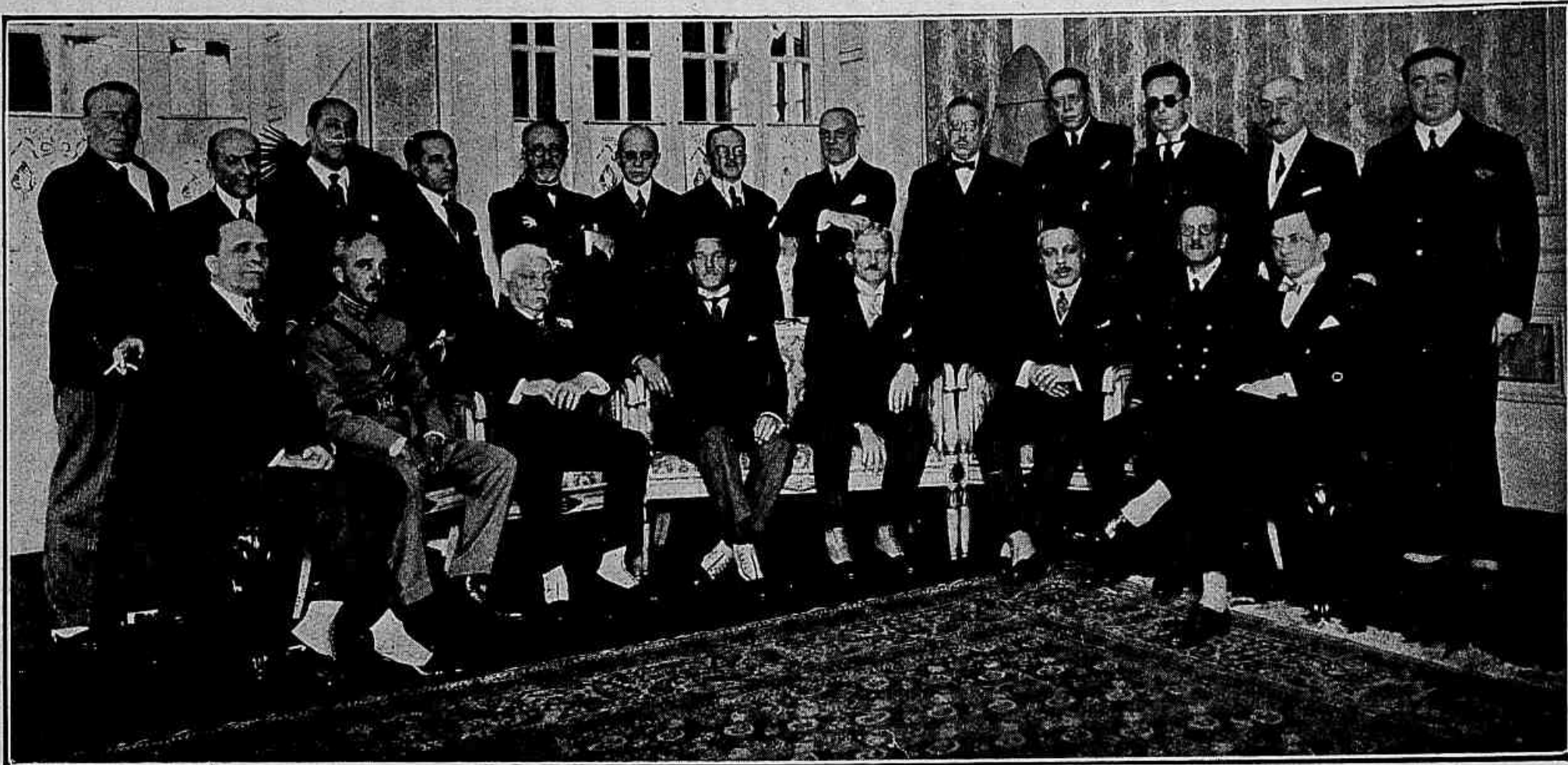
Ha dias atrás, foi chamada a attenção dos poderes publicos para a situação de perigo permanente em que se vê Nictheroy, a fronteira capital do Estado do Rio, exposta ao risco de imminentes explosões.

Em verdade, a chronica da capital fluminense é fertil em catastrophes desse genero e não ha muito a ilha do Cajú enlutou innumeros lares e deixou sem tecto familias varias, tudo porque ha uma teimosia criminosa que insiste em conferir a ilhas proximas a qualidade de depositos de explosivos.

E' notavel a obstinação com que os

Realizou-se em Lisbôa, na Escola Academica, uma festa em homenagem ao aviador major Duvale Portugal, o abnegado militar que desistiu, em Bolama, de continuar viagem no «Argos» para que esse, alliviado do seu peso, pudesse atravessar o Atlantico. Vêem-se na gravura, sentados da esquerda para a direita, o sr. general Domingues, o sr. general Carmona, presidente da Republica; o major Duvale Portugal, e o tenente-coronel Cifka Duarte.

O "Argos" sobre a nossa Capital

O "Argos" evoluindo sobre a nossa capital, no bairro dos "arranha-céos" cariocas. Dois interessantes instantaneos apanhados, por feliz acaso, pelo nosso photographo. Na gravura inferior o "Argos" passa entre os dois mais altos edificios do Brasil.

O sr. Horacio Alfaro, ministro do Exterior do Panamá e delegado do seu paiz á junta de jurisconsultos americanos, em companhia das pessôas que tomaram parte no banquete offerecido a s. ex. Sentados, da esquerda para a direita, os srs. Rego Barros, presidente da Camara; general Sezefredo dos Passos, ministro da Guerra; senador A. Azeredo, vice-presidente do Senado; Mello Vianna, vice-presidente da Republica; ministro Horacio Alfaro; ministros Octavio Mangabeira, Pinto da Luz e Victor Konder. De pé, entre outros, os srs. Leão Velloso, Cruz Santos, Rodrigo Octavio, Raul Campos, ministro da Colombia, embaixadores dos Estados Unidos e da Argentina, ministros do Perú, Cuba e Venezuela.

poderes publicos repellem os conselhos dictados pela experiencia e impostos pelas catastrophes já verificadas, e tanto mais notavel quanto é sabido que, na voz do povo, aqui no Brasil logo que se arrombam as portas acudimos com trancas...

No caso das explosões, nem depois de arrombadas as portas queremos dar o remedio...

Parece mentira; mas é verdade!

O NOVO NUNCIO APOSTOLICO

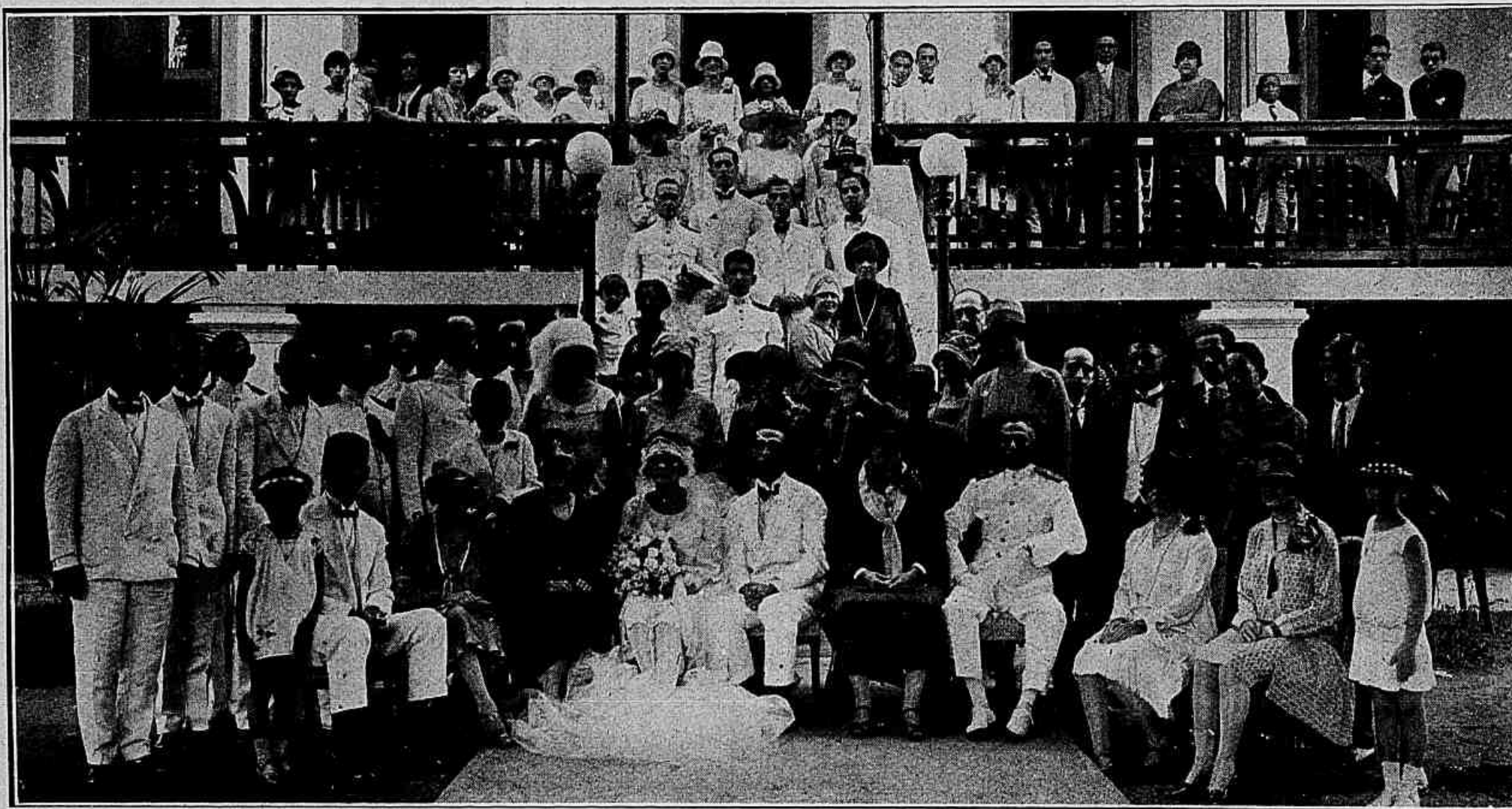
A Nunciatura Apostolica no Brasil, vaga desde a partida do Rio de Janeiro de S. E. o cardeal Henrique Gasparri, terá em breves dias novo e illustre occupante.

A Santa Sé houve por bem designar para o alto posto diplomatico do Vaticano junto do nosso governo a figura altamente illustre de monsenhor Aloisi Masella, vulto notavel na Igreja e na diplomacia, a que tem servido com uma visão maravilhosa, uma habilidade incomparavel e uma finura indizivel.

Transferido, com accesso, do Chile para

S. ex. monsenhor Benedetto Aloisi Masella, o novo Nuncio Apostolico no Brasil.
(Retrato pertencente a s. ex. o sr. dr. Dionisio Ramos Montero, ministro do Uruguay entre nós).

o Brasil, S. Ex. Revma. não encontrará espinhos na sua elevada missão. Antes, será esta bem facil a S. Ex., em face do sentimento da grande maioria do povo brasileiro. Mons. Aloisi Masella terá em nossos patricios verdadeiros amigos, que receberão jubilosamente o novo e illustre enviado do Vaticano.

E a "Revista da Semana", certa de interpretar o sentir dos Brasileiros, saúda o eminente vulto da Igreja que em breve virá conviver com o nosso povo.

A gentil senhorinha Beatriz Tavares da Gama, filha do fallecido capitão de fragata Alberto Carlos da Gama e sobrinha do nosso companheiro Octavio Tavares, e o professor Armando de Noronha, filho do illustre almirante Isaias de Noronha, director da Escola Naval e presidente do Club Naval, no dia do seu auspicioso enlace, realizado na Ilha das Enxadas no sabbado ultimo. Na gravura vêem-se os noivos entre os seus parentes, paranymphos, convidados, *garçons e demoiselles d'honneur.*

Barco abandonado!

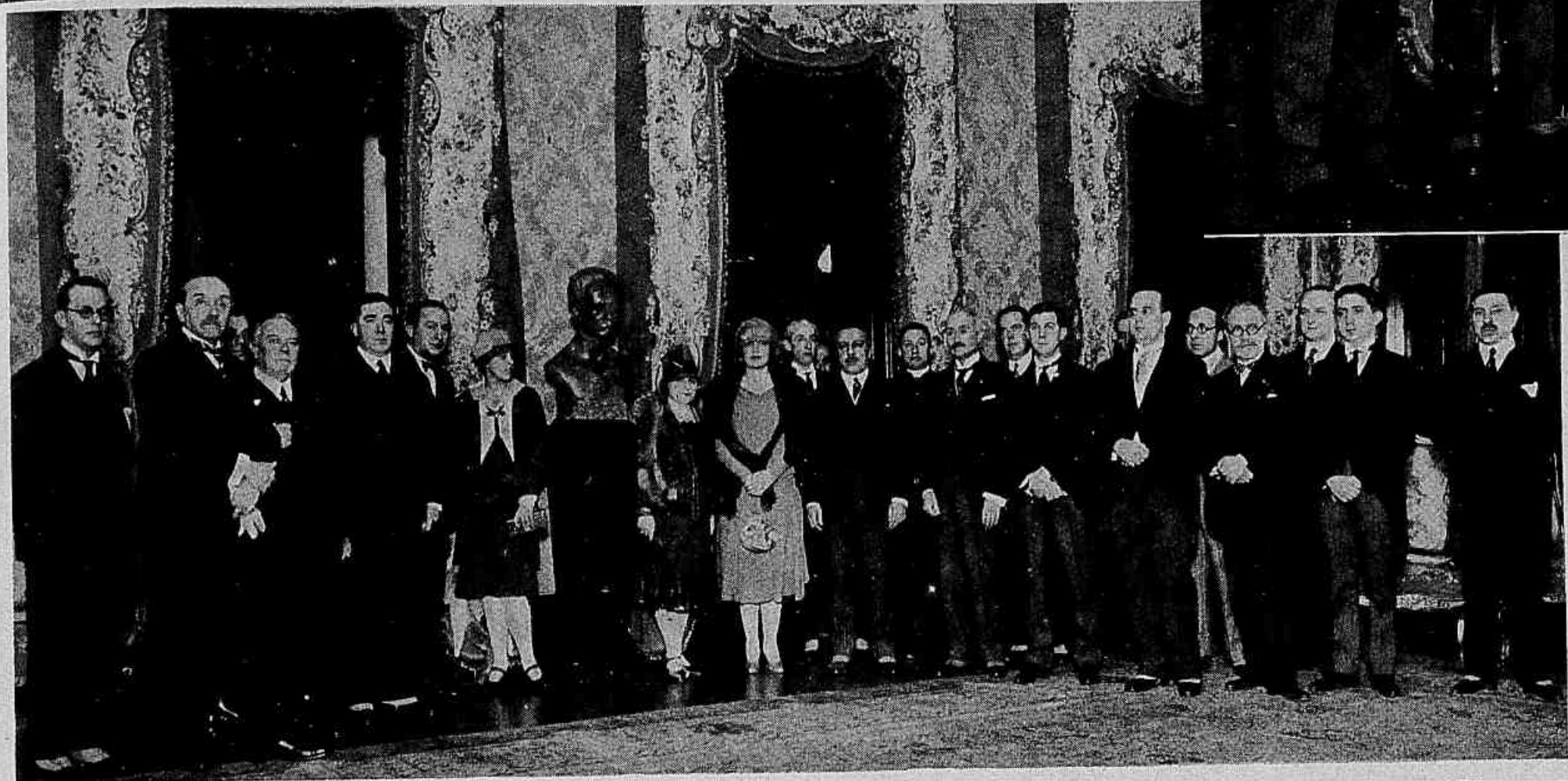
por Mario Bulhão

COMEÇAVA o espaço de cerrar-se na tristura do esmaecido clarão de opala d'Ave-Maria. Enfaixara-se o horizonte no rôxo do occaso: lento lento escoava-se a luz... avultando de mais em mais a sombra. A Noite, deusa-infeliz dos primevos, percorreria em breve a mysteriosa amplidão escurissima, aconchegando ao regaço o Destino e o Aniquilamento, seus filhos muito amados, para banhar a terra com as suas lagrimas, palavras de su'alma, voz do sentimento nocturno, as mesmas que o Sol, astro da Vida, encontraria ao depois... orvalhando as folhas e as flores! Antes de irmanar a treva todas as cousas, reunindo-as no mesmo illimitado amplexo, os ultimos raios dispartidos do sol no poente mostravam ainda as fórmas sensiveis da Natureza, compondo a harmonia solemne dos panoramas arrebatadores! A' borda do oceano, um velho barco, deixado ao abandono, era bem um algido silencio da inexistencia, dorido contraste no esplendor quieto, em seu derredor, á hora de cobrir-se de sombras a Terra para o refazimento das galas com que a revestiria a luz na manhã seguinte.

— Que desventura a deste velho barco assim abandonado á praia, onde, quem o saberá, encalhara e defronte á qual, possivelmente, haja tanta vez ancorado, na plena serventia de sua tonelagem, na utilidade ampla de seus grandes prestimos, conduzindo os productos do trabalho, approximando homens e terras, mensageiro de muita alegria, muita mágoa, muita saudade, muita indifferença! Quão terá impavido resistido á furia dos arremessos da tempestade e, qual providencia da vida, no seu bojo acolhido os passageiros de um outro barco em perigo de sossobro na convulsão das aguas revoltas. Não merecera consumir-se abandonado á praia, sob a acção corrosiva do tempo, elle que, mesmo antes de no lançamento ao mar receber aguas de baptismo, todo se déra em beneficios porque, ainda no estaleiro, prodigalizára alimento e aviventára a legião de seus armadores, os artifices do nobre e remunerado encargo de bater as quilhas que sustêem a circulação maritima das riquezas. Fôra-lhe melhor a sorte si, na officina de origem, o desarmassem veneradamente, com os desvellos do preito devido aos bemfazejos! Certo alguem lhe reterá o nome, vivissimo na memoria: si o não retiverem os materialisados que delle tiraram os proventos do commercio ou da industria, bemdil-o a tripulação dispersa, familia de bordo, aves-marinhas varridas do pouso; glorifica-o quem lhe deva uma alegria e, muito mais, santigam-no estas aguas, as mesmas que lhe tenham sido o dominado elemento de seus cruzeiros, submissas a envolverem-no de grinaldas de espuma, á beira-mar, arrancando-lhe de espaço em espaço uma lasca, uma quebra do costado, como se reivindicassem a posse de um bem-marinho, dilecto bem cujo termino de viver sobreviesse apenas no mais dentro do oceano profundo.

Bem hajam estas ruinas de paralysados movimentos do trabalho que, outrora, carteando com o sol e as estrellas, reduziram longitudes, puzeram entre si perto as nações mais distantes, solidaram amisade entre povos e civilizações dispares, offerendaram aos homens as dadivas do conforto, através do immenso a perder de vistas na communhão negativa dos mares!

MARIO BULHÃO.

MARTI NO ITAMARATY

1 — José Marti, o heroe da independencia de Cuba, cujo busto foi inaugurado no dia 19 no Palacio Itamaraty. 2 — O capitão do exercito cubano, Raimundo Ferrer Arias, autor do busto de Marti. 3 — O dr. Cesar Salaya, o ministro Barnet y Vinageras, o chanceller O. Mangabeira e o sr. H. de Saules junto do busto do heroe cubano. 4 — O busto de Marti ladeado, entre outras pessôas, pelos srs. deputado L. Collor, embaixador do Chile, ministros do Uruguay, Venezuela e Paraguay: chanceller Mangabeira, monsenhor Lari, ministro de Cuba, drs. Cesar Salaya e Rodrigo Octavioc

A FELICIDADE CONJUGAL

O noticiario dos jornaes continùa a pôr em evidencia o eterno problema insoluvel que o mundo inteiro conhece: a felicidade no casamento. Ciumes, infidelidades, genio, caprichos, tudo é motivo para que seja conseguida por bem poucos a tranquillidade no lar.

Nos Estados Unidos, porém, onde a superabundancia de divorcios mostra que os lares são frequentemente construidos sobre bases bem pouco solidas, ha um juiz — em Chicago — que pensa haver resolvido o problema. Assim é que, quando celebra algum casamento, dá aos nubentes um "Codigo de felicidade conjugal", de sua autoria, cheio de maximas attinentes á conservação da paz domestica.

Eis alguns desses aphorismos.

"Quando tiveres uma discussão com o teu marido, o melhor meio que podes encontrar para *suavizal-o* e acabar por dominal-o é reconhecer que a razão está do seu lado; principalmente quando, em verdade, sejas tu que estás com a razão.

"Nunca questiones.

O nosso eminente hospede senador Leopoldo Melo, delegado da Republica Argentina ao Congresso de Jurisconsultos Americanos ultimamente reunido no Brasil, offereceu um banquete de despedida á sociedade brasileira, ao qual compareceram as mais notaveis figuras da diplomacia, da politica, das letras juridicas e do jornalismo. De pé: ao centro, o eminente estadista argentino dr. Leopoldo Melo, tendo á esquerda o senador A. Azeredo; e, entre outros, os srs. ministro Mangabeira, deputado Rego Barros, presidente da Camara; Rodrigo Octavio, deputado Augusto de Lima, ministro Garcia Ortiz. Sentada, ao centro, a senhora Octavio Mangabeira, tendo á direita a senhora embaixatriz da Argentina e á esquerda a senhora Leopoldo Melo.

O sr. ministro do Exterior e a senhora Octavio Mangabeira offereceram no sabbado ultimo, no Palacio Itamaraty, um banquete de despedida aos jurisconsultos americanos, delegados ao congresso ultimamente reunido no Rio, e ás suas exmas. senhoras. Na gravura vêem-se em companhia das illustres senhoras que tomaram parte no banquete, entre outros, os srs. Mello Vianna, vice-presidente da Republica; Godofredo Cunha, presidente do Supremo Tribunal Federal; ministros Octavio Mangabeira, Vianna do Castello, almirante Pinto da Luz e Lyra Castro; senador Epitacio Pessôa, presidente da Junta de Jurisconsultos Americanos; dr. Rodrigo Octavio, consultor geral da Republica, e ministro Garcia Ortiz.

"Não durmas nunca sem que tenhas terminado qualquer discussão que tenha havido entre os dois e restabelecido a bôa harmonia. Pede perdão! Fazem-n'o as mulheres melhor e mais facilmente do que os homens!...

"Se teu marido tem dinheiro, insiste por querer vestir-te bem.

"Dá á tua mulher alguma distracção que a compense da vida rotineira, e ás vezes enfadonha, do lar. Sáe com ella com a possivel frequencia.

"Sê galanteador com a tua mulher e não lhe regateies os elogios. Teus cumprimentos agradal-a-ão, farão della uma mulher mais attenta aos teus gostos, uma companheira mais amiga e até uma cozinheira melhor"!

Quem sabe se as maximas do juiz Burke, de Chicago, não seriam efficientes, se divulgadas amplamente?

E' tão difficil acertar-se — ao que parece — com o bom caminho que bem poderiamos, apontando algumas estradas, atinar com a verdadeira, em que pese aos fatalistas que affirmam que só é feliz, casando, quem tiver de ser, porque "Casamento e mortalha no céo se talha"...

Retrato da Imperatriz Leopoldina existente no Castello d'Eu e pela primeira vez reproduzido no livro do sr. Tobias Monteiro.

Retrato de d. Carlota Joaquina, reproduzido pela primeira vez no Brasil no livro do sr. Tobias Monteiro.

Ao alto: o Castello d'Eu, residencia do Principe d. Pedro, onde está reunido o archivo da Casa Imperial do Brasil. *Em baixo*: o sr. Tobias Monteiro na bibliotheca do Castello d'Eu examinando documentos sobre a historia da nossa Independencia.

O autor das *Pesquizas e Depoimentos*, que já trazia bem merecida nomeada como chronista e historiador politico, acaba de publicar a *Historia do Imperio* (Elaboracão da Independencia), volume de 870 paginas, com retratos rarissimos das principaes figuras do tempo de d. João VI no Brasil, magnificamente editado pela casa Briguiet.

Esta obra é uma contribuição inestimavel para a verdadeira historia politica e social do nosso paiz, e vai certamente interessar a todos quantos entre nós procuram bem conhecer os factos que determinaram o movimento nacional de 1822.

O sr. Tobias Monteiro dedicou a esse trabalho o melhor de sua actividade, em annos de pacientes investigações, não contando os esforços que naturalmente reclama a construcção de obra tão complexa e tão vasta. Para escrevel-a, o autor, por assim dizer, segregou-se de um mundo que condições especiaes enchiam de delicados prazeres. O sr. Tobias Monteiro vivera em Paris, onde se installara como para residencia definitiva. Em 1915, como se complicasse, com a guerra, a situação da Europa, volveu ao Brasil. Havia publicado, dois annos antes, na cidade-luz, as *Pesquizas e Depoimentos*. Repatriou-se trazendo a idéa de escrever a historia do segundo reinado. Durante cinco annos procedeu, no Rio, a um inquerito minuciosissimo sobre o segundo Imperador e sua epoca. Era um pouco menos reduzido o numero dos sobreviventes da monarchia. O pesquizador inquiriu todos aquelles que poderiam prestar-lhe qualquer informação — titulares, ex-funccionarios, homens do commercio e de todas as profissões, até os restantes criados do Paço. Pareceu-lhe, ao autor, necessaria a historia do primeiro reinado e ainda a da Independencia que, na publicação agora feita, attingiu o seu maior desenvolvimento, pela riqueza de documentação nova, que a torna preciosa e indispensavel.

A *Historia do Imperio* está sendo elaborada entre Petropolis e o castello d'Eu, em França, e com o concurso de archivos diplomaticos do extrangeiro. Emquanto durou a guerra, o sr. Tobias Monteiro conservou em Paris a sua residencia, pensando para alı regressar. Acabou porém o conflicto, quando os estudos a que se entregara no Brasil já constituiam uma necessidade interior insubstituivel. Vai a Paris, é certo, em 1920, mas para logo voltar e consagrar-se, emfim, de todo, á grande tarefa.

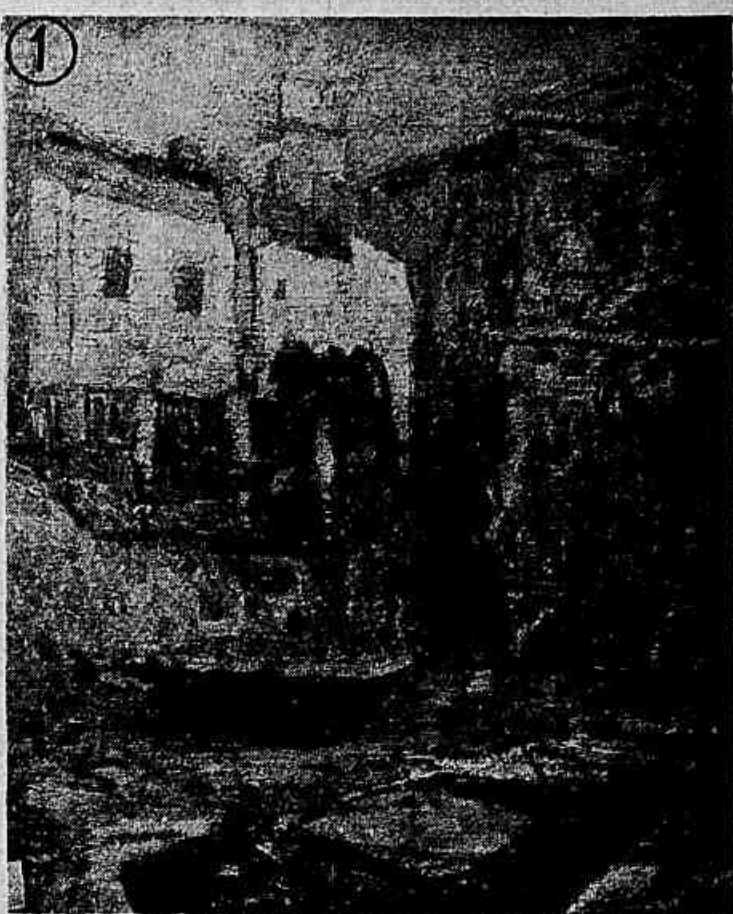
A escolha de Petropolis para trabalhar havia de leval-o a construir a casa da Bella Vista, em estylo colonial, o mais puro e evocativo dessa linda architectura — a qual é, hoje, um museu de objectos historicos brasileiros. Mas o historiador estivera antes na Westfalia, em uma pequena moradia pegada á vivenda do Barão do Rio Branco, onde vivera Domicio da Gama e onde fôra a secretaria do Chanceller. Da Westfalia sáe o sr. Tobias Monteiro para a rua João Caetano, em um sitio elevado, de isolamento inspirador e protector.

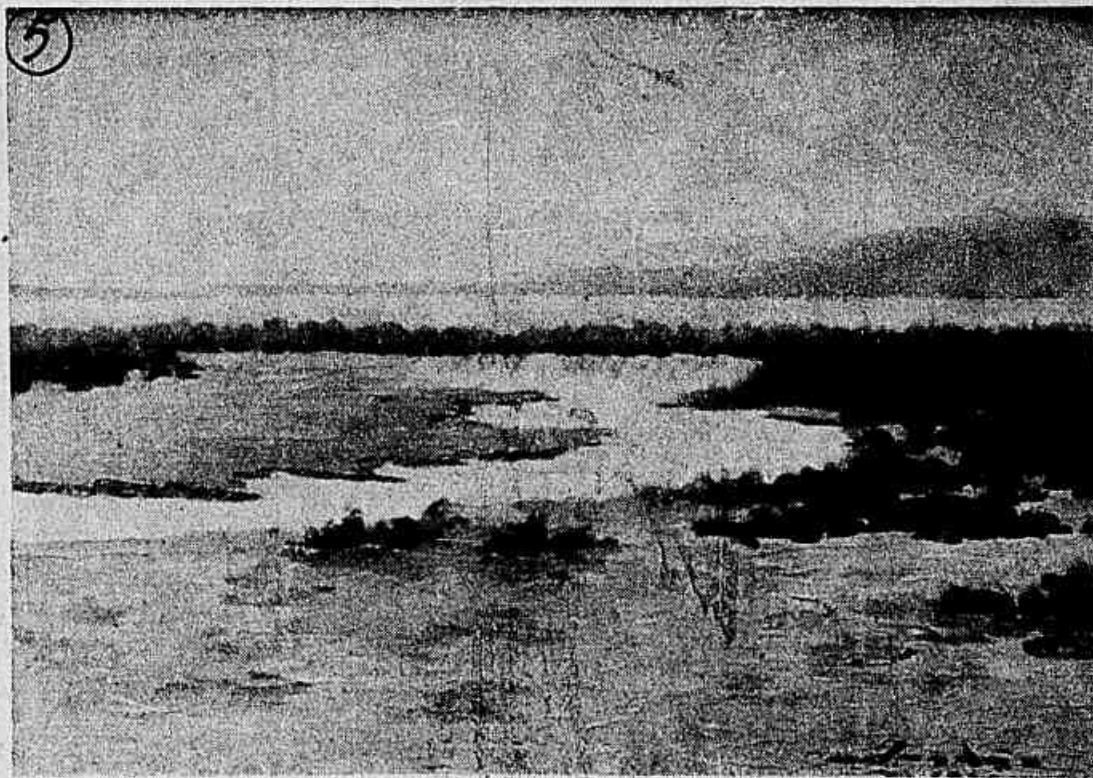
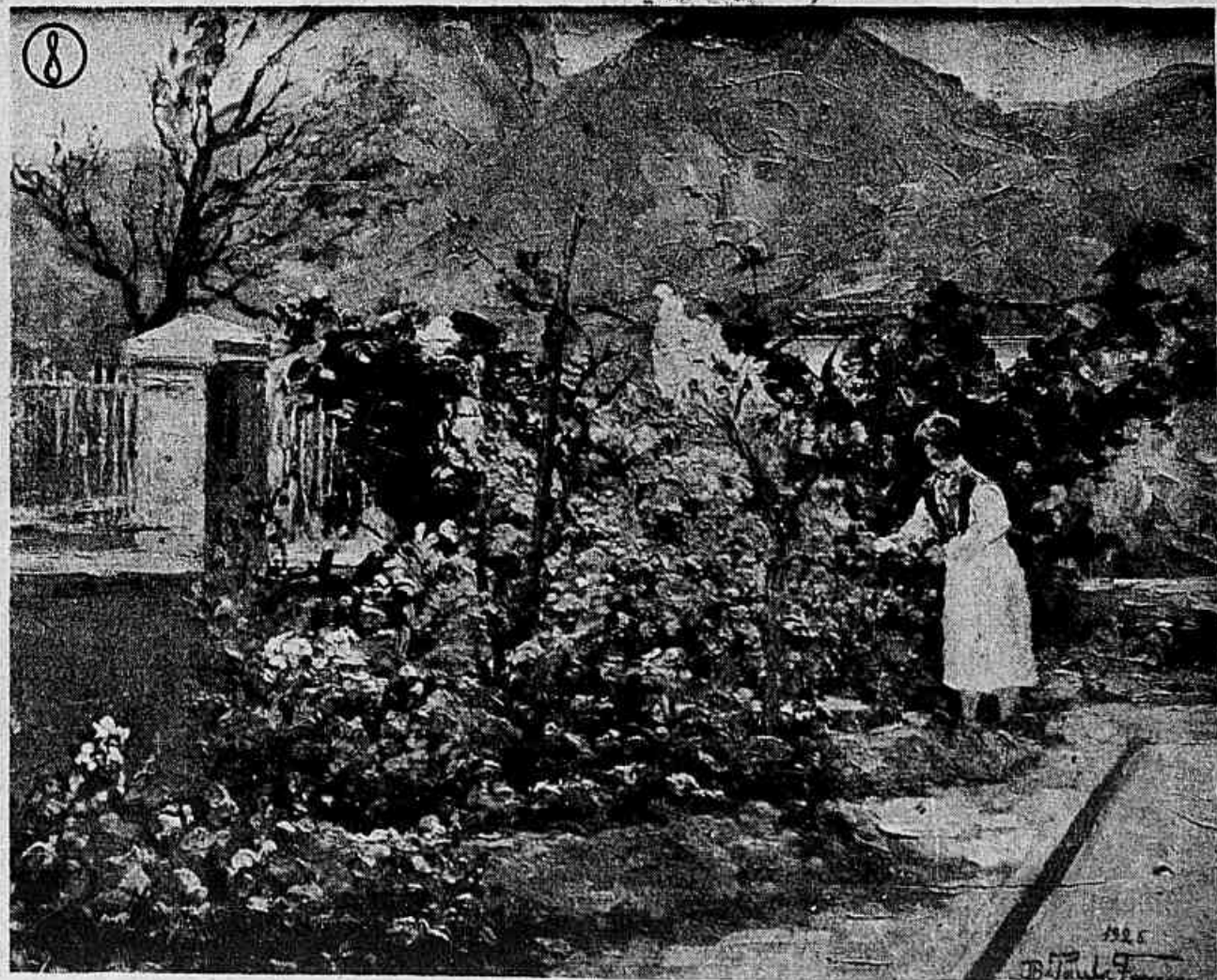
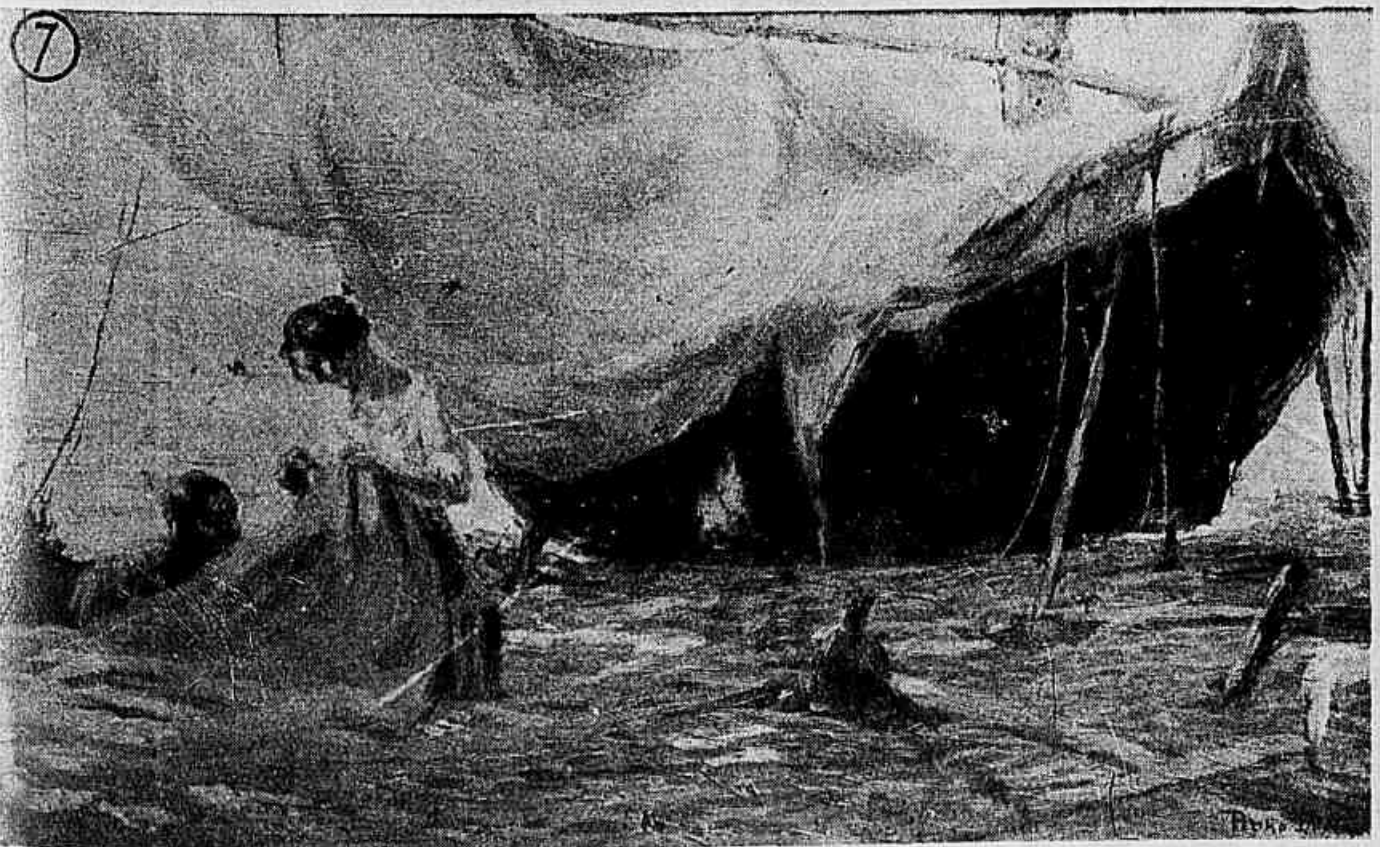
O anno passado, pela primavera, o illustre brasileiro partiu para Paris, onde deveria assistir á impressão da *Historia do Imperio*. Foi ahi que o attrahiu o castello d'Eu, onde se acham os mais curiosos documentos historicos referentes á vinda de d. João VI, á rainha Carlota Joaquina e a todas as mais personalidades e factos importantes de nossa historia de começos do seculo XIX. Pelas notas e citações, muitas dellas intercaladas no texto da obra, ver-se-ha a que novo e exhaustivo trabalho se devotou o autor na passada primavera, assim como a que extremo levou a sua honestidade e sacrificios como historiador e homem de letras.

JOSÉ VIEIRA

No Club Esperança das Jovens do Triangulo Azul da Associação Christã Feminina. Chá offerecido á senhora Laurine Silva, a presidenta do anno de 1926, antes do seu embarque para os Estados-Unidos.

A nossa gentil patricia senhorinha Dora Soares ao partir de Lisbôa para Paris, onde realizou um dos seus brilhantes concertos de piano na Salle des Agriculteurs, em 26 de Abril ultimo. A gentil filha do illustre consul geral da Bolivia, dr. Luiz Soares, estará de regresso ao Rio amanhã a bordo do "Almanzorra".

A Exposição da S. B. de Bellas-Artes

Alguns dos principaes trabalhos apresentados na Exposição da Sociedade Brasileira de Bellas Artes.

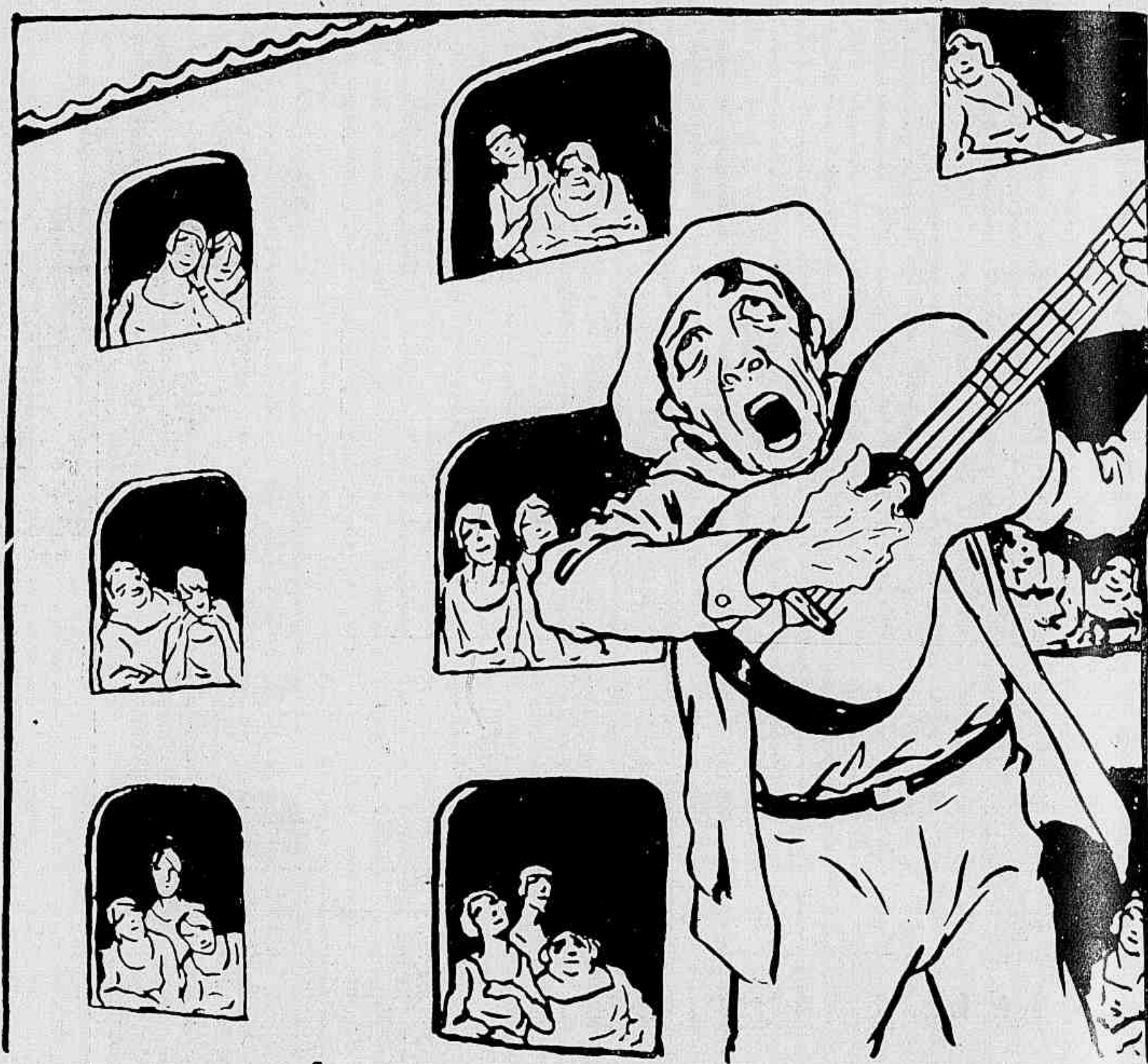
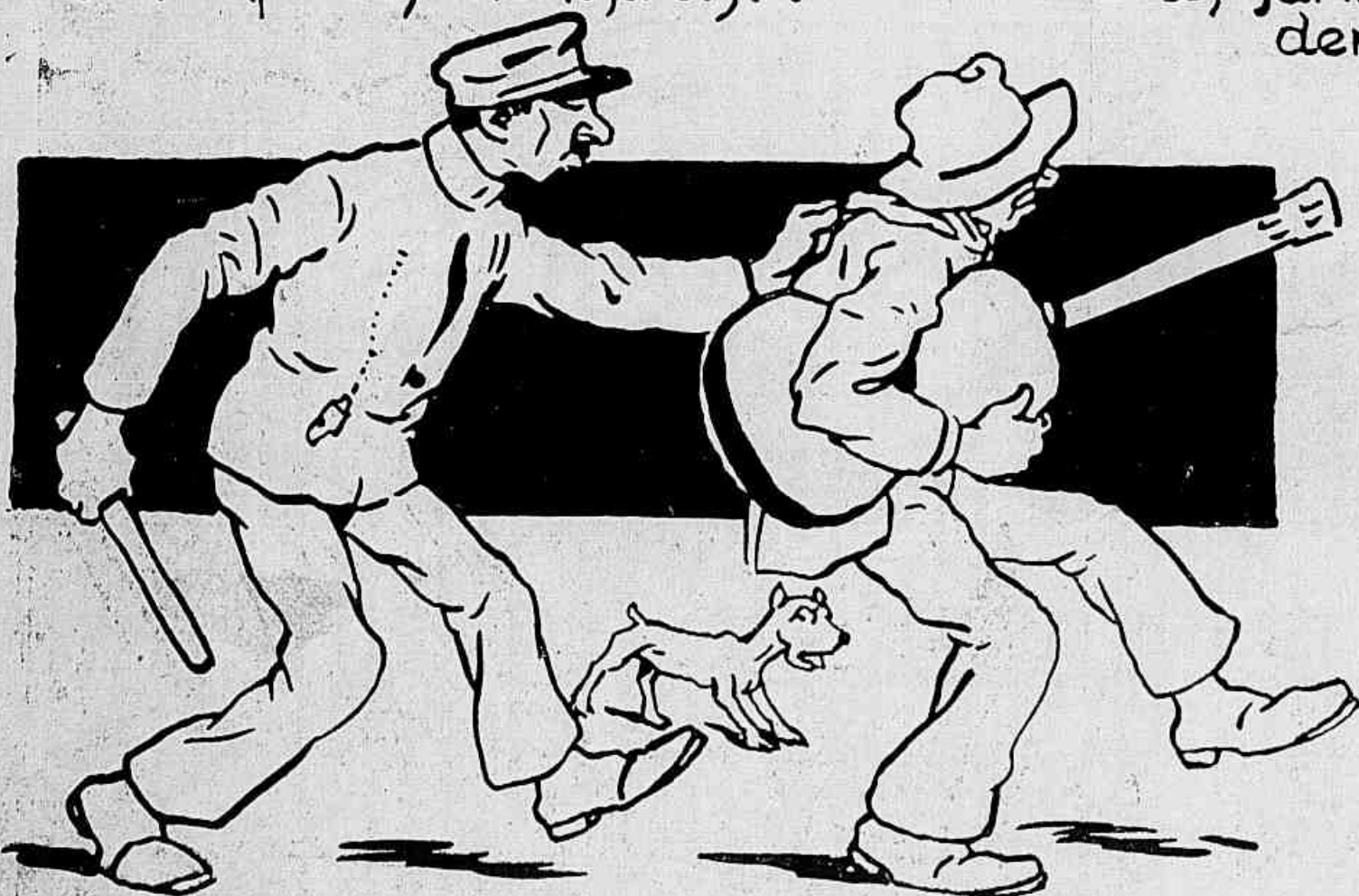
1 — Igreja de Madeleine (França), por H. Cavalleiro. 2 — Lagôa Rodrigo de Freitas, por João Thimotheo. 3 — Nú, por Carlos Chambelland. 4 — Busto de Pedro Americo, por P. Mazzucchelli. 5 — Marinha, por Jordão de Oliveira. 6. — Adormecida (desenho de nú), por Marques Junior. 7 — Ilha de Paquetá, por Pedro Bruno. 8 — Colhendo flores, por J. B. de Paula Fonseca.

Poesia estragada

-Que linda voz na quietude da noite!

-Quem será o dono dessa voz que me encanta?

-Deliciosa voz! Com certeza é por minha causa...

-Ai! Ai! Que voz encantadora como um sonho branco!...

-É a voz da saudade do tempo dos menestréis..

E as janelas se atulhavam de damas derretidas pela voz atrahente

Mas o guarda noturno não concordou com a cantoria pois verificou que o gajo não tinha voz...

e o violão tinha no bôjo um moderno e perfeito aparelho de radio!...

MODAS, COSTURAS E BORDADOS, A VIDA NO LAR, RECEITAS

Jornal das Familias

E CONSELHOS PRATICOS, ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Estão cada vez mais em moda os casacos: usam-se sobre os vestidos de crêpe de Chine, de crêpe *georgette* ou de voile; quasi todos são sem mangas e dão ao conjuncto do vestuario um aspecto muito moderno e juvenil.

Estes casacos são, na sua maioria, feitos de jersey-velludo. Bordados, com incrustações de desenhos de côres variadas, enquadrados com soutache ou galões estreitos, poderão ter todo o requinte de luxo que lhe quizerem dar.

A execução destes casacos é muito facil. Alem disto, teem ainda a grande vantagem de nos permittir aproveitar os vestidos remendados em baixo do braço. Estes casacos teem apenas as costuras dos hombros. O tecido é posto no outro sentido quando é necessario, não sendo cortado em baixo do braço.

Seu feitio varia sómente na linha do decote e na parte de baixo. Chama a attenção, nestes casacos sem manga, as suas cavas serem um pouco cahidas nos hombros — descem ajustando bem nos braços e veem terminar sob as axillas numa ponta quasi aguda.

OS NOVOS GUARDA-SOES

Tal uma grande flôr sob o sol... o guarda-sol desabrocha a sua aureola transparente, rosada como a aurora, vermelha como um pôr de sol ou então azul como o ceu, roxa como a amethista, amarella como o ouro, luminosa como as azas de borboleta; e a luz atravessando vem derramar um luminoso e precioso fluido sobre o lindo rosto que abriga.

Este gesto, que fazem encantadoras passeiantes, de se cobrir graciosamente com os seus guarda-soes, quantas outras já não o fizeram desde que o mundo é mundo! O guarda-sol é quasi tão velho como o mundo, sómente todos os annos a moda, renovando, o rejuvenesce e, transformando, torna-o mais seductor. O primeiro guarda-sol com certeza foi o da nossa mãe Eva, uma grande folha com um longo cabo que galantemente Adão colheu na arvore mais bella da floresta: o brilho do sol lhe dava a transparencia da esmeralda. Como recordação, sem duvida, deste primeiro guarda-sol, os primeiros guarda-soes eram chatos e de compridos cabos, fazendo antes lembrar grandes leques que se guarneciam com franjas.

O seu uso sóbe á mais remota antiguidade. Entre os povos orientaes, donde nos veiu a civilização—os Chinezes, os Egypcios, os Assyrios—o guarda-sol era quasi que só reservado para o uso dos soberanos e documentava sua posição.

Durante muito tempo este objecto de apparato e de dignidade continuou oriental. E' só na segunda metade do seculo XVI que se viu apparecer o guarda-sol na Italia e o Renascimento levou para a França este interessante objecto de faceirice. A

OS SEGREDOS DA CUTIS REVELADOS POR UM DERMATOLOGO

(Da Revista "Cosy Corner")

"O grande segredo da conservação do aspecto juvenil do rosto consiste na extirpação da cuticula morta", diz um celebre dermatologo. E' cousa bem sabida que a epiderme se acha em um estado de constante renovação, pois as cellulas mortas se desprendem em pequenas particulas continuamente. Porém, se por um motivo qualquer as referidas cellulas não cáem apenas mortas, ficam adheridas á flôr da pelle, cobrindo as cellulas vivas da epiderme. Neste caso haveria que recorrer a um especialista dermatologo para que procedesse á extracção da pelle do rosto em uma só operação; mas este é um processo doloroso e caro. Resultado identico se póde obter, gradualmente e sem perigo, applicando a cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), substancia que se encontra em qualquer pharmacia. Applica-se como se fosse cold cream. Com pouco dispendio se procede á completa extracção da pelle do rosto, sem dôr alguma, absorvendo as cellulas mortas e fazendo apparecer a nova, sã e rosada cutis que se acha immediatamente por baixo.

ULTIMOS MODELOS

1 — Casaco de crepe marocain *vieux-rose* guarnecido com applicações e tira em volta do mesmo tecido beige, para accompanhar um vestido beige. 2 — Casaco de jersey-velludo azul saphira com enfeite de fita de tecido de prata. Este casaco póde acompanhar vestidos de muitos tons, mas não póde dizer melhor que sobre um vestido de crepe de Chine *gris-argent*. 3 — Casaco de veludo rubi com galões *vieil or* completa admiravelmente um vestido de seda preta. 4 — Vestido de crepe Georgette branco: o avental volta-se com um forro de renda de ouro. Um laço borboleta feito com o tecido do vestido é preso bem alto na cintura. 5 — Vestido de crepe de Chine *vieux-rose* muito claro, bordado com ouro e seda branca.

MODA INFANTIL

1 — Vestido de pongé branco, guarnecido com fita azul marinho. 2 — Vestido de crêpella branca com pospontos de seda vermelha e botões vermelhos. 3 — Vestido de crêpe azul marinha, enfeitado com viezes de crêpe branco. 4 — Vestido de lã beige com xadrez vermelho, faixa e guarnição na golla de tecido vermelho

moda o queria então muito pequeno, abrigava só o rosto como se fosse um leque redondo e que se usava dependurado na cintura.

Um pouco mais tarde faziam os guarda-soes de velludo e de sedas preciosas guarnecidos com perolas e espelhos; depois foram feitos de couro de Cordova sobre os quaes pintavam grandes flores e tambem escreviam divisas. Estes guarda-soes eram forrados e guarnecidos com rendas. Eram pesados e com longos cabos de madeira ou de marfim trabalhado.

Mme. de Pompadour tinha muitos lindos com cabos de marfim que tinham sido mandados fazer expressamente para ella em Dieppe, onde havia então os mais habeis artistas em marfim. Maria Antonieta, devido aos seus grandes penteados, tinha que usar guarda-soes com cabos muito compridos. Eram extraordinariamente enfeitados, bem em harmonia com os seus vestidos.

O Directorio teve o guarda-sol grande mas pouco durou esta moda, bem depressa voltaram aos guarda-soes pequenos, tendo attingido o seu menor tamanho sob o reinado de Luiz-Philippe e sob o segundo Imperio. Dir-se-hia que á medida que a saia augmentava a sua roda com os babados, o guarda-sol, intimidado, tornava-se menor, não querendo tomar muito logar no meio de tantos babados e guarnições. O balão viu o minusculo guarda-sol abrigando as lindas cabeças das faceiras de então.

Vamos indo muito lentamente para essas antigas modas, a voga dos vestidos de estylo fez renascer o pequeno guarda-sol de cabo de mola.

No entanto numa outra ordem de ideias mais sensata os modelistas criam maravilhas e estes guarda-soes modernos teem a graça de grandes flores desabrochadas na ardente festa do sol. Fazem-se guarda-soes de palha a dizerem com os chapeus e de sedas preciosas, crêpes de Chine, crêpe Georgette, franzidos, recortados em bicos, guarnecidos com rendas coloridas, representando corolas enormes, rosas ou dhalias de lendas.

Conselhos sociaes

O ALMOFADINHA

Poderá haver para uma mãe desgosto maior que ver uma filha casada com um almofadinha?

Naturalmente não haveria razão para tão grande desgosto se os seus defeitos se cingissem ao aspecto ridiculo que lhe proporciona as suas calças excessivamente largas, o seu casaquinho curto e o seu andar apassarinhado. Não; a razão é infelizmente outra, é a sua tristissima educação. O legitimo almofadinha tem orgulho em ser malcriado, exhibe o seu desprezo por tudo que dantes merecia respeito. Tratam suas contemporaneas tu com tu logo que lhes são apresentadas, quando não dis-

pensaram a apresentação. As senhoras de idade são para elles "quantité négligeable", acham que seria perder um tempo precioso indo cumprimentar a dona de casa que os recebe ou as mães de seus pares.

Mas o almofadinha não tem culpa de ser o que é. Em toda evolução feita muito rapidamente ha desequilibrio, que só o tempo poderá de novo estabilizar.

O almofadinha é o producto natural da grande evolução que soffreu nestes ultimos annos o feminismo. A moça na ansia de liberdade e de dominio preferiu o creançola, o bobinho ao homem de caracter já formado, com receio de que este não lhe désse toda liberdade que ella ambiciona.

A mulher revoltada não quer mais ter admiração pelo homem. Já passou o tempo dos heroes: hoje ella quer sentir-se superior a elle, e esta é a unica explicação do successo dos almofadinhas.

E' de esperar que ellas comprehendam, com o tempo, que não pode haver felicidade onde não ha estima e que o lar que vão formar com um ente nullo não póde ter base para a felicidade.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

PARA CONSERVAR A SAUDE

Para ter-se uma saude perfeita é indispensavel ser-se sobrio. Quasi todos os soffrimentos que temos os devemos á gulodice.

E' uma das coisas mais difficeis o seguir á risca um regime, por mais simples que elle seja. Custanos muito privar-nos das gulodices que apreciamos.

Por exemplo: os que soffrem do figado bem sabem quanto os fará penar uma laranja ou alguns *bonbons* de chocolate; no emtanto e apezar de todos os protestos que fizeram da ultima vez que soffreram das suas consequencias, de novo a gulodice vencendo, procuram a desculpa que um só *bonbon* não poderá fazer mal, — porque afinal, dirão elles, tambem elle não é veneno; mas atrás do primeiro vae o segundo e assim muitos outros. Depois, dizem, já agora se tiver de fazer mal já não ha outro remedio: o melhor é então aproveitar e comer á vontade os *bonbons* de chocolate. No dia seguinte uma crise de figado, com todo o seu cortejo de soffrimentos, vomitos biliares, dôres violentas de cabeça vem castigar a gulodice da vespera. O mesmo se dá com todos os outros que soffrem de males para os quaes é indispensavel determinado regime.

Por esta razão devemos esforçar-nos por cultivar em nós mesmo a força de vontade para, habituando-nos a vencer-nos nas coisas pequenas, conseguirmos tambem nas grandes. Tudo depende da força de vontade: tanto a felicidade (naturalmente uma felicidade relativa, obtida pela consciencia do dever cumprido) como a saude physica.

MENU DE ALMOÇO

SARDINHAS COM MOLHO DE TOMATE
PIRÃO DE FARINHA DE MANDIOCA

BOLO DE MIOLOS COM MOLHO DE VINHO BRANCO
ARROZ

FRANGO DE PANELLA
PIRÃO DE BATATAS DOCES

PERNA DE CARNEIRO Á MILANEZA
SALADA DE PALMITO

CENOURAS E ERVILHAS COM OVOS ESCALFADOS

TORTA DE AMENDOAS COM DOCE DE OVOS

BISCOITOS DAS TRES FARINHAS

SARDINHAS COM MOLHO DE TOMATES

Põe-se numa panella uma bôa colher de manteiga e alguns tomates sem as sementes; amassa-se bem os tomates com uma colher de pau até reduzil-os a uma massa; junta-se então uma colher de maizena, mistura-se bem e acrescenta-se um pouco d'agua caso os tomates não tenham bastante caldo. Depois do môlho engrossado côa-se e junta-se uma colher de queijo parmesão ralado. A' parte refoga-se as sardinhas depois de limpas, num pouco de manteiga com cebolas. Corta-se fatias de pão tirando toda a casca; estas fatias são fritas na manteiga, depois arruma-se sobre cada fatia de pão um pouco de môlho, por cima deste uma sardinha, outra camada de môlho e vae-se arrumando tudo num prato que vá ao forno; cobre-se com uma camada de farinha de rosca, por cima põe-se pedacinhos de manteiga e põe-se no forno para tostar.

BOLO DE MIOLOS

E' preciso primeiro lavar muito bem os miolos, tirar toda a pelle que o envolve e deixal-os de môlho bastante tempo para tirar todo o sangue. Depois põe-se para cozinhar em agua e sal. Põe-se de môlho fatias de miolo de pão da vespera, em leite; depois de bem amollecidas passa-se por uma peneira e junta-se aos miolos, que se refogou em manteiga, cebolas e tomates (tira-se os tomates e as fatias de cebola antes de juntar os miolos picados, a massa de pão e leite).

Bate-se muito bem tres claras juntando-se em seguida ás tres gemmas; bate-se novamente mais um pouco, juntando-se em seguida á massa dos miolos assim como uma colher de manteiga. Unta-se uma fôrma com manteiga, polvilha-se com farinha de rosca e vae ao forno para assar.

Serve-se com

MOLHO DE VINHO BRANCO

Põe-se numa panella um copo de vinho branco, um outro de vinagre que deve ser tambem branco, uma cebola cortada em rodellas e deixa-se reduzir em fogo brando.

Faz-se aparte, com um copo de leite, uma colher de manteiga e outra de maizena, um crême bem espesso e bem cozido; despeja-se dentro do môlho de vinho já coado e deixa-se cozinhar mais um pouco; junta-se umas gottas de assucar queimado para dar ao môlho um tom bem escuro. Fóra do fogo juntam-se pedacinhos de pepinos e de pimentões de conserva, assim como um pouco de salsa picada.

FRANGO DE PANELLA

Depois do frango bem limpo, esfrega-se bem com sal, salsa e cebola verde e deixa-se ficar neste tempero bastante tempo para tomar o gosto. Põe-se para refogar, com um pouco de manteiga ou mesmo de gordura, cebola cortada em fatias, alguns tomates sem as sementes e um bouquet de cheiros; logo que tenho tomado uma bonita côr, junta-se então um calice de vinho do Porto e outro de vinho branco; vae-se juntando depois um pouco de caldo de carne e na falta deste agua quente. Depois do frango cozido côa-se o môlho e engrossa-se com maizena e manteiga; se não tiver muito gosto de vinho pode-se juntar um pouco mais de vinho do Porto (meio calice).

PIRÃO DE BATATAS DOCES

Põe-se para cozinhar batatas doces sem as cascas, com um pouco de sal; depois põe-se num coador para escorrer bem a agua e em seguida passa-se num espremedor e tempera-se com uma colher de manteiga.

PERNA DE CARNEIRO A' MILANEZA

Com as pernas de carneiro é preciso tomar muito cuidado em não esquecer de tirar a glandula que dá o máo cheiro. Depois della bem limpa esfrega-se com sal, cheiros, meio dente de alho e uma folha de louro. Unta-se com gordura misturada com um pouco de manteiga e junta-se um calice de vinho branco, quando já estiver na frigideira, e umas cebolinhas. Emquanto assa, é preciso de vez emquando pintar a perna com manteiga e juntar um pouco de caldo da sopa quando a frigideira estiver secca. Depois de assada deixa-se esfriar, unta-se com dois ovos batidos, passa-se na farinha de rosca e volta de novo ao forno, onde vae corar.

SALADA DE PALMITO

Para o palmito não ficar preto, prepara-se antes de descascal-o uma vasilha com agua fria na qual se pingou caldo de limão. O palmito depois de descascado é cortado em pedaços e posto dentro da agua. Em seguida é posto para cozinhar sómente em vasilha esmaltada que tenha o fundo perfeito, porque qualquer coisa faz o palmito tomar uma côr escura muito pouco appetitosa. Depois escorre-se a agua, deixa-se esfriar e tempera-se com azeite, vinagre, sal e uma pitada de pimenta. Enfeita-se por cima com ovos duros picados muito miudinho.

CENOURAS E ERVILHAS COM OVOS ESCALFADOS

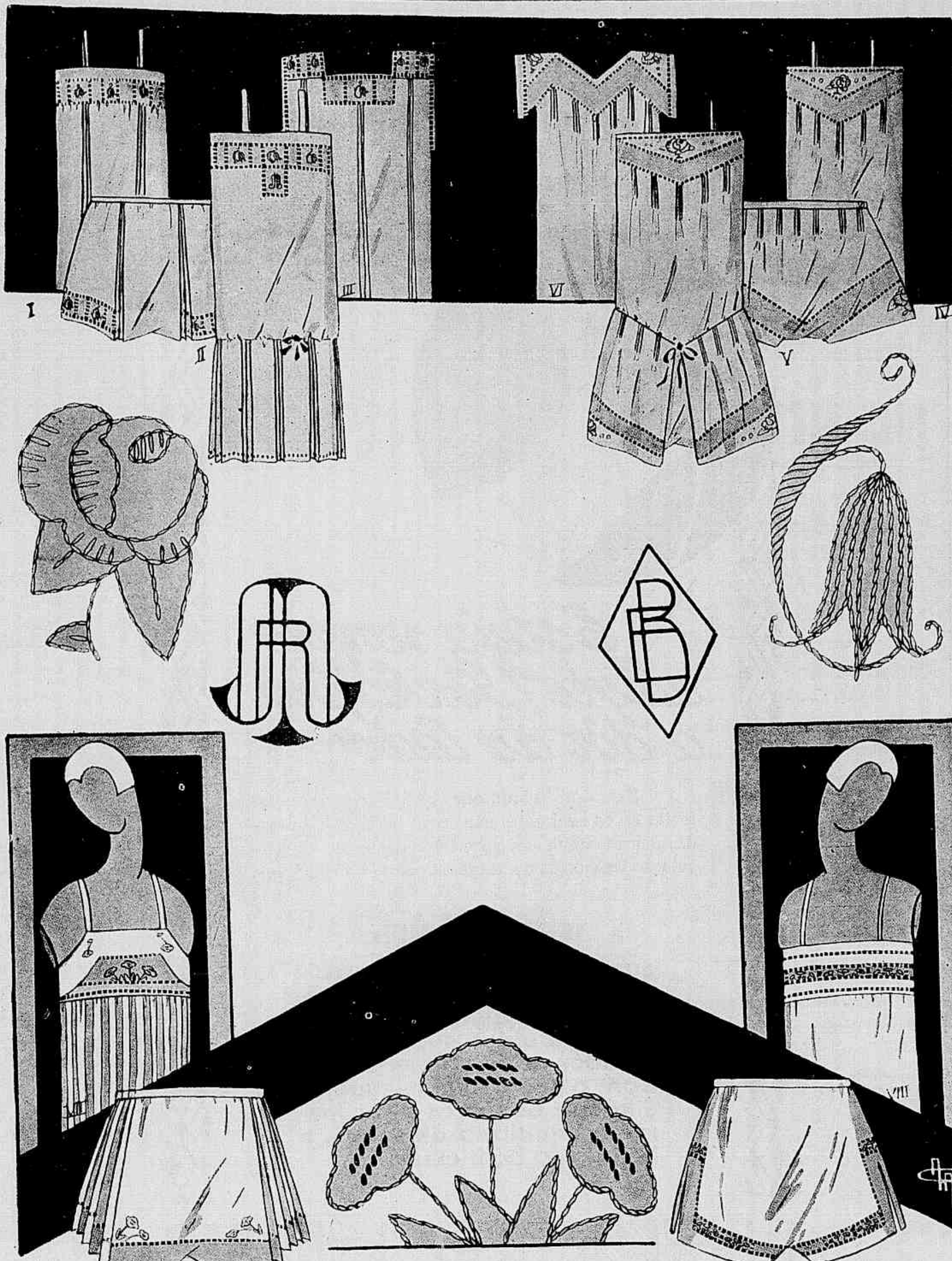
Depois das ervilhas e as cenouras estarem cozidas, escorre-se bem a agua e refoga-se num pouco de manteiga com cebola cortada em fatias e alguns tomates, e deixa-se cozinhar mais um pouco com um pouco de caldo de carne. Faz-se, com uma chicara de leite, um pouco

de maizena e meia colher de manteiga, um môlho bastante grosso; junta-se depois de fóra do fogo uma gemma. Arruma-se os legumes numa travessa, põe-se por cima alguns ovos escalfados e cobre-se com o môlho amarello; pica-se por cima um pouco de salsa.

TORTA DE AMENDOAS COM DOCE DE OVOS

Faz-se uma calda com meio kilo de assucar e uma fava de baunilha; passa-se na machina de picar carne meio kilo de amendoas pelladas; quando a calda estiver em ponto de fio, junta-se as amendoas, que devem formar com a calda uma massa de uma boa espessura. Separa-se bem seis gemmas das claras; caso tenha cahido clara dentro passa-se as gemmas por uma peneira; mistura-se estas gemmas com meia colher de manteiga que já se misturou com meia colher de farinha de trigo; vae um instante ao fogo para engrossar. Arruma-se num prato que possa ir ao forno uma camada bem grossa da massa de amendoas e por cima uma de doce de ovos; cobre-se com duas claras bem batidas com assucar e vae ao forno moderado para seccar.

BISCOITOS DAS TRES FARINHAS

Mistura-se 115 grs. de araruta com 115 grs. de farinha de arroz e amassa-se bem com 60 grs. de manteiga. Bate-se tres gemmas e uma clara com 115 grs. de assucar, junta-se as farinhas aos ovos e amassa-se tudo muito bem; por ultimo junta-se 60 grammas de farinha de trigo e um pouco de herva doce. Si a massa ficar dura para enrolar, junta-se mais um ovo. Enrola-se os biscoitos que vão a assar no forno.

Roupas de baixo guarnecidas com tecido de outro tom e bordados. N. 1 — Guarnição de quatro peças, de *linon* branco guarnecido com linon verde amendoa e bordado a ponto de haste com linha branca. N. 2 — Guarnição de quatro peças de crepe de China rosa claro com guarnição de crepe da lilaz, pontos abertos e bordados com seda lilaz. N. 3 — Camisa e calça de crepe da China branco marfim e o mesmo crepe azul pastel. O bordado é feito com seda do mesmo tom azul. N. 4 — Camisa e calça de *linon* branco guarnecidas com tiras de *linon* côr de rosa, pontos abertos e bordados feitos com linha branca brilhante.

O optimismo

E' meio caminho andado na vida ter-se a sorte de vir dotado de uma bôa dose de optimismo. O optimista está sempre alegre, vê a vida pelo seu lado bom, nada o desanima, em tudo que se mette tem a certeza de vencer. Nas doenças por mais graves que sejam, tanto nas delle como nas dos seus amigos e familia, tem sempre a esperança de que se vão curar e transmitte esta sua confiança não só ao doente como áquelles que o estão tratando, sendo isto uma grande ajuda para o medico. Mas o optimismo, como tudo na vida, tem o seu lado bom e máo: o optimismo exagerado póde ser tão nocivo e ás vezes até mais que o pessimismo. Por exemplo. o optimista que não quer abrir os olhos e continua num negocio que infallivelmente o levará á miseria, porque o seu optimismo não o deixa ver exactamente as coisas como ellas são, é extraordinariamente nocivo. O optimismo deve servir para luctar, ter confiança no futuro, mas não para se enganar a si proprio — não se falando daquelles que deixam tudo correr á revelia e que esperam sempre que no fim alguma sorte ou qualquer outra coisa os venha tirar da má situação em que se metteram.

Havia um tal Sr. Coué, que fazia conferencias para provar aos que o iam ouvir, e que eram innumeros, que não era a "vontade" que levava o mundo, mas sim a "imaginação", e que toda a infeliciaade da pobre humanidade era só devida á sua imaginação, que em toda occasião a domina. — Somos doentes, porque nos imaginamos doentes; somos infelizes, porque imaginamos que somos desgraçados; alguns aleijados que não teem a menor lesão são noemtanto paralyticos, porque imaginam que não podem andar, dizia elle. E demonstrava, com provas para apoial-o, que a neurasthenia, a gagueira, as phobias, a kleptomania e muitos outros males, ainda, não teem outras razões além do

subconsciente que constantemente faz das suas, agindo imperiosamente sobre o ente physico como sobre o ente moral.

Elle garantia que com um "eu quero" energico vence-se tudo.

O methodo de Coué e os seus conselhos são admiraveis lições de optimismo.

Por exemplo isto, a que elle atribue um poder soberano:

— Todos os dias repetir, umas vinte vezes pelo menos: em tudo estou melhor e melhorando sempre.

Ou então quando se está sentindo uma dor physica fechar os olhos e dizer:

— Isto vae passar, já está passando.

Meios simples e bons como devia ser o proprio Coué que, sendo um profundo pshycologo, maravilhoso optimista, acreditava na bondade, na felicidade, na saudade e, com um desinteresse completo, dava áquelles que queriam curar-se os thesouros da sua experiencia.

Deve-se confessar que o homem que cura tantos males por processos tão leaes, a confiança que elle inspira aos doentes, a fé que lhes dá em seu proprio poder, e que desenvolve magnificamente nelles a ideia que elles se podem tornar senhores deste motor prodigioso — a imaginação — deve-se dizer que este bemfeitor da pobre humanidade é uma especie de genio.

ADVOGADA E JORNALISTA

Mlle. Goublet, apezar de muito jovem, occupa já no tribunal de justiça do seu paiz um logar de excepção; é ella a unica mulher que exerce em Paris a profissão de advogado e de jornalista conjuntamente, quer dizer que exerce a sério estas duas profissões, porque muitas outras fazem figura de amadoras e de *dillettanti* numa e noutra profissão.

Mlle. Anne-Marie Goublet exerce com um alegre enthusiasmo as duas profissões que escolheu para se dedicar. Ella faz a chronica para um jornal da noite, quer dizer nas condições as mais difficeis pois lhe impõem uma redacção instantanea e a necessidade de uma decisão immediata. E' inte-

Mlle. Goublet.

ressante vêl-a quando está defendendo num grande processo. Todos os dez minutos é vista saltando os bancos, atravessando o povo e numa rapidez incrivel dar um recado numa cabine telephonica e voltar de novo para o seu logar. Pelas qualidades sportivas que "Paris-Soir" exige da sua redactora judiciaria, não haveria muitas nem mesmo muitos que se arriscassem a fazer este jornalismo. Realmente, o director do "Paris-Soir" encontrou em mlle. Goublet uma ave rara.

Filha de prefeito, mlle. Goublet teria podido conseguir alguma sinecura honorifica e remuneradora. Ella preferiu esta dupla aventura: tribunal e imprensa. Affrontando com coragem o trabalho, camarada encantadora, ella alegra seus companheiros de trabalho com a sua animação e a sua graça.

EM QUE ÉPOCA SE VIU PELA PRIMEIRA VEZ:
O CHAPEU, A CAMISA E O LENÇO?

Usavam duas especies de lenços: um de luxo todo bordado e guarnecido com renda e o outro, que servia para assoar, feito com tecido de xadrez, e que era chamado de rapé.

O Directorio transforma a camisa em vestido e os homens, mesmo em pleno inverno, usavam casacos curtos para que se vissem as rendas dos peitos das suas camisas riquissimas.

As nossas tataravós usaram primeiro toucas de tecido, para as quaes adoptaram os feitios os mais imprevistos, como o "hennin", conico e pyramidal, que chegou a ter até 70 centimetros de altura.

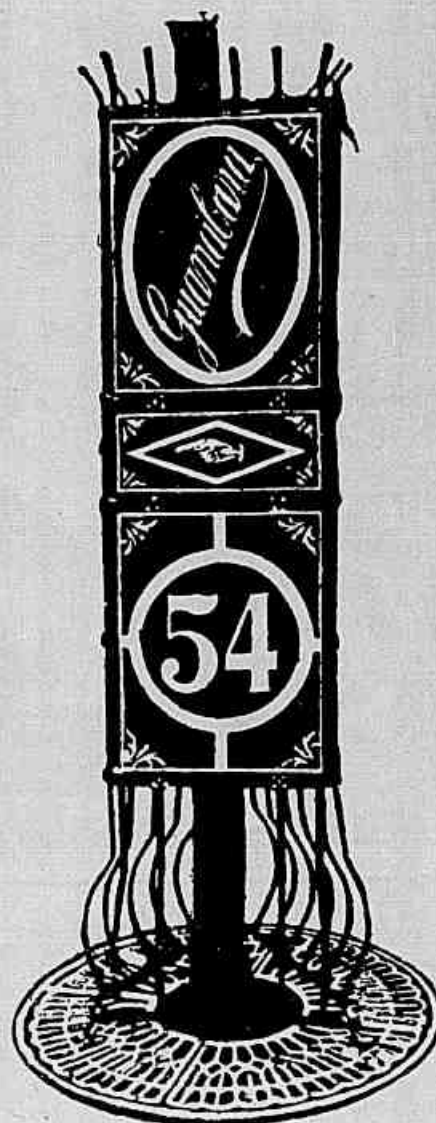
Foi somente no seculo XVI que o chapéu de feltro appareceu sobre as cabeças femininas. As damas imitaram os chapéus Henrique II, copa "ballonnée" e aba muito estreita. Mas esses chapéus eram só usados na rua. Para estarem em casa usavam ellas uma especie de rede que cobria seus cabellos com as suas malhas de seda e de ouro.

As "frondeuses" adoptaram grandes chapéus de feltro com plumas. Este genero de chapéu ficou muito tempo na moda para acompanhar a roupa de montar a cavallo e os vestuarios para as caçadas. Elle transformou-se em tricornio no seculo XVIII.

Até ao reinado de Luiz XVI, a franceza não parece ter possuido um chapéu que seja especial para ella. Ella imita as modas masculinas. Depois do chapéu Henrique II, foram os feltros dos mosqueteiros. Quando Vanloo pintou Mme. de Pompadour com o grande chapéu "Belle Jardiniére", era apenas uma fantasia de comedia.

Nos passeios ou na côrte, de uma maneira geral, as elegantes usavam as toucas. Os altos "fontanges" do reinado de Luiz XIV, transformaram-se, no reinado seguinte, em interessantes e discretas borboletas.

De 1775 a 1785, Mlle. Bertin, modista de Maria-Antonieta, impoz estravagantes penteados e chapéus, montanhas de cabellos, de fitas, de filó, tudo sobre armações de arame e de papelão...

As pessoas de bom gosto soffreram com aquellas loucuras. O chapéu começou então a fazer o seu apparecimento: o chapéu de palha de Italia, no feitio cylindrico que se chamava "mirliton", e o turbante, conhecido como o turbante de lady Hamilton.

As victorias de Napoleão fazem apparecer um chapéu em formato de capacete. Nos primeiros tempos do Imperio foi usado o chapéu tilbury, que escondia o rosto e que chamavam de invisivel.

Leroy, fornecedor da imperatriz Josephina, imagina chapéus que se inspiram nos penteados antigos. Josephina tem mais de duzentos e cincoenta chapéus ao mesmo tempo e sua filha Hortense não tem menos.

Leroy, no fim do Imperio, lançou o "Palmela", capota com grandes azas e com a copa muito alta,

O hennin e o chapeu "Belle Jardiniere".

que fez furor. A duqueza de Barry poz na moda aquella boina tão graciosamente pintada por Devéria. O enorme "cabriolet" fez a sua apparição...

Desde então a mulher usa um chapéu que lhe pertence.

A CAMISA

A origem da camisa feminina já se perde na noite da historia. Mãe de artes, o Egypto foi tambem o berço da faceirice. A lembrança das primeiras camisas, que não eram exactamente camisas, antes tunicas usadas directamente sobre a pelle, pertencem á terra dos pharaós. As mulheres usavam esta tunica de tecido de côr viva, sobre a qual punham uma capa bordada: isto era sufficiente para estarem muito bem vestidas. Uma toilette de visita, no tempo de Cleopatra, não era assim tão differente de alguns vestidos do seculo XX.

As princezas de Tyr procuravam, para as duas camisas, os tecidos raros e preciosos, que eram ainda carregados de bordados para encobrir a transparencia.

Um rectangulo de linho ou de lã, graciosamente pregueado e seguro nos hombros com broches e uma faixa na cintura, era esta a camisa grega. A este vestuario um pouco complicado as pessôas um pouco apressadas preferiam um vestuario com mangas curtas, que muito pouco differiam das nossas camisas modernas.

Em Roma, as elegantes do tempo de Horacio usavam roupas de baixo de linho ou de seda, nos tons açafrão, violeta ou purpura. Mas agora vamos deixar a antiguidade e vejamos o que era a camisa no seculo VI na França, quando ella começou a ser alli usada. Era ella de um tal luxo e um objecto tão precioso que Santa Radegonda depôz sua camisa sobre o altar como uma offerenda.

Será por ter sómente tres camisas de linho que Carlos o Simples recebeu este appellido? Com as tres duzias de camisas bordadas de seu enxoval, Isabel da Baviera prova que houve um progresso extraordinario. O uso das roupas de baixo espalha-se dahi em diante.

Os cavalleiros quando voltaram das cruzadas trouxeram sedas bordadas, pedras preciosas, perfumes deliciosos. As camisas então conheceram as orientaes magnificencias. As mangas são tiradas fóra, os decotes são mais abertos para que possam ser admiradas as camisas de seda, bordadas a ouro.

No cáos da guerra dos Cem Annos, uma civilisação em pleno impulso desmorona-se. Falta tudo, até roupa. Mas, depois de um seculo de horror, desencadeia-se esse furor de viver que segue aos grandes cataclysmas. A burguezia e a nobreza rivalizam de luxo. Os Brummells do seculo XVI bordam as suas camisas com arabescos de perolas.

No seculo XVII, o luxo toma um caracter tão ostensivo que os homens, mesmo em pleno inverno, usam casacos curtos para que se veja toda a frente de rendas riquissimas das suas camisas.

No seculo XVIII combina-se a delicadeza com a sumptuosidade, mas a Revolução modifica todos esses explendores. Apaixonados pela livre plastica, o Directorio triumpha com as musselinas, leves como as azas das borboletas, e transforma a camisa em vestido.

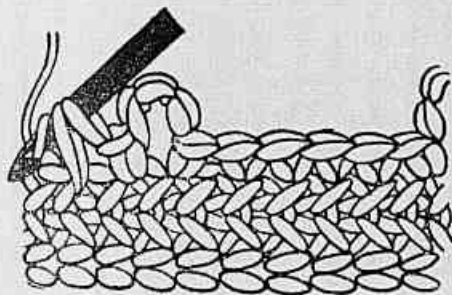
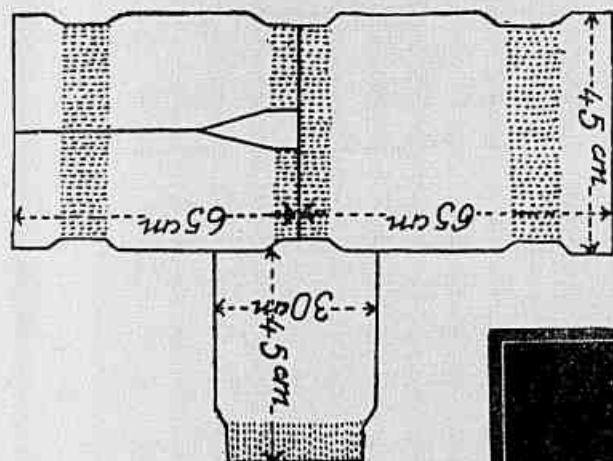
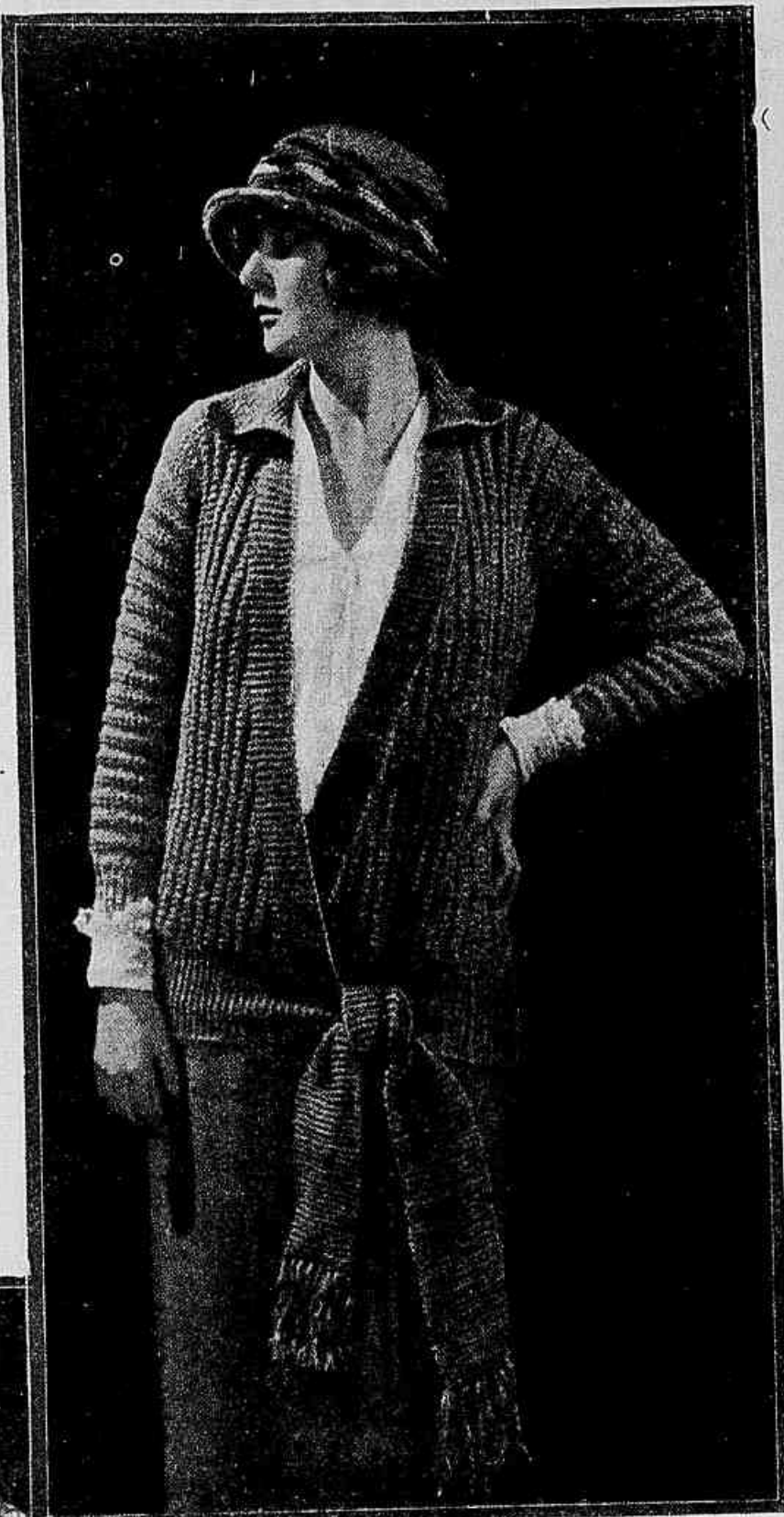
Napoleão I repudia estas modas frivolas e começa uma era de austeridade, que vae acabar no segundo Imperio, onde apparecem as graças subtis que condemnavam então as almas timidas e que são hoje moeda corrente.

Preceitos de hygiene

O TETANO

Segundo o dr. Bovary, um dos maiores perigos que corremos é a infecção tetanica, e no emtanto bem poucas são as pessoas que a receiam.

Contou elle que fôra com um amigo dar um

Blusa, casaco e collete de tricot ou de crochet de lã.

A blusa, como se póde ver pelo modelo que damos, é de muito facil execução: póde ser feita com lã de um só ou de dois tons, formando listas, o que está muito em moda. O casaco é de formato muito interessante devido ao cinto que termina como faixa: este casaco tanto póde ser feito com lã de um só tom quanto com lã de diversos tons. O collete de tricot ou de crochet é muito usado com os tailleurs da manhã. Este que damos é feito com lã branca e com lã preta e debruado com cadarço de seda branca ou preta á vontade.

passeio de bicyclette e que esse amigo, num tombo devido a uma derrapagem, esfolou levemente a mão, machucadela tão insignificante que nem prestou attenção. Pois, dez dias depois, morria esse amigo devido ao tetano que lhe tinha vindo daquella pequena escoriação. Devido a este caso horrivel, desde então acha elle do seu dever estar sempre chamando a attenção dos paes para as machucadelas dos filhos.

E' preciso que todos se convençam de que, por mais insignificante que seja o ferimento, é elle susceptivel de trazer a infecção tetanica.

No emtanto certas condições são precisas para receiar-se o tetano.

I — E' preciso que o ferimento ou o objecto que o produziu tenha estado em contacto com a terra, porque é na terra que se encontra o bacillo do tetano, nos jardins, devido ao estrume, nas ruas e estradas onde passam burros e cavallos.

II — A localisação do ferimento tambem tem sua importancia. As regiões ricas em terminações nervosas, taes como a cabeça e a extremidade dos membros, são as mais favoraveis ao desenvolvimento do tetano.

III — O tamanho do ferimento não tem a menor importancia. Uma imperceptivel espetadela póde trazer o tetano assim como um grande ferimento.

O que é muito importante é a aeração do ferimento. O bacillo do tetano só pode desenvolver-se ao abrigo do ar. Portanto todo ferimento que se fecha antes de curado é perigoso. Receiem uma pequena ferida fechada, na qual no emtanto subsiste uma pequena dor, indicando que ella não está cicatrizada. E' no fundo deste logar mal fechado que o bacillo

não mais um serum curativo mas uma anatoxina, quer dizer uma especie de vaccina que immuniza para toda a vida contra esta doença horrivel que, podem estar certos, não é tão rara como imaginam.

do tetano vae produzir suas toxinas.

E infelizmente são mortaes estas toxinas! E mortaes no meio de um cortejo de soffrimentos horriveis. Para dar uma ideia da virulencia tetanica, basta dizer que, injectando alguns millesimos de millimetro cubico de toxinas em uma cobaya, ella morre instantaneamente! Alem disto, o tratamento curativo é pouco, mais ou menos nullo como resultado.

Mas no emtanto, se o tetano é raramente curavel, pode ser facilmente evitado.

A primeira coisa a fazer é não tratar nunca com pouco caso uma ferida suja pela terra. Laval-a com alcool ou pintal-a com iodo. Se o ferimento é raso e o alcool tocou bem toda superficie ferida, isto será sufficiente.

Mas querendo exagerar a prudencia — e o que ninguem deve censurar — façam uma injecção antitetanica nas vinte quatro horas. Esta precaução é hoje de um emprego corrente. Mais uma recommendação que não deve ser esquecida. Se mais tarde a mesma pessôa precisar novamente de uma nova injecção antitetanica não se deve descuidar de avisar o medico que fez a tal injecção para que elle tome as precauções necessarias para este caso, porque sem estes cuidados podem sobrevir phenomenos de anaphylaxia de uma certa gravidade, que no emtanto podem ser evitados facilmente.

Mas ainda melhor que tudo isto é a grande descoberta feita pelo dr. Ramon. Conseguiu elle

Conselhos Praticos

E' este um processo muito simples para modificar o tom do colorido das flôres naturaes.

Despeja-se dentro de um prato uma certa quantidade de solução de ammoniaco, conhecida communmente por alcali volatil. Em seguida, colloca-se sobre este prato um funil virado, no tubo do qual collocam-se as flôres que se quer submetter á experiencia.

As flôres azues, violetas e purpureas tornar-se-hão de um bello verde; as flôres vermelhas, de um tom de carmim intenso, ficarão pretas; as brancas ficarão amarellas. As mudanças de matiz as mais extraordinarias serão obtidos com as flôres que reunam diversos tons, as partes vermelhas tornando-se verdes e as brancas amarellas etc.

As fuchsias de flôres brancas e vermelhas com a acção dos vapores ammoniacaes tornam-se azues, amarellas e verdes.

Logo que as flôres mudarem de colorido, é preciso immediatamente pôl-as nagua fria, ellas conservarão assim o seu novo colorido durante algumas horas; depois vão voltando lentamente ao seu colorido primitivo.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111. Rio de Janeiro.

Maria Almeida — Para alisar o seu cabello crespo lave a cabeça de 10 em 10 dias com *Shampoo-Pó* e passe diariamente a escova humedecida com o *Tonico n.* 10.

Julieta — Nos climas tropicaes a mudança de temperatura no inverno tem grande influencia sobre a pelle, que é extremamente sensivel. Aconselho-a a usar a *Loção de Embellezar a Pelle*, a qual lhe evitara as consequencias da acção do frio. Pode adoptar esta *Loção* como fixativo do pó d'arroz.

Mme. Regis — O meu *Pó d'Arroz Hygienico* é preparado nos dois tons branco e rosa.

Mlle. L. C. — Cada noite ao deitar-se com uma pequena escova molhada na *Loção para as Pestanas* passe sobre uma rolha queimada, alisando depois com ella os cilios. Em pouco tempo obterá pestanas negras e sedosas. Ao levantar lave os olhos com *Brilho dos Olhos*. Este preparado, sendo um excellente tonico, imprime fulgor ás pupillas.

Mme. Costa — Todos os dias depois do banho friccione o corpo com o *Perfume Selda*, cuja acção sobre a pelle evita a flacidez dos tecidos e satura a pelle de um aroma delicado, que se conserva durante 24 horas.

Mme. C. de O. — A minha *Loção para os Cravos* é remedio energico e efficaz. Deve applicar-se duas vezes ao dia, embebendo na *Loção* um pouco de algodão hydrophilo. Ha pelles delicadas que não supportam esta *Loção* sem addicionar-lhe agua, a quantidade necessaria para não deixar a pelle vermelha.

R. C. M. — Para extinguir a papada pratique a massagem com as costas das mãos untadas de *Crême de Massagem* desde o queixo em direcção ás orelhas. A massagem com o rolo pneumatico lhe trará resultados mais rapidos.

Mlle. Simon — Uma mulher linda que usa pó d'arroz côr de tijolo e rouge escuro por força da propria vontade torna sua pelle feia, cheia de rugas e cravos. Para ter uma boa pelle é indispensavel evitar o uso do pó d'arroz impuro, causador de muitas doenças cutaneas. Deve adoptar o rouge *Rosita* e o *Pó de Arroz Hygienico*, para a sua pelle morena o tom côr de rosa.

Pergunta-me porque recommendo o uso de um fixativo do pó d'arroz? O fixativo limpa a pelle das impurezas que se accumulam nos seus milhares de poros. A *Loção Adstringente* sendo a pelle oleosa, para a pelle secca a *Loção de Embellezar a Pelle*. Tanto a *Loção Adstringente* como a *Loção de Embellezar a Pelle* servem para conservar a mocidade e formosura da cutis.

M. K. — E' muito difficil convencer algumas pessoas de que a alimentação é a principal causa da sua doença. Mas na verdade ellas ingerem diariamente a doença com os alimentos que deveriam dar-lhes energia e vitalidade.

SELDA POTOCKA.

Consultorio Odontologico

Antonio de Castro (Minas Geraes) — Extracção.

Gonçalves (Minas Geraes) — Só o seu dentista.

João Crúz (Pernambuco) — Pyorrhéa alveolar. Experimente o tratamento pelo "Novropotin".

Um collega (S. Paulo) — Pericimentite por intoxicação.
O collega não pode continuar a usar para os canaes o formol puro.

Decio Milanez (Minas Geraes) — Use o seguinte dentifricio:

Acido phenico crystallisado, 5,0; Tintura de iodo, 10,0; Essencia de limão, 3,0; Essencia de hortelã, 5,0; Alcool a 90°, 1.000,0.

Dario de Mendonça (Minas Geraes) — Compressas de agua gelada.

Felix Buarque (Pernambuco) — No seu caso, uma coroa de ouro com tuberculos massiços.

Fernanda de Moraes (Minas Geraes) — Aconselho as compressas de agua vegeto-mineral camphorada.

Bochechos de acido tannico, 2,0; Tintura de iodo 4,0; Agua de hortelã, 500,0.

Tertuliano de Moraes (Pernambuco) — Extracção.

Gonçalves de Miranda (Pernambuco) — Não deve usar.

Maria do Carmo (Ribeirão Preto) — As informações são insufficientes.
Os dentes se acham abalados? Sente sensação de formigamento nas gengivas? Já perdeu algum dente apparentemente perfeito? Não se encontra em uso de injecções mercuriaes? Em que emprega a sua actividade? Soffre, porventura, de diabetes? Quantos annos tem? E' solteira ou casada? Si é casada, não está em periodo de gravidez? Não soffre do estomago ou intestino? Nunca fez uso de acidos para limpar seus dentes? ¿Qual o dentifricio que usa actualmente?

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar. — Tel. 1838 Central — Rio de Janeiro.*